

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

Bela, maternal e feminina:
imagens da mulher na
Revista Educação Physica

Silvana Vilodre Goellner

Dr. Milton José de Almeida
(orientador)

Este exemplar corresponde à redação
final da Tese de Doutorado
defendida por Silvana Vilodre
Goellner e aprovada pela Comissão
Julgadora.

Data:/...../.....

Assinatura:

.....

Orientador

COMISSÃO JULGADORA:

RESUMO: Este texto diz sobre diferentes imagens do corpo da mulher. Diz, mais particularmente, sobre as práticas corporais e esportivas e a visibilidade do corpo feminino no início deste século. Diz de algumas modificações políticas, econômicas e culturais da sociedade brasileira deste tempo, cujas conseqüências, ao mesmo tempo que possibilitam a exibição do corpo feminino promovem, também, estratégias para seu ocultamento. Diz sobre três temas específicos: beleza, maternidade e feminilidade. Essa pesquisa busca mostrar imagens da mulher presentes no primeiro periódico específico da Educação Física - a Revista Educação Física - publicada entre 1932 e 1945.

ABSTRACT: This text is about different images of the woman's body. More specifically, it refers to the corporal and sportive practices, as well as to the visibility of the feminine body in the 30th and 40th of this century. It discloses some political, economical and cultural modifications in the Brazilian society at that period, which had the consequence of making permissible the exhibition of the feminine body, while, at the same time, promoting strategies for its hiding. It refers to three specific topics: beauty, motherhood and femininity. This research intent to show the images of woman that was present in the first magazine about Physical Education - "Revista Educação Physica" - published between 1932-1945.

SUMÁRIO

Apresentação p.	01
Seja Bela p.	24
Seja Mãe p.	66
Seja Feminina p.	125
Referências Bibliográficas p.	181

“Não, nem a pergunta eu soubera fazer. No entanto, a resposta se impunha a mim desde que eu nascera. Fora por causa da resposta contínua que eu, em caminho inverso, fora obrigada a buscar a que pergunta ela respondia”.

(Clarice Lispector)

Para:

Luisa Goellner, Márcia Luiza Figueira, Manuela Hasse, Leda

Vilodre, Nina Sodré, Rita Buttes e Ingrid Baecker

AGRADECIMENTOS

Ao Milton José de Almeida, meu orientador.

Aos colegas do OLHO (Laboratório de Estudos Audio-Visuais da Faculdade de Educação da UNICAMP.

Aos professores e funcionários da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E, também, à Andrea Moreno, Silvio Ricardo da Silva, Rosalia Scorci, Carmen Lúcia Soares, Luiz Cesar Vilodre, Paulo Roberto Goellner, Renê Luiz Goellner, Cláudia Lemos, Maria Lúcia Figueira, Victor Andrade de Melo, Fátima Pilotto, Antônio Scorsi, Letícia Scorci, Maria Maura da Cunha, Mário Brauner, Vera Brauner, Margareth Rago, Leila Mirtes de Magalhães Pinto e Camila Moreno Silva

BELA, MATERNAL E FEMININA
- IMAGENS DA MULHER NA
REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA

Silvana Vilodre Goellner



Revista Educação Physica nº 37, dezembro 1939

Esse texto diz sobre imagens da mulher. Imagens produzidas no passado que, ao serem lembradas, dizem do tempo presente porque nele interpretadas e dizem do futuro porque já gravadas no nosso imaginário e na sensibilidade e inteligibilidade pelas quais as olhamos/entendemos e imaginamos o vir a ser.

Imagens ao mesmo tempo genéricas que expressam uma forma estética de exibir e de olhar o corpo feminino e específicas porque escolhidas em uma única fonte de pesquisa: a *Revista Educação Physica*. Imagens coletivas e individuais porque representativas de determinados valores sociais do tempo em que foram elaboradas e porque marcadas pelo olhar e pela história particular de quem as registrou/elaborou e de quem as viu/vê/ ou leu/lê.

Se esse texto diz sobre imagens da mulher, diz também sobre o primeiro periódico específico da Educação Física publicado no Brasil. Diz da Educação Física e de um período historicamente situado: 1932, quando da sua primeira edição e outubro de 1945, quando da última.

Entendendo as imagens não apenas como algo que pode ser apreendido pela acuidade visual mas como representação de sensações, ideologias, valores,

preconceitos e mensagens, procuro apresentá-las utilizando-me de uma forma narrativa que procura arrancá-las de um esquecimento/desconhecimento que é meu, que é da Educação Física e que é do meu tempo. Costuro interpretações através dos vestígios e testemunhos que escolhi para pesquisar e da minha imaginação, originada de um desejo que parte de um sentimento particular que é único e também diverso porque está molhado pelas escolhas e pelas pesquisas que a minha área de estudo vem produzindo no que diz respeito à interpretação e explicação de sua própria construção histórica.

Escrevo, portanto, a partir de imagens e textos escolhidos e narrados por um modo de investigar que, ao buscá-los no quando da sua produção, se propõe a apresentá-los dentro do que hoje podemos conhecer da revista em que foram registrados e da mediação que me é possível estabelecer entre o passado e o presente. Nesse particular, busco nas reflexões de Marc Bloch inspiração para conduzir minha investigação.¹

É tal a força de solidariedade das épocas que os laços de inteligibilidade entre elas se tecem verdadeiramente nos dois sentidos. A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja mais útil esforçarmo-nos por compreender o passado se nada sabemos do presente.²

Produzida num tempo de significativas mudanças econômicas, sociais e culturais na e da sociedade brasileira, a *Revista Educação Physica* expressa e registra, nas suas páginas, diferentes perspectivas de educar o corpo de mulheres e de homens, cuja energia física é observada como potencializadora de um gesto eficiente capaz de produzir mais e com maior rapidez.

O temor à degenerescência da raça e o robustecimento da força produtiva necessária ao desenvolvimento da economia nacional, evocam um maior controle sobre o corpo, objetivando resguardar e canalizar suas energias. Seja pela ótica do trabalho, seja pela do lazer, o trabalho corporal é reconhecido como essencial ao

¹ As citações que escolhi para comporem a escrita desse texto aparecerão sempre dentro de molduras: as de traço contínuo são reproduções de textos da *Revista Educação Physica*. As tracejadas referem-se a outras obras que não a *Revista*.

² Marc Bloch, *Introdução à História*, p. 42.

desenvolvimento da nação porque capaz de mobilizar, simultaneamente, duas energias: a do corpo individual e a do corpo social.

A essa representação corresponde uma imagem do corpo que, como uma unidade orgânica, tem a sua funcionalidade e utilidade associada aos mecanismos de produção de energia, para a qual o movimento, antes de ser uma necessidade, é algo que lhe é intrínseco.

Sigamos as palavras de Denise Sant'Anna:

Já no início deste século, os anúncios publicitários, na Europa e também no Brasil, ilustram o fato: elixires para acelerar o processo de digestão dos alimentos, estâncias balneárias e águas medicinais para limpar o organismo, desobstruir os canais de circulação dos fluxos, facilitando o aumento da produção de energia, exercícios para majorar o vigor dos corpos, atenção extremada à saúde dos pulmões, esse centro de combustão do corpo, tal qual ele é entendido nesta era da termodinâmica. Limpar, acelerar os movimentos, produzir mais rápido: tais são os enunciados dirigidos aos corpos humanos e às cidades, a cada organismo e a cada trabalhador.³

Movimentar o corpo indolente e preguiçoso, mais que uma vontade individual, é também uma intervenção política de controle e de cerceamento, pois sobre ele depositam-se saberes e poderes disciplinares orientados pela lógica do trabalho e da produção. Razão pela qual, as práticas corporais e esportivas são amplamente incentivadas pois, como possibilidade de divertimento e disciplinação, tornam-se representativas de uma sociedade que para se coroar prescinde tanto da liberação como da canalização produtiva de um gesto educado.

No Brasil, é a partir dos anos 30, por exemplo, que o Estado instituído se empenha em concretizar várias ações no campo específico das práticas corporais e esportivas, identificando a Educação Física e o esporte como espaços de intervenção na educação dos cidadãos, no sentido da valorização do corpo esteticamente belo e do aperfeiçoamento físico de corpos saudáveis e aptos, capazes de enfrentar os desafios da vida modernizada.⁴

³ Denise Bernuzzi de Sant'Anna, *Corpo e história*, p. 252.

⁴ Corresponde a esse período, por exemplo, a criação do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública (1931); da Escola de Educação Física do Exército (1933); da Divisão de Educação Física do Departamento Nacional de Educação (1937); da Escola

A euforia da e para com a Educação Física, exige e provoca a produção e a circulação de informações, tanto no que diz respeito à divulgação das conquistas e dos méritos esportivos de grupos e indivíduos como ao aprofundamento de conhecimentos científicos e pedagógicos sobre as diferentes possibilidades de movimentação do corpo. Uma vez divulgada a idéia da necessidade de um cuidado corporal para a aquisição e preservação da saúde, da beleza e da força produtiva, necessárias se fazem atitudes e situações voltadas para a consolidação dessa afirmação.

Respondendo às inquietações e às exigências de professores/as, treinadores/as, atletas e simpatizantes das práticas corporais e esportivas, em maio de 1932, surge o primeiro periódico específico da área da Educação Física⁵: a *Revista Técnica de Athletismo e Sports* que, a partir de seu terceiro número passa a chamar-se, simplesmente, *Revista Educação Physica*.⁶

Criada no Rio de Janeiro por um grupo de professores civis de Educação Física, liderados por Oswaldo Rezende e Paulo Lotufo e financiada por uma editora particular, a Cia. Do Brasil, a *Revista Educação Physica* conta, inicialmente, com o apoio de alguns nomes importantes da Educação Física da época, como por exemplo, Américo Netto, professor da Escola de Educação Física do Governo do Estado de São Paulo; Henry Sims, Diretor da Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro; Fred Brow, técnico da Confederação Brasileira de Desportos; Georges Summers, membro da Associação Cristã de Moços da América do Sul; Coelho Neto, escritor, entre outros.

Nos seus primeiros números, além dos textos escritos por esses autores, seus editores recorrem a outros articulistas e à tradução de artigos estrangeiros para viabilizar material a ser publicado e, assim, garantir não só a regularidade e continuidade da publicação mas também assegurar ao periódico um perfil científico,

Nacional de Educação Física e Desportos, junto à Universidade do Brasil (1939); a instalação da Comissão Nacional dos Desportos (1939); e do Conselho Nacional dos Desportos, em 1941.

⁵ Em outubro do mesmo ano foi lançada, também, a Revista Brasileira de Educação Física, órgão oficial de divulgação da Escola de Educação Física do Exército.

⁶ Para evitar confusões, sempre que me referir a este periódico estarei utilizando a denominação “*Revista Educação Physica*”, mesmo quando, pelas mudanças ortográficas ocorridas no país, sua grafia passou a ser Revista Educação Física.

transformando-o em uma fonte de consulta para profissionais da área e leigos interessados na Educação Física e nos esportes. Esclarece o primeiro editorial:

"Revista Technica que visa apoiar a causa da educação physica: Vulgarizando os principios scientificos que servem de base á educação physica; favorecendo o surto dos esportes, como factor de aperfeiçoamento da raça; incentivando a formação de technicos especialistas; propagando os fins moraes e sociaes das actividades physicas; despertando a atenção publica para este aspecto do problema educativo; coadjuvando o governo e instituições particulares na execução de seus programas de educação physica."⁷

Até setembro de 1936 a *Revista* circula com periodicidade semestral, sendo que no ano de 1935 apenas um número foi editado. A partir de 1937 sua edição será mensal, por vezes bimestral, até seu último número (88), de agosto/setembro de 1945. Ou seja, é durante o Estado Novo que a *Revista Educação Physica* adquire maior sistematicidade, circulação, produção e divulgação de conhecimentos técnicos, científicos, pedagógicos, estéticos e ideológicos. Período esse fértil também para a Educação Física e os esportes, identificados como colaboradores da construção do projeto nacional de engrandecimento da Pátria e fortalecimento da população.

Mesmo molhados pelo tempo presente do Estado Novo, algumas vezes, inspirando e sendo inspirados por suas realizações, os editores da *Revista* não a transformam num simples veículo de propaganda ideológica deste sistema político, ainda que essa estivesse presente. Em 1939, por exemplo, Hollanda Loyola, um técnico do Ministério de Educação do Estado Novo torna-se um dos seus diretores trazendo para as suas páginas o discurso doutrinário de quem era porta-voz, o que não significa afirmar que a *Revista Educação Physica* converte-se aos seus dogmas.

Há, antes, um compromisso com a divulgação da idéia de que a Educação Física e os esportes são fundamentais na formação da juventude e na preparação de mulheres e de homens para o enfrentamento dos obstáculos inerentes à vida cotidiana, urbana e moderna. Através de um discurso plural, algumas vezes doutrinário, outras não, a *Revista Educação Physica* divulga conselhos, receitas, conhecimentos táticos, técnicos e pedagógicos, informa sobre eventos esportivos e

⁷ Revista Educação Physica n.º 1, maio de 1932, p. 3.

científicos, indica novas publicações, enaltece heróis e heroínas, anuncia produtos e serviços e produz/reproduz conhecimentos de diferentes matizes políticos, metodológicos e ideológicos. Vejamos outro de seus editoriais:

A revista “Educação Física” contém:

As mais modernas teorias sobre a doutrina de Educação Física adotadas nos mais cultos países do mundo.

Instruções comentadas da Divisão de Educação Física do Ministério de Educação para os estabelecimentos de ensino e para as entidades desportivas do país.

Orientação da pedagogia da Educação Física para todas as idades de ambos os sexos.

Programas de ensino, estudo dos métodos, história, comentários, processos de execução, modelos de lição, respostas à qualquer consulta, etc.

Esportes em geral, regras, treinamento e técnica de todos os esportes, coletivos e individuais, terrestres e aquáticos.

Noticiário ilustrado e técnico do movimento desportivo no Brasil e no Mundo.

Construção de ginásios, de estádios, de piscinas, de aparelhos e de todo material relativo à educação física.

Medicina desportiva, ginástica corretiva, massagem, biometria, biotipologia, fisiologia do tratamento, etc.

Regras gerais e artigos especializados sobre saúde, higiene, alimentação, eugenia, cultura física, etc..

Em suma, literatura didática, pedagogia, psicologia, filosofia e altos estudos relativos à Educação Física.

A revista “Educação Física” é necessária:

Aos **professores e técnicos** porque é uma biblioteca condensada e de todos os assuntos relativos à sua profissão, através da qual poderão manter em dia os seus conhecimentos e aumentar o acervo de sua cultura especializada.

Aos **diretores de colégios** porque contem instruções oficiais comentadas e especificadas para o ensino da Educação Física nos estabelecimentos de ensino, facilitando-lhes assim uma direção racional e completa.

Aos **inspetores de ensino** porque os põe a par dos programas de ensino e dos meios que facilitam à fiscalização que lhes incumbe em todos os sentidos.

Aos **medicos** especializados em Educação Física porque publica as mais modernas teorias, observações e experiências sobre a medicina em geral aplicada à Educação Física e aos desportos.

Aos **alunos** de todos os cursos de Educação Física porque contem instruções, estudos e observações sobre todas as materias adotadas nos cursos da Escola de Educação Física e desportos.

Aos **pais de família** porque cogita, de forma particularizada, da educação integral dos seus filhos.

A **todos** enfim que se interessam pela sua própria saúde, pela conservação de suas qualidades físicas desenvolvidas e pelo aperfeiçoamento das qualidades morais.

A revista “EDUCAÇÃO FÍSICA” é a única publicação no genero em nosso país; a mais completa enciclopedia em assuntos de fisiocultura: recebe e publica colaboração dos mais afamados especialistas da America do Norte, da França, da Alemanha, da Itália, da Argentina, etc.; acompanha o progresso da Educação Física em todo o Mundo; é uma publicação que deve figurar como indispensavel em todas as bibliotecas.⁸

Afirmar a *Revista Educação Physica* como não ideológica pode ser ingênuo ou pernicioso, como também o é reduzi-la a um instrumento doutrinário do Estado Novo. Há, nas suas páginas, uma tensão em movimento: ainda que seja plural, essa pluralidade é afirmada consoante as funções e os papéis atribuídos aos esportes e à Educação Física no que diz respeito à construção e consolidação de diferentes ideais nacionalistas. Não necessariamente vinculados ao Estado Novo nem ao nazi-fascismo.

Nas suas páginas encontram-se textos de autores de diferentes países, com diferentes orientações político-ideológicas. Argentina, Chile, Uruguai, Estados Unidos, Suécia, Suiça, Portugal, Espanha, Alemanha, Tchecoslováquia, União Soviética, Itália, Polônia, Noruega, França, Japão, para citar alguns. Parte destes textos são enviados pelos próprios autores, outros são traduções de fragmentos de livros ou de artigos publicados em periódicos internacionais, escolhidos pelos editores da *Revista* para serem apresentados aos seus leitores. São textos e imagens que não hegemonizam conceitos e concepções de esportes e Educação Física. Contemplam, sim, diferentes olhares sobre estas práticas corporais que, apesar de proporcionarem algumas variações, têm entre si características semelhantes, em especial, a ênfase que atribuem à exercitação física na aquisição e manutenção da saúde individual e, algumas vezes, social.

Em outras palavras: a afirmação que a *Revista* faz sobre a importância das práticas corporais e esportivas no processo de formação física e moral da juventude, da regeneração da raça, do cuidado para com a saúde e a beleza, por exemplo, não pode ser atribuída especificamente ao Estado Novo ou a sistemas políticos afins. Mesmo que esse discurso neles esteja presente. Vejamos alguns fragmentos de textos publicados pela *Revista Educação Physica*:

⁸ Revista Educação Physica n.º 37, dezembro de 1939, p. 80.

A CULTURA PHYSICA É O SUBSTRATO DA BELLEZA E DA SAUDE

Dr. Pierre Chevillet

De “La Culture Physique” - França

O corpo humano é conhecido segundo um plano natural, imutavel e bello: todos os caracteres desejáveis são solidarios: a beleza de um povo não pode ser a consequencia de uma fraqueza physiologica. (...) Os exercicios de cultura physica, foram imaginados para a conservação normal desse estado, tão desejavel e tão bello. Persegue-se tal finalidade desde 1885. Pode ser qualificada: a procura da beleza para obtenção da saude e da força. Insisto, com effeito, sobre exata lei natural, inelutavel: Se o sêr organizado possui bellas formas physicas, possui também excellente physiologia, isto é, uma saude perfeita. Possui vigor, é bello.

Cidadãos, cidadãs, amorosos da saude, da beleza, vós realizeis esse desejo pela cultura physica cujo ideal não é a brutalidade muscular, mas a saude baseada nas formas corporaes. Vós que sois mal conformados. Candidatos às enfermidades chronicas, modelae um bello corpo e alcanceis a saude.⁹

VOLTA À NATUREZA

Braulio Laurencena Drescher

Instituto Technico ACM Sul-Americanas - Montevideo

(...) Nossa “civilização”, artificiosa e luzente, produziu demasiado luxo, fazendo-nos perder muitas qualidades physicas - e também moraes - As tendencias sedentarias de nossa civilização estão fora de discussão por demasiado evidentes e são, sem duvida, a causa da decadencia physica da raça. As enfermidades se multiplicam porque os organismos são demasiado debeis para resistir.

Procura-se corrigir este erro da civilização por meio das praças de esportes, acampamentos, excursões e mais amplos contatos com a natureza. (...) É necessario precaver-se contra os efeitos da decadencia da raça.¹⁰

Quasi todos os paizes da Europa e alguns da America augmentaram extraordinariamente os seus orçamentos militares. A Inglaterra e a Itália, por exemplo, vão gastar quantias fabulosas com a construcção de novos navios de guerra. A França e a Allemanha preocuparam-se mais com o exercito e a aviação.

⁹ Revista Educação Physica n.º 20, julho de 1938, p. 13-14.

¹⁰ Revista Educação Physica n.º 17, abril de 1938, p. 24-26.

Enquanto isso, a Finlândia, “o pequeno grande país esportivo”, forneceu um belíssimo exemplo, de interesse pelo robustecimento do seu povo e de falta de paixão pelo militarismo.

A Finlândia reduziu os seus orçamentos militares de 20%, revertendo a economia em benefício da educação do povo, sendo metade para a construção de escolas, melhoramento de instalações, etc, e metade para a difusão dos esportes, da cultura física, com construção de ginasios, estádios, premios, etc. (...) Quantos benefícios obteriam os demais povos, se seus governantes assumissem a mesma atitude dos dirigentes da Finlândia.¹¹

FUNÇÃO DA EDUCAÇÃO PHYSICA

B. C. Tighe
Fargo Senior High Scholl, USA

A EDUCAÇÃO FÍSICA deve proporcionar mais alegria e felicidade ao homem, facilitar-lhe uma vida mais bela e mais dinâmica. É de primária importância, em nosso país, o bem estar individual. É para o seu bem estar que existe o estado. Como corolário, segue que o estado será mais forte em proporção direta ao contentamento e satisfação de que goza o povo. (...) Há ainda outra função da educação física, importantíssima em face da transição econômica por que passam certos países como os Estados Unidos da América do Norte. A educação física pode ser prestada no prover um programa útil e agradável para jovens e adultos durante as horas livres.

(...) Assim como os estadistas e economistas desenvolvem uma economia dirigida de produção e distribuição de riqueza, precisam os educadores físicos planejar e inaugurar um programa nacional de expressão física para o povo. É este o momento de pôr mãos à obra. A inatividade e a conduta desorientada das massas, que dispõem de larga margem de tempo vago, acelerarão a decadência social e a desintegração moral, a menos que sejam salvas das loucuras de seus próprios desejos. Penetrem-se os fisio-educadores, por conseguinte, da grave responsabilidade que hoje, mais do que nunca, lhes pesa sobre os ombros: em suas mãos repousa o futuro da nação.¹²

Há ainda um outro texto na *Revista* cujo conteúdo movimentava a tensão que permeia este periódico no que diz respeito a sua identificação com os ideais nazifascistas dos anos 30 e 40. Publicado em 1944, portanto, depois do Brasil ter declarado guerra à Alemanha e à Itália¹³, o texto que não tem autor faz uma crítica à

¹¹ Revista Educação Física n.º 14, janeiro de 1938, p. 52.

¹² Revista Educação Física n.º 46, setembro de 1940, p. 60-61 e 73.

¹³ Em 31 de agosto de 1942, Getúlio Vargas declarou seu apoio aos países Aliados (EUA, França, Reino Unido, China e URSS) contra as nações do Eixo (Alemanha, Japão e Itália) mas só começou a enviar tropas ao campo de batalha em julho de 1944.

invasão nazista na Noruega, em especial, os efeitos que esta invasão teve sobre os atletas daquele país. Publica a *Revista*:

DESPORTISTAS EM GREVE?

Um importante papel do Home-front (frente interna da Noruega) vem sendo representado pelos inumeros clubes esportivos da Noruega contra a política de nazificação que tentam realizar os alemães também no ramo esportivo.

Já em 1940, quando os quislings, agindo sob ordem alemã, começaram com seus esforços para nazificar a grande Organização dos Esportes e também os clubes individuais, foi declarada a greve desportista que ainda está em vigor e que é talvez a mais longa na história do país.

De acordo com os planos nazista, todos os clubes e associações desportivas deviam ser colocados sob o controle da “Associação Nacional de Esporte” nazista, de cima para baixo, quer dizer que deviam ser nomeados pelas autoridades os dirigentes dos clubes em lugar de serem eleitos seus membros. (...) Na sua fúria os nazistas usaram sucessivamente os meios mais brutais e crueis para quebrar o animo de resistencia. Himmler foi a Oslo e fez ameaças. Tudo inutil. Birger Ruud, campeão mundial e olímpico, declarou que preferia jogar os “esquies” numa fogueira a disputar obrigatoriamente com os nazistas. A Gestapo entrou a agir. Centenas de atletas foram remetidos para os campos de concentração, inclusive Ivar Ballangrad. E os campeões Christian Aubert e Tor Salvasen foram torturados até à morte. Mas a greve continua e continuará até o dia em que a Noruega seja de novo livre numa Europa livre.¹⁴

Ainda que tenham criticado o nazismo, cabe registrar que os editores da *Revista* somente o fizeram quando oficialmente o governo brasileiro já o tinha feito. Ou seja, enquanto julgou conveniente divulgar os ideais eugênicos e higiênicos daquele país como possibilidade de conferir importância à Educação Física nacional o fez, sem receio. No entanto, quando as forças políticas alteraram, esta também alterou sua posição, sutilmente, de forma a não contrariar o poder instituído¹⁵.

Identificada como uma das primeiras publicações a atender um público diverso cujo interesse comum demarca uma especificidade - a Educação Física e os esportes - a *Revista Educação Physica* parece ter tido uma ampla circulação. Não há registro da sua tiragem. No entanto, o número de correspondentes, redatores nacionais e internacionais e representantes descritos na ficha técnica de vários de

¹⁴ Revista Educação Physica n.º 83, setembro e outubro de 1944, p. 13.

¹⁵ Sobre esse tema ler Edivaldo Góis Júnior, A Revista Educação Physica (1932-1945): relatos e discussões.

seus números sublinha tal possibilidade, abrangendo vários Estados do território nacional, diferentes países da América do Sul e alguns países europeus.¹⁶

Outro indicativo da sua grande circulação reside na constatação de que a *Revista*, não raras vezes, é citada e utilizada como fonte de pesquisa em diferentes trabalhos sobre história da Educação Física e esportes, por autores/as de diferentes partes do país, o que me faz crer que, muitos de seus números, ainda hoje, compõem o acervo das bibliotecas das Escolas Superiores de Educação Física.¹⁷

O editorial da *Revista* nº 79-80, publicada em 1944 é dedicado à comemoração dos seus 12 anos de existência. Intitulado “Doze anos de luta e perseverança” rememora alguns aspectos de sua história:

Doze anos de esforços, de lutas contínuas, de verdadeiros sacrifícios para realizar o programa a que se havia proposto. Sem qualquer apóio oficial, mantendo-se à custa própria, cobrindo as suas despesas com o produto da publicidade selecionada que exigia- regeitando sempre anúncios de emprêsas que atentavam contra a economia popular ou que encobriam fins pouco patrióticos - com as assinaturas e vendas avulsa que seus milhares de leitores sempre lhe asseguraram, “Educação Física” pode orgulhar-se de haver colaborado eficientemente numa das mais importantes causas nacionais, como foi ser a educação física do povo brasileiro. (...) Em maio de 1932, aparecia nesta cidade, sob o título “Educação Physica” a primeira revista que, n gênero, se editou no Brasil (...). A aceitação que a novel publicação teve por parte do reduzido público que então se interessava pelo assunto animou os seus fundadores a transformar a periodicidade de semestral e quadrimestral, depois trimestral, a seguir bimestral até se tornar mensal. O nome que desfruta “Educação Física” no Brasil e nos demais países da América é o atestado vivo da maneira pela qual vem desempenhando a sua missão.¹⁸

Se a *Revista Educação Physica* foi importante no momento de sua circulação ainda o é na atualidade porque permite conhecer a produção de diferentes mulheres e homens, cujas contribuições marcaram o fazer da Educação Física, pelo que

¹⁶ Em setembro de 1933, na sua terceira edição, a *Revista Educação Physica* registra 17 colaboradores efetivos, 16 redatores e 29 representantes, cuja responsabilidade era divulgar a *Revista*. Estes representantes estão localizados nos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Santa Catarina, Alagoas, Paraná, Pernambuco, Ceará e nos seguintes países: Argentina, Uruguai, Chile e Portugal.

¹⁷ Esta constatação pode ser verificada nos anais de diversos encontros e congressos realizados na área da Educação Física, como por exemplo, os Anais do Congresso Nacional de História da Educação Física, Esporte e Lazer, realizado a cada ano deste 1993. Muitos dos trabalhos lá publicados utilizam a *Revista Educação Physica* como uma de suas fontes.

¹⁸ *Revista Educação Physica* n.º 79-80, maio-junho de 1944, p. 5.

explicitaram e/ou deixaram de explicitar. Permite, também, passear por um tempo que é passado e é presente pois, apesar de distante na cronologia, carrega em si proximidades com representações, conceitos e preconceitos, formulações teóricas, construções estéticas, políticas e ideológicas desse tempo que é hoje e que é nosso.

E assim escrevo este texto: procurando nos fragmentos do passado, vínculos, persistências e possibilidades com o presente e o futuro, não no seu desenrolar contínuo e cronológico mas na descontinuidade dos enlaces que entre eles se vão construindo. E que eu também construo.

Sigo Walter Benjamin na compreensão do entrecruzamento dos tempos, ciente de que articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Apenas apropriar-se de algumas suas reminiscências interpretando-as à luz presente. Afinal,

O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não fomos tocados por um sopro de ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração foi-nos concedida uma frágil força messiânica para o qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente (...).¹⁹

Se sou chamada pelos apelos do passado, apelo, também, ao passado para melhor compreender o presente.

Construo e narro uma história sobre as imagens do corpo feminino presentes em um periódico específico. Situado em um tempo também específico. Construo e narro essa história através de intervalos significativos. Isto é, lendo o não escrito da *Revista Educação Physica*; aquele espaço existente entre o que ela mostrou e o que deixou de mostrar, pois compreendo que as suas imagens e seus textos falam, também, pelo seu silêncio, exibem pelo que ocultam, fazem conhecer pelo que desconhecem.

Para construir esse modo de olhar a *Revista*, busquei inspiração nas reflexões que Milton José de Almeida faz sobre cinema e sobre o processo de inteligibilidade

¹⁹ Walter Benjamin, Sobre o conceito de história, p. 223.

de qualquer narração, visual ou não. Mais especificamente, quando escreve sobre o intervalo de significação que identifica existir, por exemplo, entre uma e outra cena de um filme e que faz com que as pessoas tenham sentimentos e opiniões distintas, mesmo que assistido as mesmas imagens. Vejamos:

Esse intervalo que vai dar sentido ao que está sendo narrado não é um intervalo vazio. Ao contrário, é o mais pleno: nele acontece e age a história do espectador, a história como memória e sentimentos próximos, sua vida única e irreduzível e a história como memória e sentimentos coletivos, sua vida social e redutível à todos. Medos pessoais e medos coletivos, prazeres únicos e prazeres compartilhados. Eu e todos. Um intervalo em que a ilusão de ser único tensiona a ilusão de ser histórico. E a intelegibilidade de um filme acontece nesse misterioso intervalo, entre os cortes e as cenas escolhidas para serem vistas, editadas e montadas, de acordo com a possível e efetiva produção final de um filme, com tudo de artístico e de ideológico no momento da produção deste filme.²⁰

Por certo a *Revista Educação Physica* não é um filme. Suas imagens e seus textos não chegam aos nossos olhos em movimento. São junções de traços e pontos escuros que estaticamente estão fixados sobre o branco do papel agora amarelado. No entanto, produzem movimento. São palavras e imagens que movimentam o pensamento, as emoções e a inteligência de quem as observa. Que desafiam o olhar, enriquecendo-o na medida em que são reconhecidos os intervalos significativos existentes no interior de cada página. Naquele pequeno instante em que o leitor dialoga com o que lê, permitindo o despertar de leituras diversas sem encarcerar o que olha a uma ou outra teoria, tentando comprovar sua utilidade, veracidade e existência.

É no conflito e na tensão entre os intervalos existentes nas páginas da *Revista* que construo esse trabalho. Através destes intervalos silenciosos que muito dizem porque possibilitam que, através deles, eu encontre espaço para exercitar minha individualidade e, assim, conferir sentido ao que está sendo narrado. Um sentido que é meu, individual e também é social, porque molhado pelo tempo onde vivo e escrevo. De outro jeito: é atribuindo significação a esses intervalos que posso

²⁰ Milton José de Almeida, *Cinema - arte da memória e da sociedade*, p. 13.

conhecer e imaginar esse tempo que não me pertence e, a partir de então, conhecer e imaginar as representações lá construídas e reproduzidas para o sexo feminino.

Olho a *Revista Educação Physica* tentando compreender seu entorno e o que dos valores, preconceitos e ideologias lá presentes reproduzem-se no seu interior. Procuo, através dos seus intervalos, ir além deste primeiro olhar, para não me deter em uma explicação factual e dedutível, restringindo possibilidades de interpretação, mesmo que esta seja justificada por teorias políticas, filosóficas, estéticas e sociológicas. Afinal,

Utilizar teorias lógicas e claras para explicar um afresco ou um filme, é acreditar que este tipo de obra tenha também uma origem lógica e clara, mesmo que não a deixe transparecer. Como se o constructo mental que dá forma à teoria explicativa fosse pré-existente ao objeto que ela deseja interpretar. A interpretação deve partir do caos aparente da imagem, encarar o mistério dos intervalos significantes e valer-se também do caos das teorias, não ter medo do seu aparente conflito.²¹

Conviver com o conflito da *Revista* não é tarefa fácil. Ao contrário: é penosa e desestabilizadora porque rompe com qualquer desejo de classificá-la como pertencente a esta ou aquela tendência pedagógica, corrente ideológica ou vertente política. Viver o conflito da *Revista* é afirmá-la plural. É devassar dentro da sua aparente unicidade, a pluralidade dos discursos e das imagens que publica. É identificar o que permanece e o que não mais se mantém consoante as escolhas políticas, religiosas, morais e estéticas, possíveis de, naquele tempo, serem realizadas. É tensionar a semelhança e a diferença.

Afinal, a *Revista Educação Physica* elabora, reelabora e reproduz imagens e textos apreendidos pela memória, pela sensibilidade e pela inteligibilidade de sujeitos que são diferentes entre si, portadores de distintos olhares sobre o corpo mulheres e de homens e sua capacidade e possibilidade de movimentação. Olhares distintos e que são também semelhantes porque pertencentes a uma mesma época e a um modo específico de ver esses corpos. Olhares construídos a partir das convenções morais, sociais, culturais e econômicas dominantes para as quais foram/são

²¹ Ibidem.

produzidas representações de homem/mulher, de feminilidade/masculinidade, de obscenidade/pureza, de beleza e de saúde corporal.

A *Revista Educação Physica*, embora não trate especificamente da Educação Física feminina, reproduz, cria e recria diferentes imagens do corpo da mulher. Imagens descritas em palavras, imagens desenhadas e fotografadas que representam corpos reais e idealizados e que são assumidas ou não pelas leitoras. Imagens que registram corpos estáticos ou em movimento, sobre os quais circulam diferentes tensões: curiosidade e desconsideração, liberdade e vigilância, transgressão e adequação, exibição e ocultamento, sensualidade e ascetismo.

Ainda que seja impossível falar no singular - “corpo da mulher”- porque as mulheres são diversas entre si, portadoras de variados interesses, necessidades, vontades, desejos, sentimentos e formas de ver o mundo e a si mesmas e porque de diferentes raças, classes, religiões, idades e grupos sociais, no que se refere às imagens do feminino, a *Revista Educação Physica* pouco movimento confere à tensão entre o singular e o plural.

Ao desenhar identidades visuais e comportamentais, toma como referência a mulher adulta jovem, branca, heterossexual e de classe média, para as quais as atividades físicas e esportivas, além de estarem relacionadas com a construção de um estado satisfatório de saúde, representam exercícios de sociabilidade que afirmam em espaços tidos como de domínio masculino: a rua, o clube, a hípica, os estádios e ginásios, a piscina, as praças e parques, enfim, espaços urbanos que acolhem a prática da exercitação física.

Há, nas suas páginas, tanto o incentivo como a repressão à mulher no que diz respeito a sua vida individual e social. Mesclam-se diferentes conselhos, prescrições e recomendações ora impulsionando-a a transgredir determinados códigos sociais e sexuais tomados como naturais, ora cerceando possíveis ousadias.

A prática esportiva, o cuidado com a aparência, o desnudamento do corpo e o uso de artifícios estéticos, por exemplo, são identificados como impulsionadores da modernização da mulher e da sua auto-afirmação na sociedade e, pelo seu contrário, como de natureza vulgar que a aproxima do universo da desonra e da prostituição.

Discursos progressistas e moralistas recheiam com entusiasmo e emoção as suas páginas, seduzindo e desafiando mulheres tanto para a exibição como para o ocultamento de seus corpos, forjando e criticando novas formas de cuidar de si, reforçando e amenizando a exibição pública do seu corpo como pertencente ao universo pagão das impurezas e obscenidades.

A *Revista Educação Physica* exhibe diferentes recomendações para as mulheres. Se, por um lado, critica a indolência, a falta de exercícios físicos, o excesso de roupas, o confinamento no lar, por outro, cerceia possíveis atrevimentos. Afirma um discurso voltado para a produção da “nova mulher”: moderna, ágil, companheira, responsável, capaz de enfrentar os desafios dos novos tempos. No entanto, a representação construída desta “nova mulher” traz poucas possibilidades de construção de um efetivo projeto de emancipação feminina na medida em que, suas “conquistas” devem estar ajustadas aos seus deveres. De outro jeito: precisa ousar sem com isso, esquecer de preservar suas virtudes, suas características gráceis e feminis nem abandonar o cumprimento daqueles deveres que, ao longo da existência, lhe foram designados: o cuidado com o lar e a educação dos filhos.

Não podemos esquecer que nas primeiras décadas deste século, acelera-se o processo de modernização do país, cujo declínio da produção agrária, em andamento desde meados do século XIX e, em especial, depois da abolição da mão de obra escrava, torna-se fator decisivo para a hipertrofia urbana. As cidades, que outrora tinham sido complementos do mundo rural, adquirem vida própria e primazia transformando os centros rurais em “colônias” a fornecer os subsídios para seu abastecimento.²²

A urgência de civilizar o país, modernizá-lo, espelhá-lo nas potências industriais e inseri-lo no mercado de capitais redefine hábitos, atitudes e comportamentos de homens e de mulheres na medida em modificam-se, também, a oferta de serviços e produtos, as possibilidades de trabalho e de divertimento.

A família patriarcal rural, comandada pelo pai detentor de enorme poder sobre seus dependentes, agregados e escravos, reestrutura-se diante das novas demandas remodelando a imagem da mulher visto que está a se forjar uma outra

²² Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, p. 171-173.

mentalidade - a burguesa²³ - reorganizadora das vivências sociais, familiares e domésticas, do tempo e da atividade feminina, do cuidado com o corpo e com a saúde.

A educação da mulher, o mercado de trabalho feminino, a redefinição do papel social das esposas da elite que, ao mesmo tempo, que circulam nas ruas para comprar e se divertir, abrem as portas das suas casas oferecendo festas, saraus, reuniões exibindo seu status econômico e cultural, se por um lado, são necessárias a esta nova organização social, por outro, são consideradas como uma ameaça ao núcleo familiar.

Teme-se, sobretudo, a dissolução da família, considerada como responsável pela manutenção da ordem social e pela educação da infância, potencial a ser desenvolvido para o enriquecimento da nação. Assim, sob a tutela da eugenia, entendida neste período como uma ciência e como um movimento social, reforça-se a idéia do casamento e da reprodução como indispensáveis à preservação da higiene social e da ordem pública.

A ginástica, os esportes, a dança, o contato com a natureza, os banho de mar, os passeios ciclísticos, as caminhadas, à exposição do corpo ao sol, os cinemas, o “footing”, os saraus, os desfiles de moda, os concursos de beleza, as viagens, a patinação, o corso, conduzir o automóvel e a motocicleta, ao lado de outras práticas de lazer e divertimento, desenham o elenco das novas necessidades sociais, ao mesmo tempo que potencializam a visibilidade das mulheres no espaço urbano. São práticas incentivadas pela *Revista* e ao mesmo tempo colocadas em suspeição, visto que poderiam, se mal realizadas, romper com determinadas regras sociais e sexuais tomadas como naturais. E, por esse motivo, ameaçar a família nuclear urbana.

No campo das atividades corporais e esportivas são muitas as tentações. As ruas exibem novidades e convocam a população para desfrutar de seus prazeres: as máquinas se diversificam e tornam-se mais audaciosas. Os automóveis, aviões, navios e barcos, a motocicleta, os dirigíveis, tornam-se desafios a serem dominados pela ousadia humana do mesmo modo que os esportes, além de representarem uma acessível opção de divertimento, cumprem uma função de destruição da rotina, tanto

²³ Maria Ângela D’Incao, *Mulher e família burguesa*, p. 223.

porque provocam uma excitação agradável, como porque afirmam-se como um dos principais meios de identificação coletiva.²⁴

Proliferam, nos centros urbanos, os clubes recreativos, as agremiações, as federações, os campeonatos, as regatas, as travessias, as demonstrações atléticas, os clubes de ginástica, os certames esportivos, os parques de lazer, os campos de futebol, os estádios ao mesmo tempo que multiplicam-se os espectadores e os participantes. As competições arregimentam pessoas de todos os bairros, de todas as raças, de todos os gêneros, de todas as idades, de todas as classes sociais, promovendo o confronto e o encontro das partes, imprimindo nas cidades a imagem do espetáculo.

Ainda que a prática esportiva feminina não seja novidade neste tempo²⁵, as mulheres não se eximem de ampliar e diversificar sua participação em competições, apesar de constituírem um número bem menor se comparada aos homens. Turfe, remo, natação, saltos ornamentais, esgrima, tênis, atletismo, arco e flecha, voleibol, basquetebol, ginástica e ciclismo, são algumas das modalidades que, inicialmente, registram o maior número de atletas mulheres.

Atentos aos acontecimentos esportivos de sua época, os editores da *Revista Educação Physica*, se empenham em incentivar a prática esportiva feminina recorrendo a diferentes estilos discursivos e fontes iconográficas para fazer valer suas intenções. Publicam artigos científicos, filosóficos e pedagógicos, depoimentos pessoais, crônicas, pequenas biografias de esportistas famosas, fotografias, desenhos, charges, fotos desenhadas, calendário e tabela de resultados de competições femininas, propaganda de roupas adequadas à prática esportiva, anúncio de instituições de ensino que adotam em seus currículos a prática de atividades físicas para meninas e moças, entre outros. Divulgam idéias, produtos e serviços necessários à vida que se agita e que, num átimo, conferem às mulheres e às cidades um tom mais moderno e sensual.

²⁴ Norbert Elias e Eric Dunning, *A busca da excitação*, p. 322-323.

²⁵ No Brasil, já no final do século XIX é possível observar atletas femininas competindo, principalmente, em provas de turfe, ciclismo, e atletismo. Sobre esse assunto ver: Carlos F. Cunha Júnior, Helena Altmann, Silvana Goellner e Victor Melo, *Women and sport in Brazil*, p. 2.

UM PHYSICO ATRAHENTE

Dr. Fernandez Riera

Não podemos resistir à tentação de relatar um interessantíssimo episódio do qual tivemos oportunidade de ser espectadores recentemente.

As duas mais perfeitas representantes de typos femininos opostos achavam-se sentadas frente á frente, em nossa mesa. Uma dellas, de estatura pequena, porem bem proporcionada, personificava a propria vivacidade: falava, movia-se, ria, gesticulava, a um tempo, os olhos brilhantes e o gesto desenvolto. Todos os comensales estavam pendentos de seus labios. Todos menos nós, que não deixavamos um só momento, de observar, em conjunto, a scena. A outra, mais alta, mais corpulenta, mais “senhora”, parecia constituir a antithese: maneiras pausadas, falar lento e cuidadoso, vestido sereno. Sabíamos que ambas contavam mais ou menos a mesma idade. Entretanto, quem não tivesse ao par das coisas, teria apostado que a ultima era, pelo menos, dez annos mais velha do que a outra. Chegamos á sobremesa, depois ao café. A palestra proseguiu no mesmo tom, dirigindo-a, a menor das duas amigas. Os temas giravam sempre em torno de projectos, entre elles uma viagem a pé e completamente só através das serras. Ella mesma se comprazia em evocar obstaculos para removel-os immediatamente. Falava com entusiasmo do assumpto e via-se que tudo correspondia a um plano maduramente estudado e que ella estava decidida a leval-o a cabo.

Enquanto falava, nós observavamos no rosto da outra, tão graphicamente representado como numa tela de cinema, as emoções mais diversas, os labios apertados, o olhar fixo, via-se que soffria intensamente. Cada triumpho da outra significava uma derrota para ella. Por fim, não pôde mais.

- Oh! querida! - explodiu ella - como podes em tua idade pensar em taes coisas, se és mais velha do que eu?

Esperavamos esse desabafo e o temiamos. Mas o silencio embaraçoso que se produziu foi immediatamente interrompido com uma resposta decisiva:

- Não desperdices esses impulsos do teu coração. Bem sabes que penso viver a minha vida agora e não quando já seja tarde em demasia.

Que resposta interessante! Que coragem, a daquela moça! Que determinação para obter o triumpho, até conseguil-o tão sómente com a sua força de vontade. Conheciamos as duas e sabiamos como as suas vidas tinham evolucionado: uma praticando sports, mantendo a juventude, conservando-se sadia no espirito e no physico; outra desaborando os exercicios physicos.

Os sports formaram a personalidade da primeira, dando realce. A segunda era uma creatura vulgar.²⁶

Coragem, ousadia, liberdade de movimentos e ações, esperteza, sagacidade, sensualidade são atributos que compõem a imagem que a *Revista Educação Physica* identifica como própria da “nova mulher”. Atributos estes originados do discurso e do desejo masculino porque, geralmente, são os homens que escrevem e ilustram

²⁶ Revista Educação Physica nº 12, novembro de 1937, p. 12-13.

suas páginas. São eles que atribuem mais ou menos voz à fala das mulheres, através de temas que envolvem questões como, por exemplo, padrões estéticos, qualidades que definem a feminilidade, cuidados com a saúde reprodutiva, vestuário esportivo, conselhos morais, entre outros. São eles, também, que mostram o corpo feminino. Decidem o ângulo, o enquadramento, as qualidades técnicas da fotografia, bem como sua disposição no interior da *Revista*. Enfim, o quê deste corpo deve ser realçado e o que deve ser escondido.

Apesar da predominância da escrita dos homens, também há, na *Revista*, a presença do discurso das mulheres. Feito não tanto por palavras mas por gestos fotografados. Construído de imagens e de silêncios.

Diferentes mulheres exibem seus corpos, posam para fotografias, simulam posturas que são perpetuadas em imagens afirmativas que transmitem mensagem estéticas e ideológicas e que são gravadas na memória para que sejam entendidas. No espaço onde se mostram, as mulheres são sujeitos do discurso das imagens e de uma estética que busca generalizar traços e percepções a partir de um olhar que expõe o seu corpo tornando-o objeto de desejo, ao mesmo tempo, que reprime esse desejo que colaborou para despertar.

Discurso que se faz sem contrapor-se ao masculino. Silencioso, reforça representações dominantes de beleza, saúde e feminilidade através da exposição de uma sensualidade cujos limites adquirem os contornos ditados pelo programa visual da *Revista*. Ou seja, dentro do que seus editores desejam publicar e dentro do que, neste tempo, era proibido e permitido divulgar consoante não apenas aos preceitos éticos e morais mas também aos conhecimentos técnicos existentes de produção e reprodução de imagens.

As fotos de mulheres que a *Revista Educação Physica* exhibe são frases silenciosas. Dizem o que seus editores pretendem dizer, embora saibamos que as imagens adquirem significados não apenas pelo que exibem. Mas pelo que em nós reverbera no momento em que somos chamados à observá-las. Pelo que já é por nós conhecido e pelo que, do universo imagético, já está incorporado em nós. Afinal, as imagens não são apenas observados por nossos olhos. Elas invadem nossos sentidos e deixam marcas no nosso corpo.

Por isso são atuais as imagens da *Revista Educação Physica*, ainda que publicadas há mais de meio século. Fazem parte da formação de nossa sensibilidade e inteligibilidade porque gravadas em nossa memória individual e social. Rememorá-las, trazê-las do passado é, portanto, compreender o presente. Ver-se nele e através dele. Interagir, dialogar, conhecer e intervir.

Na *Revista*, as imagens que retratam mulheres exibindo corpos belos, saudáveis e bem dispostos, ao se juntarem às palavras, adquirem um tom de ordem: “Faça ginástica”, “Aprenda a usar seus músculos corretamente”, “Verifique se sua beleza é moderna”, “Fortaleça seu busto”, “Ame a Pátria”... Ou seja: não coloque em dúvida o fato de fazer ou não ginástica, de usar ou não corretamente os músculos ou de amar ou não a Pátria. Simplesmente, faça, use, ame.

Assim, explicada através do seu corpo, a mulher ilustra e dá significado ao corpo da *Revista Educação Physica*, arregimentando sobre si textos e imagens que sugerem, direta ou indiretamente, aquilo que convencionalmente se designou como imperativo de seu sexo: seja bela, seja mãe e seja feminina.

E é sobre estes imperativos que diz este trabalho.

SEJA BELA

O que é, então, a beleza? “Uma promessa de felicidade” afirma Stendhal, desenhando o espaço do desejo. O sentimento de bem-estar ou de sofrimento que nos proporciona a contemplação de um objecto, de uma paisagem, de um ser harmonioso, não sendo talvez, essa harmonia senão a conformidade a normas de uma época. Porque o olhar é simultaneamente tirânico e submisso. Para dele nos libertarmos “é permitido fechar os olhos”, como diz Freud. E Levinas: “A melhor maneira de encontrar outrem, é nem sequer lhe ver a cor dos olhos”. Porque a estética é também uma violência.¹

Não é pequena a aproximação que a *Revista Educação Física* faz entre a prática de atividades físicas e a beleza feminina. Em várias das suas páginas, discursos e imagens exibem aos olhos do leitor e da leitora regras, cânones e ideais de perfeição corporal.

Diferentes aspectos da beleza feminina são expressas em artigos de cunho científico, conselhos médicos, dicas e truques para melhor cuidar do corpo, propagandas de produtos que buscam melhorar a aparência física e notas sobre a moda esportiva, afirmando que as práticas corporais embelezam as mulheres ao mesmo tempo que colaboram na aquisição e manutenção de um bom estado de saúde.

A primeira referência que faz ao cuidado com o corpo da mulher está publicada no seu terceiro número e, apesar de não mencionar a prática de atividades físicas, tem na ilustração uma tensão entre movimento e imobilidade.

¹ Michelle Perrot, *As mulheres e suas imagens ou o olhar das mulheres*, p. 175.



Um corpo esbelto
torna a mulher
elegante e
sedutora.
A OBESIDADE
o terrível inimigo da
elegancia e da
juventude é
facilmente combatida
com o uso da
LIPOLYSINA
“Henning”.
Consultae o vosso
medico.
A venda em todas
as pharmacias e
drogarias.²

O corpo esbelto segue graciosamente para o mar enquanto o corpo obeso, estático, observa/contempla.

Recorrendo à idéia da feiura como algo a ser curado e a beleza como uma conquista a ser preservada mediante o consumo de medicamento, este é um dos poucos anúncios que a *Revista* faz sobre remédios que embelezam, ainda que no período em que tenha circulado essa fosse uma prática recorrente.³

Durante grande parte da metade deste século, sobretudo nas três primeiras décadas, os almanaques, revistas e jornais, quando fazem referência à beleza feminina, são pródigos em publicidades de remédios para melhorar a aparência da mulher. Sigamos Denise Bernuzzi de Sant’Anna:

² Revista Educação Physica, n.º 3, setembro de 1933.

³ Sobre a relação entre beleza e consumo de medicamentos nas primeiras décadas deste século ler Vera Casa Nova, Lições de Almanaque: um estudo semiótico; Denise B. Sant’Anna, Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil;

Entre os anos de 1900 e 1930 dezenas de publicidades concorrem no combate dos mais diversos “defeitos” da aparência feminina. As pomadas para “afinar a cintura”, “banquear a pele”, “tirar pelos” ou “escurecer cabelos brancos”, são comumente chamadas de remédio. Raramente se utiliza o termo cosmético. (...) Do cansaço às cicatrizes, passando pelas rugas e feridas, um mesmo produto é, inúmeras vezes, considerado polivalente e, por isso mesmo, eficaz.

No contexto de uma sociedade em que o lugar do médico é fundamental para a organização moral e social das famílias de elite, a falta de beleza, traduzida em termos de doença, merece o exame médico e o tratamento com remédios. Tendência que confirma a importância da medicina e dos remédios na vida cotidiana. Mas ao mesmo tempo, ela revela que o domínio da cosmetologia não possui ainda suas próprias prescrições.⁴

A *Revista Educação Physica*, desde seus primeiros números, percorre outro caminho: suas orientações buscam incentivar as mulheres a modificar seus hábitos e atitudes recomendando-lhes, por exemplo, banhos de mar, exposição ao sol, uso de vestimenta adequada ao clima tropical, alimentação equilibrada, cuidados com a pele e, principalmente, prática de atividades físicas. Ao divulgar a cultura física para o público feminino, grande parte das suas publicações considera que a beleza não é um atributo natural das mulheres mas fruto de uma conquista que se viabiliza mediante um esforço individual.

CULTURA PHYSYCA FEMININA

A influencia hereditaria, a educação escolar e familiar, a convicção de incapacidade muscular, fortemente embrenhada em seu espirito pelas reiteradas afirmações concernentes á sua inferioridade physica e fragilidade arredam a mulher da actividade esportiva e culturista. Entretanto, a mulher normal trenada é capaz de demonstrar aptidões physicas pelo menos iguaes ás de seu companheiro. Sua resistencia superior compensa sua menor robustez. Entre os povos primitivos, as mulheres, acostumadas ao trabalho rude, dão prova de extraordinario valor muscular. Aliás, a femea, na especie animal, quasi não se diferencia do macho quanto ás virtudes musculares. Foi a vaidade masculina que criou essa mulher artificial, semi-invalida, em inteira dependencia do homem. E a inacção

Dulcília Buitoni, *Mulher de papel e, também, Clarice Ismério, Mulher: A moral e o imaginário 1890-1930.*

⁴ Denise B. Sant’Anna, *Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil*, p. 122-123.

secular destruiu os elementos da beleza feminina, que são a plastica e o andar athletic. (...)

Para reconstituir a forma normal do corpo feminino, é indispensavel exercitar intensamente o systema muscular. Residindo a graça do corpo tão sómente em sua perfeição plastica porque impôr ás mulheres movimentos harmonicos que não teem sinão remota relação com a cultura muscular? Um corpo harmonioso e profundamente proporcionado é sempre gracioso em seus gestos. Os exercicios phisicos dão á mulher desenvolvimento muscular normal e eliminam a gordura superflua, sem de forma alguma attentar contra a delicadeza e a graça femininas. (...) Só a pratica completa, ampla e assidua da cultura phisica é susceptivel de proporcionar á mulher esse tesouro que é um phisico perfeito⁵.

Tenacidade, insistência e empenho pessoal são alguns dos termos que a *Revista* utiliza em seus artigos para evidenciar que a beleza, antes de ser um dom divino, é resultante de um trabalho árduo e constante que requer disciplina e dedicação.

Responsabilizada pela sua aparência física, a mulher, é instigada a participar do universo das práticas corporais empenhando esforços não só para beneficiar seu estado de saúde como também para ser reconhecida e aprovada pelo olhar masculino. Um olhar que a submete ao imperativo da sedução, isto é, a um discurso cuja sustentação fundamenta-se na associação da aparência feminina como sinônimo de beleza física e jovialidade.

O DIREITO DE TODA A MULHER: UMA FIGURA FORMOSA

**Physicamente, os homens sentem-se attrahidos por mulheres
que possuem harmonia de proporção em todas as partes do corpo**

Prof. Heinz Pfaude

Que é isso, então, que constitue uma formosa figura de mulher? É surpreendente a variedade de opiniões a esse respeito. E é ao mesmo tempo uma felicidade, pois que, do contrario, estaria creado um problema de difficil solução para as solteironas. Alguns as preferem pequenas, delicadas, extremamente femininas, porque a seu lado se sentem grandes e importantes. Outros gostam mais do typo Venus: mimosas, carinhosas, insinuantes. Há quem ame o typo varonil. Comtudo, o facto é que todos os homens se sentem atrahidos por aquellas que guardam proporções de fórmas, quer sejam pequenas, grandes ou medias; gordas ou magras.

5 Revista Educação Phisica, n.º 23, outubro de 1938, p. 57 e 75.

(...) A MULHER DE HONTEM E A MULHER DE HOJE

Qual mulher não estimaria parecer melhor do que parece? Há annos, incapacitava-se, comprimia-se e travava-se com roupas por meio das quaes esperava manter incolume sua reputação de representante do sexo fraco. Agora que a emancipação veio resgatá-la, vae diminuindo cada vez mais a distancia que a separa do outro representante da raça. As mulheres intervêm todos os annos em novos desportos, e isso sem sacrificar em absoluto a sua feminilidade.

De vez em quando se revela uma maravilha athletica, uma mulher musculosa porém mais como um varão que propriamente uma mulher. Sem embargo, assim pareceria um rapaz, ainda quando nunca tivesse praticado nenhum desporto.

Cumpre lembrar que a tenacidade de ferro é o que proporciona os melhores resultados. Não é possível esperar-se beneficios fazendo-se exercicios um dia, deixando-se passar muitos dias, para depois voltar a elles. É o caminho certo do fracasso. Tambem não se póde pretender que alguns minutos diarios compensem horas inteiras de más posturas, ar carregado e viciado, e de outras praticas defeituosas. Mas verdadeiros milagres se realizam mediante uma applicação religiosa e uma insistencia sem arrefecimento: o resultado será uma musculatura firme e bem modelada, e uma silhueta inpeccavel; numa palavra, o exito.”⁶

Se ser formosa é um direito de toda a mulher e se a beleza é observada como um empreendimento pessoal, centrado na aparência do corpo, há que desenvolver nas mulheres o hábito da exercitação física sistemática, apurando seu olhar e seus conhecimentos sobre aspectos estéticos e higiênicos de forma a que incorpore determinados padrões, enxergue-se neles, e assim, administre seu corpo moldando-o consoante sua força de vontade e energia. Afinal, alerta a *Revista*:

(...) cabe exclusivamente a cada mulher aprender a determinar por si mesma o que é que póde constituir a harmonia do seu proprio “chassis”.⁷

Razão pela qual,

⁶ Revista Educação Physica, n.º 11, setembro de 1937, p. 61-63.

(...) Cada uma terá que convencer-se a respeito daquillo em que se deverá reformar e aperfeiçoar, o que logo será possível por um estudo consciencioso da anatomia em relação aos exercicios distinctos. Por esse meio e por um regime de educação physica, seria inutil perder-se tempo com gymnastica para os gemeos das pernas, quando esses musculos já sejam perfeitos, ou dedicar-se ao desenvolvimento do collo, se já rivaliza o da Venus.

Todas as energias devem applicar-se no esforço de melhorar as partes que carecem de melhoramento. E, para attingir resultado compensador, será necessario ter-se constancia, força de vontade e energia. De modo que, então, mãos á obra!⁸

Para ser bela, há que fazer exercício físico: exercícios para as pernas, o abdômen, o rosto, as mãos, os ombros e braços, a cintura, os pés, exercícios para desenvolver a flexibilidade e agilidade, para ativar a respiração, os músculos, as glândulas e os hormônios, para diminuir o peso, para modelar o corpo... Para ser bela, há que abandonar velhos hábitos como o uso do espartilho, das cintas e das roupas apertadas que deformam o corpo pois beleza exige movimento. Exige um corpo em movimento.

“Movimentar o corpo feminino”, passa a ser um dos temas do corpo da *Revista Educação Physica*, uma vez que apresenta como um dos seus objetivos incentivar a prática de atividades físicas para homens e mulheres.

No entanto, por caracterizar-se como uma revista técnica que divulga conhecimentos específicos sobre a Educação Física e os esportes em geral, como por exemplo, regras esportivas, resultados de competições internacionais, nacionais e estaduais, metodologias de aprendizado de determinadas modalidades esportivas e escolas ginásticas, entre outras, suas páginas pouco dizem ao público feminino. Razão pela qual, em 1939, seus editores criam uma sessão destinada especificamente às mulheres onde, a cada número, de forma padronizada, uma página inteira é ilustrada com imagens (desenhos ou fotos) de mulheres praticando exercícios físicos, geralmente

⁷ Revista Educação Physica, n.º 10, junho de 1937, p. 13.

⁸ Revista Educação Physica, n.º 11, setembro de 1937, p. 61-63.

ginásticos, seguida de um pequeno texto (na página anterior ou posterior) que, além de valorizar as atividades físicas, descreve os exercícios ilustrados.

Em movimento, o corpo da mulher é fotografado/desenhado em diferentes espaços, possibilidades e vestes: no trampolim da piscina, no ginásio, na quadra de tênis, rolando, saltando, mergulhando, fazendo ginástica utilizando os móveis da casa como possíveis apoios, em pé, deitado, sentado, de frente, de costas, de lado, de maiô, de vestido, de camiseta e calção, com bola, bastão, corda... imagens recortadas e justapostas que reunidas em uma só página mergulham o observador/observadora no universo da cultura física feminina.

Aqui, movimentar o corpo feminino, significa lapidar a sua aparência.



Revista Educação Physica, nº 40, março 1940



Revista Educação Physica, nº 47, outubro 1940

Em quase todos os números em que essa sessão foi publicada o embelezamento é o motivo pelo qual as mulheres devem se exercitar. Os títulos atribuídos à cada edição sugerem essa associação e, de imediato, convocam a leitora a melhorar seu corpo, modelando-o:

“Combata seu excesso de gordura”; “Como embelezar o corpo”; “Adquira uma cintura natural”; “Como reduzir o peso”; “Evite um ventre deselegante”; “Para o embelezamento dos quadris”; “Embeleze seus ombros e seu busto”; “Flexibilidade e beleza”; “Conserve a beleza praticando ginástica”, Exercícios para combater o excesso de gordura e pêso”, “Para sua beleza física”, entre outros.

Nas edições onde foram tematizadas modalidades esportivas, a beleza não deixou de ser mencionada mesmo que o texto objetivasse explicitar, por exemplo, a técnica de execução de um ou outro fundamento do esporte em questão ou as capacidades e habilidades físicas necessárias para melhor executá-la. Observemos:

A coordenação de movimentos no salto em altura

O SALTO em altura bem conduzido é um excelente exercício para desenvolver a coordenação de movimentos, reforçar os músculos dos membros inferiores e as articulações, dar flexibilidade à coluna, elegância ao porte e desenvoltura à marcha.

Damos na página ao lado quatro tipos de saltos que nossas gentís leitoras poderão praticar, contribuindo assim para aumentar sua graça, beleza e agilidade.


I - salto em extensão mantendo no ar o corpo estendido e caindo sobre as plantas dos pés; II - salto com flexão do tronco e extensão das pernas e dos braços, procurando tocar com a ponta dos dedos das mãos na ponta dos dedos dos pés. III - salto com flexão do tronco das pernas e extensão dos braços para baixo, procurando unir as mãos bem espalmadas. IV - Salto com flexão do tronco e das pernas, procurando curando unir os joelhos com os braços.⁹



À leitora amável, elegante e gentil, direcionam-se imagens e palavras também elegantes e gentis que parecem retirar das atividades físicas os esforços exigidos para a sua prática. Os saltos são vôos que fazem flutuar corpos gráceis e leves. Não há menção ao desgaste físico, à precisão da técnica de execução, à necessidade de treino ou

aos perigos que dessa execução podem decorrer. Como também não são citadas possibilidades de que a mulher venha a ser tornar uma atleta dessas modalidades, participando de competições.

Há, sim, a generalização de um discurso normativo que circunscreve a atividade física ao embelezamento do físico, ou melhor, da exterioridade de corpo. Há, também, a divulgação de uma representação específica de beleza feminina que tem como sua máxima expressão a harmonia e a proporção das formas corporais.

<p style="text-align: center;">Salto olímpicos</p> <p>À gentil leitora, amante da natação e dos saltos do trampolim, dedicamos a página ao lado, onde se pode admirar a impecável correção de movimentos e a beleza impressionante de alguns saltos olímpicos realizados pela conhecida nadadora norte-americana Miss Marjorie Gestrihg, numa piscina da Califórnia. Apreciemos os saltos: I - O popular “Anginho” elegante e coordenado. II - Um salto de flexão. III, IV e V - desenvolvimento de um salto ornamental com rotação do corpo. VI - Posição correta para o impulso do salto de trampolim.</p> <p>Procure executar êstes saltos, gentil leitora. São um excelente fator de beleza, elegância e auto-domínio.¹⁰</p>	
--	---

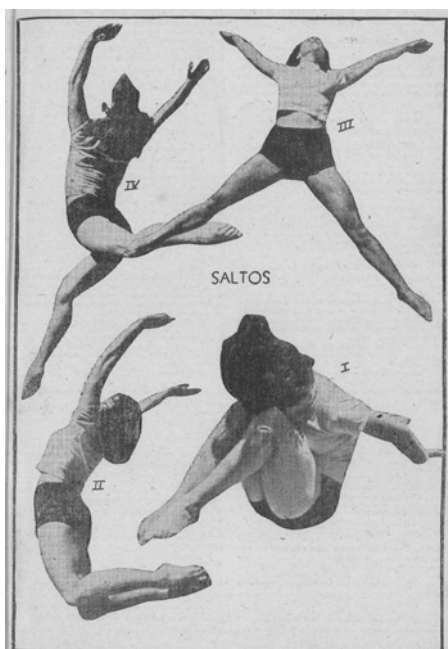
Exibida e explicada no e pelo detalhe do seu corpo, a gentil leitora, deve compreender que:

⁹ Revista Educação Physica, n.º 43, junho de 1940, p. 14-15.

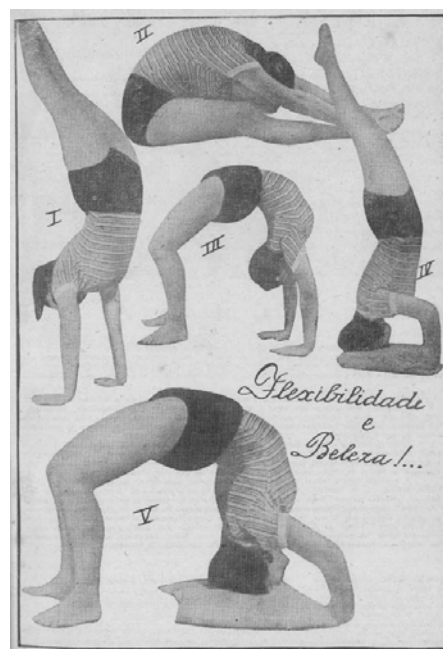
¹⁰ Revista Educação Physica, n.º 44, julho de 1940, p. 14-15.

A flexibilidade é graça, elegância e ritmo; a beleza é harmonia, garbo e encanto. São atributos imprescindíveis à perfeição feminina, à sedução da mulher. Tais predicados se conseguem pela educação física quando se têm boa vontade, entusiasmo e persistência.¹¹

O desenvolvimento excessivo dos quadris provocado pelo relaxamento dos músculos e pelo acúmulo de gorduras nas regiões glútea e laterais da bacia, constitui uma das sérias ameaças à beleza feminina, a harmonia das formas da mulher.¹²



Revista Educação Physica, nº 45, agosto 1940



Revista Educação Physica, nº 46, setembro 1940

O movimento é fonte de vida, o ritmo é fonte de beleza; com o primeiro o corpo adquire saúde e resistência, dextreza e vitalidade; com o segundo ele conquista a harmonia das formas, a graça da atitude, a olímpica beleza dos gestos graciosos e se desenvolve dentro das mais rigorosas proporções assegurando-se o prestígio de uma formosura canônica, escultural, perfeita.¹³

11 Revista Educação Physica, n.º 46, setembro de 1940, p.14.

12 Revista Educação Physica, n.º 61, dezembro de 1941, p. 15.

13 Revista Educação Physica, n.º 70, novembro de 1942, p. 17.

A leitora tem na página ao lado uma série de cinco exercícios de flexibilidade geral para o corpo, agindo de preferência sobre os braços, as pernas, as espáduas, o abdômen e a bacia, segmentos esses em cuja harmonia de formas repousa o segredo da beleza feminina.¹⁴

A proporcionalidade das formas físicas e a harmonia entre elas aparecem como requisitos constitutivos dos padrões e critérios de beleza pelos quais são julgados os corpos. Razão pela qual, são nas formas anatômicas que se depositam as recomendações e os conselhos para o embelezamento da mulher, cuja perfeição é ou não atingida consoante sua simetria e proporcionalidade.

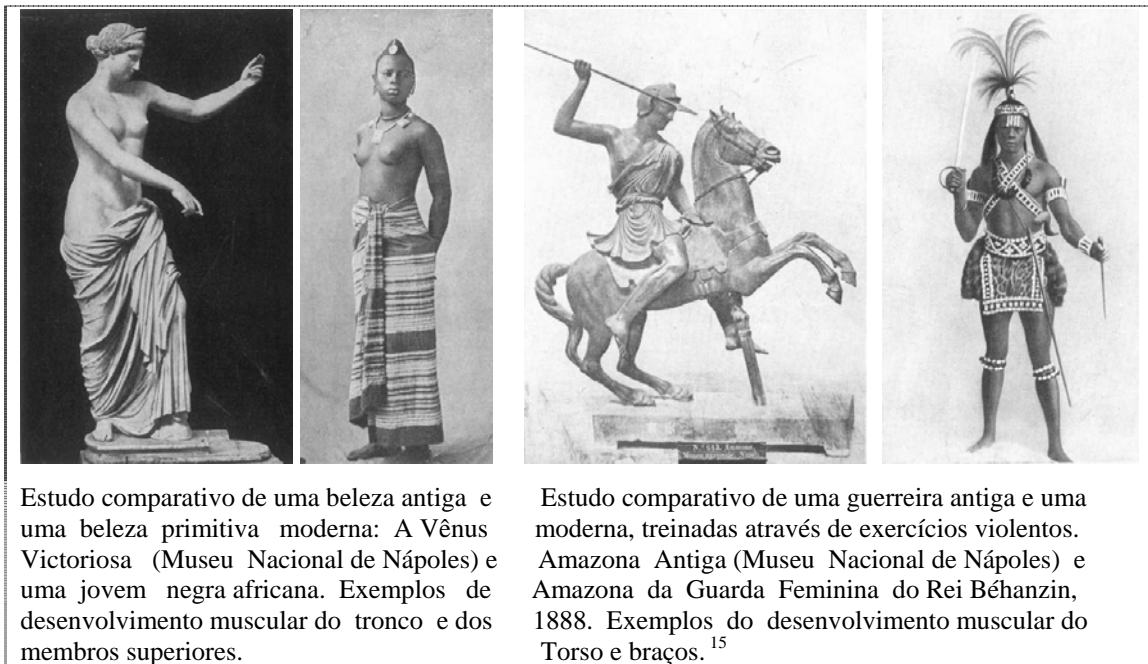
Segmentado, é na harmonia dos seus detalhes que o corpo, como unidade, adquire valor dentro de um padrão estético artisticamente construído.

Diferentes proporcionalidades são mencionadas pela *Revista Educação Physica* quando o assunto é beleza. No entanto, são as representações de beleza inspiradas na estética clássica aquelas que ganham espaço nas suas páginas, não apenas nessa sessão destinada ao público feminino mas em grande parte dos artigos que tratam da aparência do corpo, seja ele do homem ou da mulher.

Sobre esse tema, a *Revista* destaca o nome de Georges Hébert, um tenente da Marinha Francesa que, no início deste século, desenvolveu um estudo minucioso sobre as proporções do corpo humano, inspirado pelos diferentes tipos físicos que teve oportunidade de conhecer nas viagens que realizou a diferentes países e continentes.

Impressionado com a beleza das formas físicas de mulheres e homens pertencente a alguns povos que chamou de “primitivos” (negros africanos e índios), estabeleceu comparações entre a harmonia de seus corpos e a harmonia dos corpos representados na estatuária grega, modelo que adotou para expressar a perfeição corporal, visto que estava associado a um programa de atividades físicas cuja aplicação correta proporcionava, além do delineamento proporcional dos músculos um bom estado de saúde.

14 Revista Educação Physica, n.º 66, julho de 1942, p. 16.



Estudo comparativo de uma beleza antiga e uma beleza primitiva moderna: A Vênus Victoriosa (Museu Nacional de Nápoles) e uma jovem negra africana. Exemplos de desenvolvimento muscular do tronco e dos membros superiores.

Estudo comparativo de uma guerreira antiga e uma moderna, treinadas através de exercícios violentos. Amazona Antiga (Museu Nacional de Nápoles) e Amazona da Guarda Feminina do Rei Béhanzin, 1888. Exemplos do desenvolvimento muscular do Torso e braços.¹⁵

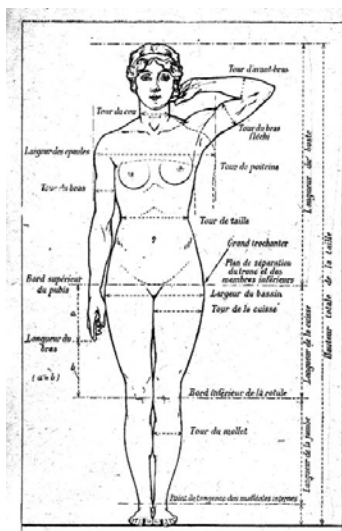
Feita esta aproximação, Hébert criou um método ginástico que, centrado nos movimentos naturais, buscava desenvolver a perfeição física de homens e mulheres, através de exercícios específicos com finalidades estéticas, higiênicas e utilitárias. Sua metodologia valorizava o contato com a natureza e a exercitação ao ar livre, resultado do que observou quando em contato com os “primitivos” e seus corpos esculturais, cuja harmonia plástica era moldada pelas atividades cotidianas de prover suas necessidades básicas e garantir sua segurança.

Especificamente com relação ao corpo da mulher, Hébert advertiu para a influência nefasta da civilização sobre as suas formas pois identificava que as obrigações sociais, as convenções e os preconceitos a colocavam diante uma quase inatividade do ponto de vista da exercitação física, depauperando suas carnes e sua saúde. No livro “L’Éducation Physique Féminine. Muscle et Beauté Plastique”, publicado em Paris, em 1919, criticou a adaptação da mulher ao mundo civilizado, cujas

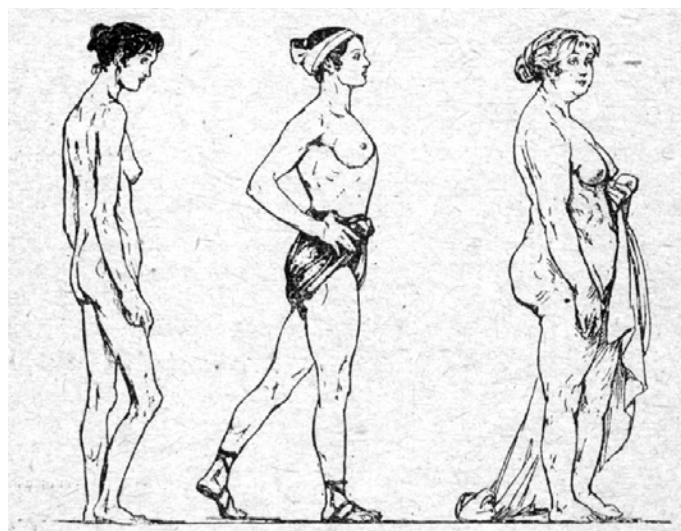
¹⁵ Georges Hébert. L’Éducation Physique Féminine. Muscle et beauté plastique, p. 7-8 e 15-16.

exigências, inclusive estéticas, acabavam por deformar e atrofiar seu corpo e partes destes, afastando-as dos padrões clássicos de beleza.

Para Hébert, a beleza dependia da proporcionalidade das diferentes partes do corpo em relação à altura e também da harmonia existente entre essas partes. A beleza das formas ou, como preferia denominar, a beleza muscular só poderia ser obtida mediante um trabalho corporal que buscava desenvolver e moldar harmoniosamente os músculos. Motivo pelo qual, prescreveu a realização sistemática de exercícios físicos, feitos de maneira integral, ou seja, de forma a não atuar isoladamente sobre músculos e segmentos corporais.



As proporções e as medidas femininas



Diferentes formas de três mulheres da mesma idade: a magra e a obesa que não praticam atividades físicas e, ao meio o tipo normal que conserva sua forma pela prática regular dos exercícios do corpo¹⁶

¹⁶ Ibid., p. 77 e p. 22.

Conhecido como o criador do Método Natural de Ginástica, Georges Hébert, tornou-se referência nos estudos que abordam a Educação Física feminina, tanto porque se dedicou a combater os efeitos negativos que percebia presentes na civilização moderna sobre as formas do corpo da mulher e que culminavam na sua degenerescência física como porque compreendia ser a beleza um atributo fundamental do seu sexo devendo, portanto, ser cultivada.

Hébert acreditava que o desejo de toda a mulher, do ponto de vista físico, deveria ser: possuir saúde, beleza e força. A saúde, entendida como o equilíbrio perfeito do corpo, adquirido mediante o bom funcionamento de todos os órgãos internos: coração, pulmões, estômago, fígado, intestinos, etc., sem apresentar nenhuma perturbação ou mal estar.

A beleza observada para além dos belos traços de um rosto. Para Hébert, a beleza representava o desabrochar completo do ser inteiro, a harmonia das proporções, a elegância das formas, a doçura e a firmeza da pele, o brilho cheio de vida do olhar, o reflexo da boa saúde, a flexibilidade e a graça no modo de andar e movimentar, enfim, o encanto geral. E, finalmente, a força, compreendida como a faculdade de poder produzir trabalho, a potência muscular, a resistência às fadigas e às doenças, a resistência às intempéries, a rapidez nos movimentos, a destreza, a energia, enfim, a aptidão para praticar todos os tipos de exercícios naturais e utilitários.

Hébert acreditava que esses desejos deveriam ser legítimos e naturais pois sem saúde a mulher não sente aquele bem estar físico que a dispõe à alegria; sem beleza, tem menos chance de agradar ao outro pois é privada de certas pequenas satisfações próprias de seu sexo; sem força, não tem o gosto pela atividade porque o menor esforço a cansa e desencoraja. Razão pela qual, defende a idéia de que a mulher que possuir saúde, força e beleza está próxima não só da perfeição corporal mas de juntar para si e em si preciosos elementos de felicidade moral.



Identidade do desenvolvimento muscular do homem e da mulher Augusto (Museu Nacional de Nápoles) e a jovem atleta moderna¹⁷

Os estudos de Hébert sobre o corpo da mulher foram fonte de inspiração para muitos/as autores/as nacionais, que tematizam o corpo feminino como objeto de estudo e de intervenção. Suas reflexões e recomendações, não raras vezes, aparecem reproduzidas nas páginas da *Revista* e, para além delas, em diversos livros publicados sobre a Educação Física feminina e o embelezamento da mulher.

Duas obras publicadas na década de 30 merecem ser lembradas, tanto porque aparecem dentre as primeiras, no Brasil, a sistematizarem programas de atividades físicas especificamente para mulheres, quanto porque, não apenas referem-se aos estudos de Hébert, como também reproduzem suas idéias, traduzindo fragmentos do seus livros ou copiando algumas das imagens que utiliza.

Escrito como exigência regulamentar para a conclusão do curso de Educação Física no Centro Militar de Educação Física, no Rio de Janeiro, “Educação Physica Feminina”, do Capitão Orlando Rangel Sobrinho, parte da idéia de que qualquer

¹⁷ Ibid., p. 13-14.

programa que busque regenerar a raça brasileira deve iniciar pela mulher visto que é pela hereditariedade que se transmitem as taras e defeitos marcados pelas gerações.

Baseado na idéia de que, para o desenvolvimento do Brasil, é necessária a criação de um raça forte capaz de, pela sua superioridade qualitativa, vencer as mais fracas, o autor sugere algumas ações possíveis de serem implementadas com sucesso, como por exemplo, exame pré-nupcial, a esterilização eugênica dos degenerados e, por fim, a educação feminina para prática atividades físicas.

Ao aconselhar para a mulher, a prática sistemática de exercícios ginásticos, dança rítmica e esportes, em especial a natação, refere-se à aquisição da beleza e da saúde como importantes metas a serem alcançadas, recorrendo aos estudos de Hébert para explicitar o que entende por beleza. Mais especificamente, às dimensões que o oficial da Marinha francesa elaborou como sendo ideais para uma mulher bem proporcionada considerando a relação entre a sua altura e a largura de alguns de seus segmentos corporais.

Estas dimensões aparecem não só no livro de Orlando Rangel Sobrinho mas também na *Revista Educação Physica*, que copia um fragmento deste livro que, por sua vez, é cópia traduzida de parte do livro “L’Éducation physique feminine. Muscle et beauté plastique”, de Georges Hébert.

Publica a *Revista*:

VERIFIQUE, LEITORA, SE SEU CORPO É BELO

GEORGES HEBERT, uma das mais ilustres figuras mundiais da Educação Física, criador de um sistema de Educação Física intitulado Método Natural, e que relevantes serviços tem prestado á sua Pátria - a França, partiu do princípio de que a beleza feminina devia caracterizar-se pela proporção das formas harmoniosas em relação à altura, a qual julgava ideal entre 165 e 176 centímetros.

Destarte para a mulher ser bela devia ter as seguintes dimensões em relação à altura:

Largura do busto	24 a 25 % da altura
Largura da bacia	20 a 21 % da altura
Largura da cintura	38 a 40 % da altura
Circunferência do torax	52 a 56 % da altura
Circunferência do abdomen	38 a 40 % da altura
Circunferência do pescoço	20 a 21,5 % da altura
Circunferência do ante-braço	14 a 15 % da altura
Circunferência do braço distendido	18 a 19 % da altura
Circunferência do braço flexionado	20 a 21 % da altura
Circunferência da coxa	31 a 33 % da altura
Circunferência do barriga da perna	20 a 21,5 % da altura

De acordo com essas proporções, o Cap. Orlando Rangel Sobrinho, emérito professor patricio, calculou as seguintes dimensões, em metro de um tipo feminino normal e belo:

Altura	1.650
Largura	0,396 a 0,412
Largura do busto	0,330 a 0,347
Largura da bacia	0,627 a 0,660
Cintura	0,858 a 0,925
Circunferência do torax	0,627 a 0,660
Circunferência do abdomen	0,330 a 0,354
Circunferência do pescoço	0,231 a 0,247
Circunferência do ante-braço	0,297 a 0,313
Circunferência do braço distendido	0,330 a 0,347
Circunferência do braço flexionado	0,510 a 0,544
Circunferência da coxa	0,330 a 0,354
Circunferência do barriga da perna	0,231 a 0,247

Agora, gentil leitora, verifique se o seu corpo satisfaz a essas dimensões de normalidade e beleza. Se as satisfizer, para a doutrina de Hébert, você é um tipo ideal de beleza.¹⁸

Outro livro que faz referência aos estudos de Hébert chama-se “Cultura Physica Feminina”, de Lotte Kretzchmar, publicado no Rio de Janeiro, em 1932.

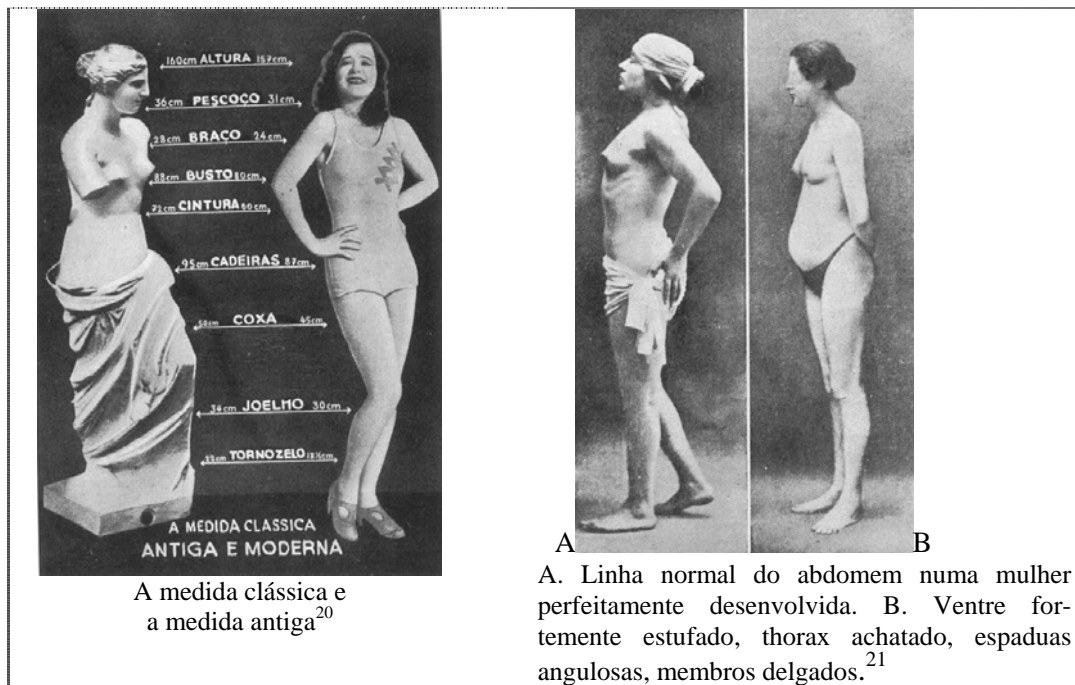
¹⁸Revista Educação Physica n.º 66, julho de 1942, p. 26.

Além de ser uma obra educativa do ponto de vista da detalhada descrição da execução dos exercícios físicos propostos é, também, uma exaltação à beleza da mulher pois as atividades físicas são consideradas como o melhor caminho a ser perseguido quando o desejo é ser bela e graciosa. Para a professora Lotte, a beleza é o maior encanto da mulher, a razão da sua força e do seu prestígio:

A mulher muitissimo precisa da cultura physica; nella um defeito por menor que seja representa um entrave ás suas aspirações; ella precisa tudo fazer para attingir a perfeição. A sua graça está nas linhas, na elegância de seu porte, na belleza de seu rosto, no brilho de seus olhos, na luz de seus cabellos. A sociedade habituou-se a exigir da mulher todos esses predicados que são essenciaes á saúde. A cultura physica é o alambique milagroso onde se depuram os defeitos, onde se purifica a belleza do corpo, dando-lhe a opulencia da fórma. (...) A fascinação embriagadora da belleza feminina é mais fulminante que um raio. A mulher possui a força indomavel das vagas, tem o poder fantastico do vento, é a maior de todas as forças. Nada mais forte, nada mais vehemente, nada mais irresistivel, nada mais eloquente que os encantos de uma mulher formosa.¹⁹

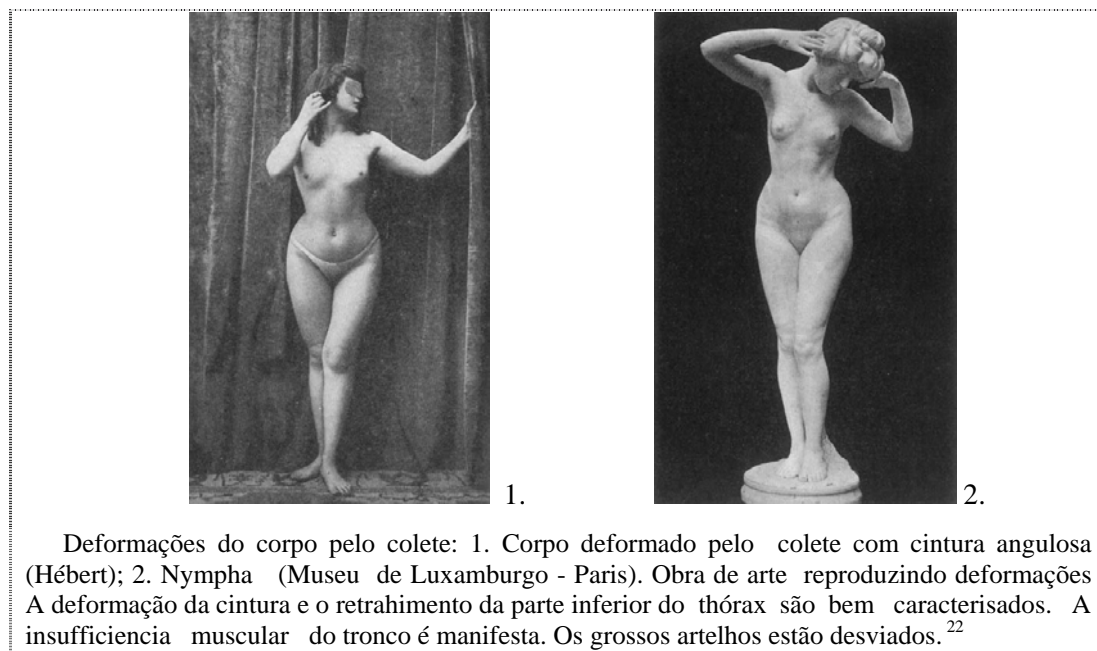
Seu livro é rico em ilustrações. São mais de 150 fotos retratando obras da estatuária grega, mulheres seminuas em posição estática onde se pode observar os aspectos anatômicos do seu corpo e de mulheres vestidas executando exercícios do método de cultura física desenvolvido pela autora. Várias destas fotos são extraídas do livro de Hébert; em algumas delas, ao final do texto que acompanha a foto, entre parênteses aparece o nome do francês. Noutras, a sua maioria, a fonte não é revelada.

¹⁹ Lotte Kretzchmar, Cultura Physica Feminina, p.4



A medida clássica e a medida antiga²⁰

A. Linha normal do abdomem numa mulher perfeitamente desenvolvida. B. Ventre fortemente estufado, thorax achatado, espaldas angulosas, membros delgados.²¹



Deformações do corpo pelo colete: 1. Corpo deformado pelo colete com cintura angulosa (Hébert); 2. Nympha (Museu de Luxemburgo - Paris). Obra de arte reproduzindo deformações A deformação da cintura e o retrahimento da parte inferior do thórax são bem caracterizados. A insuficiência muscular do tronco é manifesta. Os grossos artelhos estão desviados.²²

²⁰ Ibid, p. 5.

²¹ Ilustrações do livro “Cultura Physica Feminina”, de Lotte Kretzchmar, publicado no Rio de Janeiro em 1932, copiadas do livro L’Éducation physique feminine. Muscle et beauté plastique, de Georges Hébert, publicado em Paris em 1919.

²² Idem.

Inspirada nos estudos de Hébert e não apenas neles, muitos dos textos que, neste período, tratam do embelezamento feminino, recorrem à estética clássica como sendo aquela que deve orientar os padrões de beleza a serem perseguidos. Padrões esses que, mesmo adequados aos tempos modernos, não perdem alguns elementos que são identificados como essenciais a essa representação de beleza: a simetria corporal e a união harmoniosa entre a beleza e a prática de exercício físico.

Dos 88 números da *Revista Educação Physica*, por exemplo, 23 trouxeram, na capa, ilustrações da estatuária grega. No interior de suas páginas, inúmeras são as imagens e as palavras que as enaltecem como exemplos de extrema perfeição corporal.

A essas imagens são coladas justificativas que levam o leitor/leitora reconhecer que a perfectibilidade corporal dos gregos, expressa na e pela sua arte, resulta da compreensão que este povo teve sobre a importância e a necessidade de um intenso trabalho físico para o fortalecimento tanto do corpo como da alma. Muitos dos autores/autoras que escrevem na *Revista* trazem à lembrança trechos de alguns filósofos como, por exemplo, Platão, Licurgo e Aristóteles para justificar essa afirmação como se, de fato, aquele povo se distinguisse dos demais pela sua exemplar beleza.

A beleza clássica, ao ser eternizada pela *Revista* e não só por ela, é apresentada não apenas como uma possibilidade estética de corpos que mostram belos ou não. Para além dessa dimensão, ela carrega em si mensagens repletas de significação que nos levam a lembrar e a apreender um modo exemplar de ser e de estar no mundo, com valores e normas éticas, políticas e ideológicas ainda hoje, em diferentes formas, presentes. Mensagens essas que, mesmo ligadas à corpos do presente, pulsantes e vivos e que se constroem belos ou não pela prática sistemática e regrada de exercícios físicos, parecem abolir do corpo a sua própria carne porque a serviço de uma idéia, para a qual a beleza clássica não passa de uma representação imaginária e idealizada. Ou ainda, de uma apropriação feita pela *Revista Educação*

Physica para justificar suas intenções de padronização da beleza e do comportamento femininos. Sigamos as palavras de Renato Kehl²³, conhecido eugenista do período:

A BELEZA FEMININA
RARAS, RARÍSSIMAS SÃO AS MULHERES VERDADEIRAMENTE BELAS

DR. Renato Kehl

(...) A VERDADEIRA BELEZA

Alguns reparos, não obstante, devem ser estabelecidos a fim de orientar o critério na apreciação das mulheres, desfazendo-se opiniões contraditórias quanto á verdadeira beleza feminina.

É interessante observar que são freqüentes os erros cometidos ainda mesmo pelos artistas consagrados. Esquecem-se dos cânones gregos, para inspirar-se em modelos eleitos pelo capricho ou a predileção do momento.

Artista há que pintam ou modelam verdadeiras monstruosidades como tipos de beleza. Certas publicações de modas, não obstante, só apresentam em suas páginas figuras disformes, com pernas finas e torcidas, pés enormes ou minúsculos, ou pescoços de cisne, além de outras deformidades apreciadas como ideal feminino no conceito nécio dos tarados.

Um dos errados preconceitos mais correntes é o de que a mulher não deve apresentar músculos apreciáveis, mas ter corpo redondo, dócil, gordo, com as nádegas e os seios volumosos e pernas grossas, sinais entretanto de anomalias afeiantes. Para a maioria dos homens, pouco importa a conformação do corpo e sua morfologia, desde que o volume e a redondeza sejam notórias.

Prevalece, pois, um falso conceito relativo à estética mesmo entre as pessoas cultas e elegantes, as quais ignoram a observação de Muller, de que “o segredo da beleza do corpo feminino representada pela estatuária antiga, está em que seus modelos possuíam a armação muscular natural, em vez da inquisitorial cinta moderna”. (...) Licurgo, para garantir a beleza e a resistência da raça, prescrevia que as jovens se entregassem aos exercícios a fim de se fortalecerem e dar filhos fortes e belos à Lacedemônia. As obras mestras da estatuária helênica são demonstrativas a esse respeito. Examinando **a Vênus de Milo**, **a Vênus e o Amor**, **as Amazonas**, **Diana e a Corça**, verifica-se que apresentam músculos perfeitamente modelados, peitorais poderosos bíceps carnudos, abdomens e pernas musculosas e resistentes.

As mulheres, na sua maioria, apresentam, em virtude da sedentariedade da vida que levam, braços gordos e roliços, ventres e seios flácidos, coxas grossas e quadris

²³ Renato Kehl foi fundador e presidente da Sociedade Eugênica de São Paulo criada em 1918. Grande divulgador do movimento eugenista no Brasil, escreveu, nas primeiras décadas deste século, várias obras, como por exemplo: *Lições de Eugenia* (1923); *A cura da fealdade* (1923); *Sexo e Civilização* (1923); *Melhoremos e prolonguemos a vida - A valorização eugênica do homem* (1924); *A Fada Higia - Higiene para uso das escolas primárias* (1925); *Como escolher um bom marido - conselho às moças* (1925); *Como escolher uma boa esposa - amor experimental* (1925); *Bíblia da saúde - Higiene para todos* (1926); *Formulário da beleza* (1927); *Porque sou eugenista*, 1937, entre outras.

exuberantes de tecido adiposo. Essa é a razão principal da raridade dos tipos femininos verdadeiramente belos, dada a associação indispensável das **proporções** entre as partes do corpo e das **formas** destas partes, isoladamente.²⁴



Ainda que, em alguns momentos, a *Revista* pareça historicizar a beleza, no sentido de compreendê-la como uma construção cultural não universal transformada constantemente por cada sociedade e a cada momento histórico é, em última instância, aos padrões clássicos que recorre para justificar tanto suas recomendações como o próprio conceito de beleza. Muitos de seus textos mitificam a beleza quase ao ponto de torná-la incorpórea porque contemplada a partir de um padrão estético construído para representar figuras humanas idealizadas, que pouca semelhança poderia encontrar em corpos reais e vivos, uma vez que se configuravam não como retratos, na concepção que hoje nos é possível entender, mas como representações. Motivo pelo qual é possível falar desta estética como sendo a “estética clássica da *Revista Educação Physica*”.

O QUE É A BELLEZA

Por HUBERT DE CHANARANDE

²⁴ Revista Educação Physica, n.º 41, abril de 1940, p. 16-17.

“Assim, depende a beleza, ao mesmo tempo da vida e do ideal. Eis por que pode variar de um para outro. Eis por que se enganaram os philosophos que crearam em uma beleza eterna. Nada existe menos immutavel, em que pese Baudelaire.

“Não há definição theorica do bello: só se póde procurar uma definição historica. Cada nação, cada idade tem sua beleza. O ideal muda: só subsiste o gosto do ideal.

“Mas a sobrevivencia das obras primas classicas parece indicar a existencia de algum canone, porque, sob sua aparente diversidade e mau grado sua ininterrupta evolução, a humanidade permanece identica a si propria, pelo menos em suas affeições e instinctos profundos.”²⁵

No caminho inverso ao tomado pela *Revista Educação Physica*, que idealiza beleza clássica, o historiador da arte, Ernst Gombrich, faz ver que os padrões estéticos, criados e recriados constantemente, mais do que reproduzirem imagens reais são consequência tanto da imaginação como do nível e conhecimento e desenvolvimento técnico dos artistas de cada época.

A arte grega, afirma Gombrich, entre os anos 520 e 420 AC., elaborou um método de criar beleza através de uma figura geral e esquemática que se torna real ao ponto da superfície do mármore parecer animar-se com vida e respirar. Nessa figura, a beleza é sempre representada pela harmonia e graciosidade do corpo e dos seus movimentos e, mesmo sem possuir uma expressão particular ou a demonstração de alguma emoção forte em suas feições, coroou um ideal de beleza reconhecido por quase toda a civilização ocidental. Para ele,

Não existe corpo humano que seja tão simétrico, tão bem construído e belo quanto os das estátuas gregas. As pessoas pensam freqüentemente que o método empregado pelos artistas consistia em observarem muitos corpos e deixarem de fora qualquer característica que não lhes agradasse; que começavam copiando meticulosamente a aparência de um homem real e depois o embelezavam, omitindo qualquer irregularidade ou traço que não se harmonizasse com a idéia de um corpo perfeito. Muitos dizem que os artistas gregos “idealizaram” a natureza e que a conceberam em termos de um fotógrafo que retoca um retrato eliminando pequenos defeitos. Ocorre, no entanto, que uma fotografia retocada e uma estátua idealizada carecem usualmente de caráter e vigor. Tanta coisa fica de fora e tanta é eliminada que pouco restará além de um pálido e insípido espectro do modelo. O enfoque grego era, na realidade, exatamente o oposto. Durante todos aqueles séculos, os artistas que estivemos analisando se empenhavam em insuflar cada vez mais

²⁵ Revista Educação Physica, n.º 20, julho de 1938, p. 38

vida nos corpulentos modelos antigos. Na época de Praxíteles,²⁶ esse método produziu seus frutos mais maduros. Os velhos tipos começaram a se mover e a respirar sob as mãos do hábil escultor, e erguem-se diante de nós como seres humanos de verdade mas, ao mesmo tempo, como seres de um mundo diferente e melhor. São, de fato, seres de um mundo diferente, não porque os gregos fossem mais sadios ou mais belos do que os outros homens - não há qualquer razão para pensar que fossem - mas porque a arte, nesse momento, atingira um ponto em que o típico e o individual eram colocados num novo e delicado equilíbrio.²⁷



Apolo de Belvedere



Vênus de Milo

Noutro contexto cultural e econômico, a *Revista Educação Physica* apropriou-se de algumas dessas obras para delinear traços que levem a modelar o ser belo e o ser saudável.

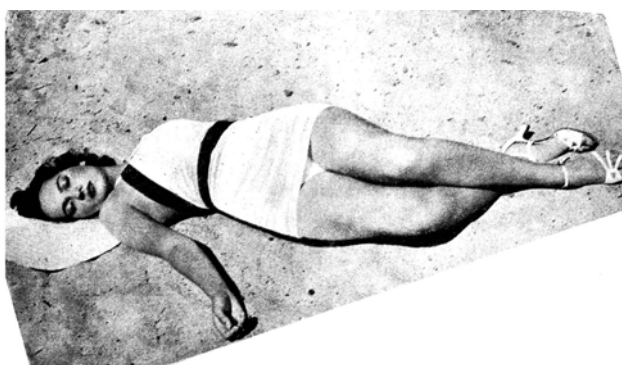
Nesse sentido, é possível identificar que, ainda que a estatuária grega apareça como um modelo de perfectibilidade que reproduz algo que alguma vez foi corpo de deuses e deusas, de heróis olímpicos ou de pessoas perfeitas, as páginas da *Revista* modernizam o conceito de belo trazendo-o para outro tempo/lugar: para a moderna sociedade capitalista, onde são outras as regras culturais que regem as

²⁶ Praxíteles é considerado por Gombrich como o maior artista do século IV AC., porque sua obra fez desaparecer todos os vestígios de rigidez. O Apolo de Belvedere e a Vênus de Milo, referências de beleza masculina e feminina na *Revista Educação Physica*, foram esculpidas utilizando as inovações e métodos desenvolvidos por Praxíteles.

²⁷ E. H. Gombrich, *História da Arte*, p. 69-70.

representações de beleza e onde são outras, também, as formas de produção e reprodução de imagens.

A fotografia e o cinema criam e traduzem, em grande escala, percepções estéticas que olham e exibem o corpo feminino a partir de outra aparência e sensualidade convertendo a imagem da mulher bela e sedutora em um ícone da sociedade de consumo.



Lord Byron sentiu um grande pesar ao ver as praias da Grécia despovoadas dos seus deuses. Hoje o sublime bardo inglês, se percorresse as praias do Leblon, ficaria satisfeito: não encontraria ninfas desnudas entre as ondas, mas veria coisas mais belas. O nú é a indumentária dos deuses. Revista Educação Física, nº 31, junho de 1939, p. 6.



Revista Ed. Physica , nº5, abril de 1936, p. 5



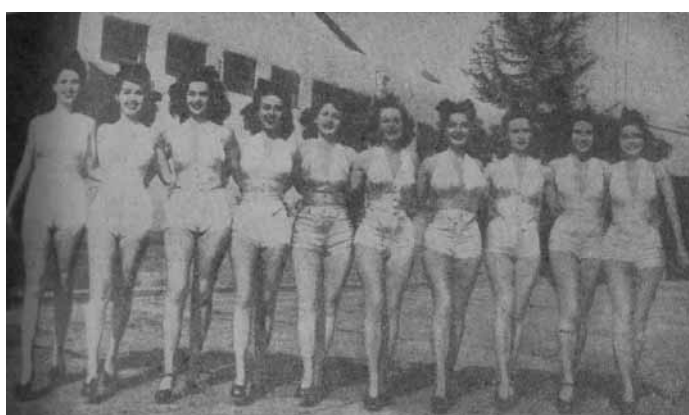
Revista Ed. Physica , nº4, março de 1934, p. 1

Sintonizada com seu tempo, a *Revista Educação Física* confere movimento à tensão entre o ideal da proporcionalidade harmoniosa das formas

corporais, que adota como sendo clássico, e as representações de sedução e de erotismo espetacularizadas pelos modernos meios de produção e reprodução de imagens. Mitifica a beleza e acrescenta-lhe os sinônimos de saúde e prestígio, principalmente, quando aproxima esse ideal de uma representação convencional do que é ser feminina.

Além do corpo perfeito, para ser bela, é necessário ter qualidades capazes de seduzir e chamar para si o olhar do outro. Ser bela é ser, atraente e sensual. E também, feminina: graciosa, virtuosa e submissa ao ponto de não ameaçar os conceitos tradicionalmente demarcados para cada sexo.

A influência do cinema, sobretudo o cinema americano, é visível quando o assunto é a beleza da mulher. As atrizes são exemplos a serem imitados pela beleza que ostentam, pelo corte dos cabelos, pela maquilagem, pelas roupas que vestem, pela maneira com que se movimentam, pela juventude que emana dos seus corpos bem delineados... Imagens nascidas do imaginário dos estilistas e que, ao serem popularizadas pelos estúdios de Hollywood, tornam-se referências no estabelecimento e no reforço de padrões de conduta e de aparência femininas, disseminando valores estéticos que criam expectativas nas mulheres no que diz respeito a sua vaidade, seus desejos e sua sexualidade.



Um grupo de moças americanas concorrentes a um certame de beleza. Cada qual mais bela e cujo conjunto impressiona pela extraordinária uniformidade. É um magnífico milagre da educação física bem dirigida. Revista Educação Physica, nº 73, março-abril de 1943, p. 13.

A estética de Hollywood invade o mercado editorial brasileiro de forma mais sistemática nos anos 40, através de uma grande quantidade de materiais enviados pela imprensa e pelos estúdios norte-americanos. Materiais estes que são publicados não especificamente em periódicos destinados ao público feminino.

Na década de 40, narra Dulcília Buitoni,

O jornalismo norte-americano expandiu-se. As agências mandavam material que era traduzido e raramente adaptado. Texto vinha assinado por nomes estrangeiros; as fotos também. Hollywood difundia o otimismo como padrão, mesmo em plena guerra. Revistas como “O Cruzeiro”, que possuía uma razoável dose de nacionalização, com reportagens escritas e fotografadas no Brasil, e muita ilustração desenhada por artistas brasileiros, também não escapavam à avalanche americana nos meios de comunicação de massa processada principalmente via cinema. Metro, Columbia, Warner, Fox, Paramount, RKO eram os emissores de fotos e textos que traziam informações sobre artistas ou até pequenas histórias protagonizadas por eles.²⁸

Espelhada nos ícones de beleza produzida pelos estúdios americanos, a *Revista Educação Physica* também cria imagens da exterioridade do corpo feminino, dizendo às mulheres como podem e têm que ser, e aos homens, o que podem e devem delas esperar. Estetiza e controla o corpo da mulher através de uma representação conceitual de beleza, cuja perfeição reside no fato de ser uma idealização que justapõe padrões estéticos clássicos e modernos.

VERIFIQUE, LEITORA, SE A SUA BELEZA É MODERNA

Num recente Congresso de Beleza, Estética e Plástica da mulher, realizado em Hollywood, a cidade das mulheres mais belas do cinema, ficou estabelecida uma convenção para dois tipos de beleza feminina com caráter universal, sob o padrão de peso e medida, que servirão de base a julgamento posterior as observações da plástica em geral pela harmonia das linhas do corpo e dos traços fisionômicos.²⁹

²⁸ Dulcília Helena Buitoni, *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*, p. 73.

²⁹ “Medidas da mulher ideal: altura: 1,68cm. Pescoço: 30,5 cm. Busto: 86 cm; Quadris 90,5 cm; Peso: 55,300 kls. “Medidas da mulher bonita: altura: 1,60cm. Pescoço: 33,5 cm. Busto: 89 cm; Quadris 98 cm; Peso: 60,500 kls”. *Revista Educação Physica* n.º 67, agosto de 1942, p. 33

Ou ainda,

EDUCAÇÃO FÍSICA E BELEZA FEMININA

Hollanda Loyola

Falar em educação física feminina é falar em beleza - a mais rara preocupação da mulher e, sem dúvida, um motivo de real interesse do homem...

(...) A IV Conferência Internacional de Beleza Feminina, realizada em Hollywood, num resumo de Maurice Dekobra, chegou às seguintes conclusões: - “A mulher para ser bela deve ter: 1º) **Três cousas brancas**: a pele, os dentes, as mãos; 2º) **Três negras**: os olhos, os supercílios e o sinal da face; 3º) **Três vermelhas**: os lábios, as faces e as unhas; 4º) **Três pequenas**: os seios, o nariz e a cabeça; 5º) **Três curtas**: as orelhas, os pés e ... a memória.”- E onde ficam as louras e as morenas? Há, pouco, na América do Norte uma revista de grande prestígio, realizou um concurso para apurar quais eram os olhos mais bonitos em relação a côr; saíram vitoriosos os olhos verdes.³⁰

O apelo que a *Revista Educação Physica* faz à capacidade que a mulher bonita tem de exercer atração e fascínio no sexo oposto, não só a incentiva a cuidar de si porque provoca uma identificação com um modo de ser civilizado e moderno mas também a controla porque é ao julgamento do outro que deve agradar/corresponder. Imagem e texto afirmam, por exemplo, que para ser belo o corpo da mulher deve ser forte, ágil, harmonioso e atlético. No entanto, não pode deixar de ser gracioso, delicado e fértil pois é na feminilidade que reside o maior encanto da mulher e, também, o que a diferencia do homem.

Ao mitificar a beleza feminina, atribui à mulher a condição de ser desejada mediante sua capacidade de se fazer desejar e ao homem a condição de ser, acima de tudo, desejante. Nesse aspecto, a beleza passa a ser observada como um critério de seleção através da qual as mulheres disputam, por exemplo, o mercado de casamentos. Afinal, estamos falando dos anos trinta e quarenta, onde casar era quase um destino e a construção da família nuclear quase uma obrigação.³¹

Inspirada no livro “O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres”, de Naomi Wolf, é possível pensar que a mitificação da beleza

³⁰ Revista Educação Physica n.º 37, dezembro de 1939, p. 32-33

³¹ Sobre a família nuclear brasileira ler Susan Besse, *Restructuring Patriarchy: The modernization of gender inequality in Brazil. 1914-1040*; Margareth Rago, *O prazer no casamento*.

feminina relaciona-se não apenas com a aparência física mas, a cada período histórico, com o que neste período se julga desejável ao comportamento feminino. Afinal, o mito da beleza tem uma história a contar:

A qualidade chamada “beleza” existe de forma objetiva e universal. As mulheres devem querer encarná-la, e os homens devem querer possuir as mulheres que a encarnem. Encarnar a beleza é uma obrigação para mulheres, não para homens, situação esta necessária e natural por ser biológica, sexual e evolutiva. Os homens fortes lutam pelas mulheres belas, e as mulheres belas têm maior sucesso na reprodução. A beleza da mulher tem relação com sua fertilidade e, como esse sistema se baseia na seleção sexual, ele é inevitável e imutável.

Nada disso é verdade. A “beleza” é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro. Como qualquer sistema, ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacta o domínio masculino.³²

Estilizada pelo olhar masculino, a beleza feminina sugere o desejo, o sonho, o prazer e a aspiração dos homens, que depositam no detalhe da forma do corpo da mulher a sua habilidade e o seu poder. Um poder que se afirma não pelo que ela diz ou pensa mas pelo que exhibe. Um poder que a liberta dos códigos tradicionais de sexualidade para os quais a mulher, entendida como a mãe em potencial, é dessexualizada e deserotizada. É também a subordinada, porque circunscreve sua existência aos domínios da natureza do seu corpo e dos seus atributos físicos e sexuais.

A construção de imagens da beleza da mulher tensiona, simultaneamente, duas atitudes que se fazem existir em constante movimento: oferecimento e negação. Ou seja, ao mesmo tempo que são expandidas perspectivas de exhibir a beleza feminina, ou melhor, a beleza do corpo feminino oferecendo-o para satisfazer instintos sexuais de uns (umas) e outros (outras), são também criadas estratégias de negação desses mesmos instintos através de discursos e atitudes que enfatizam o puritanismo, a moralização e o decoro. Tensionamento esse marcado pelo saber e pelo fazer masculino, pois

³² Naomi Wolf, O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres, p. 14-15

Até uma data muito recente a imagem, tal como o texto, e decerto mais que o texto, foi, salvo raras exceções, produzida por homens. As mulheres não se representavam a si próprias. Eram representadas. Indubitavelmente no meio dos pintores, dos escultores, dos decoradores, surgiram em todas as épocas algumas mulheres. Mas de uma maneira geral, no que respeita à criação de imagens, as mulheres ficaram reduzidas à posição marginal. (...) Foram os homens que, ao mesmo tempo, modelaram os corpos das mulheres e também os acessórios destinados a vesti-los e a enfeitá-los - o traje, o penteado, a maquiagem, as jóias, sendo esses de facto, inseparáveis do corpo que simultaneamente ocultam e desvendam, e cujos encantos têm por objectivo realçar.³³

As imagens da mulher são permeadas pelo olhar masculino não apenas no que refere-se a sua construção e idealização: o modo de serem representadas espelha também o imaginário masculino.³⁴ Para John Berger:

Las mujeres são representadas de un modo completamente distinto a los hombres, y no porque lo femenino sea diferente de lo masculino, sino porque sempre se supone que el espectador “ideal” es varón y la imagen de la mujer está destinada a adularle.³⁵

Na *Revista Educação Physica*, os homens orientam, não só como pode e deve ser a aparência das mulheres, mas também o seu comportamento. Ao produzirem e reproduzirem movimentos, gestos, posturas, olhares, poses, expressões que traduzem e delimitam representações de feminilidade padronizadas por regras sociais e sexuais, fixam no corpo da mulher, possibilidades e restrições entre o permitido e o proibido, o sagrado e o profano, o normal e o desviante. Remetem, assim, o leitor/leitora a uma naturalização dos papéis sexuais culturalmente instituídos para um e outro sexo, utilizando-se de um discurso que espera convencer a mulher de que é da sua fragilidade que provêm toda sua força e todos os seus

³³ Georges Duby, *Imagens da mulher*, p. 14.

³⁴ Sobre as formas de representação do feminino nas pintura ocidental moderna ler John Berger, *Modos de ver*; Eileen O’Neill, (Re) Apresentações de Eros: explorando a atuação sexual feminina; Paulo Menezes, *A Trama das Imagens: Manifestos e Pinturas no começo do século XX*; Pinacoteca do Estado de São Paulo, *O desejo na Academia (1847-1916)*; Georges Duby e Michelle Perrot, *Imagens da mulher*.

³⁵ John Berger, *Modos de ver*, p. 74.

encantos e que a sedução é a sua arma mais poderosa capaz, inclusive, de submeter o homem.

Uma figura formosa: eis o direito de toda mulher. “O cavallo e a mulher bem nascidos têm pernas bem formadas”. É esse o conceito de um conhecido e antigo creador de cavallos. Como revela semelhante affirmação e experiencia e o conhecimento de causa com quem falava esse nosso amigo! Possivelmente terá nascido no bairro mais pobre; quiça nunca tenha tido oportunidade de educar-se. Não importa. Uma mulher esbelta absorverá todas as bellezas da vida, como uma esponja secca que se mettesse dentro d’agua. Nem é possível negal-o. Homens celebres, vincullados, collocados em posições respeitaveis, não titubearam em unir seu destino ao de jovens sahidias de classes sociaes inferiores. A explicação? É facil: attracção, belleza, encanto”.³⁶

O discurso da beleza feminina como promessa de prestígio, felicidade e ascensão social aparece em alguns textos da *Revista Educação Physica*, em especial naqueles que reiteram uma representação passiva do “ser feminina”. Representação essa que satisfaz tanto homens quanto mulheres, seja porque mobiliza paixões, afetos e sensualidades como porque, na sua essência, não rompe com convenções socialmente construídas e aceitas, para as quais, ser alvo do prazer alheio parece ser uma forma de afirmação do feminino.

A imagem da mulher bela como irresistível ao desejo masculino, carrega em si um certo encantamento que, uma vez desfeito, transforma o que representava esperança e possibilidade em controle e submissão. Valorizada pela aparência do seu corpo é ao prazer do outro que deve agradar, ainda que nesse jogo de sedução, não seja avara consigo mesma, exercitando também seu desejo, sua sexualidade e feminilidade.

O que encarcera a mulher ao mito do embelezamento não é o fato da mulher desejar cuidar de si e da sua aparência mas, sim, as representações que este mito cria e que faz com que ela se sinta invisível ou incorreta se não atingir os padrões estipulados para seu tempo. Ainda pensando com Naomi Wolf,

(...) o que incomoda as mulheres no mito da beleza não são os enfeites, a expressão da sexualidade, o tempo gasto se arrumando ou o desejo de conquistar alguém. Muitos mamíferos se arrumam e todas as culturas usam

³⁶ Prof. Heinz Pfaude. *Revista Educação Physica*, n.º 11, setembro de 1937, p. 61-63

adornos. Não está em questão o que é “natural” ou “não natural”. A verdadeira luta é entre a dor e o prazer, a liberdade e a obrigação.³⁷

E a beleza, quando tornada uma obrigação, dói. Seja porque não estimula as mulheres a perceber que seus corpos são valiosos não pelo que de belo neles se pode observar mas simplesmente porque elas estão neles. Seja porque faz com que interiorizem uma mensagem que afirma como mais importante não o seu desejo pelo outro mas o desejo de ser desejada.

Dói, enfim, porque traz em si uma relação hierárquica de poderes e saberes, tanto porque interioriza vontades e ações que são alheias a quem a carrega, como porque o faz ao ponto em que essa hierarquia, muitas vezes, não seja percebida nem reconhecida fazendo das mulheres supervisoras, como são os homens, de sua própria feminilidade.

Evidentemente que as mulheres não são meros objetos sobre os quais direcionam-se padrões estéticos e comportamentais. Elas interagem com esses padrões, apreendendo de diferentes maneiras as representações de beleza e feminilidade eleitas para o seu tempo, reconhecendo-se nelas ou não, assumindo-as ou não.

Pensando especificamente na *Revista Educação Física* poucas são as mulheres que escrevem sobre o embelezamento feminino e quando o fazem reforçam as representações já produzidas. Os artigos publicados ou destacam aspectos técnicos de execução de exercícios e atividades esportivas ou desfilam conselhos para melhorar a aparência. Inexistem questionamentos, dúvidas, indecisões quanto aos padrões divulgados. Sigamos os fragmentos de alguns destes textos:

EMBELEZE OS OMBROS

Hellen Macfadden

³⁷ Naomi Wolf, O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres, p. 364-365.

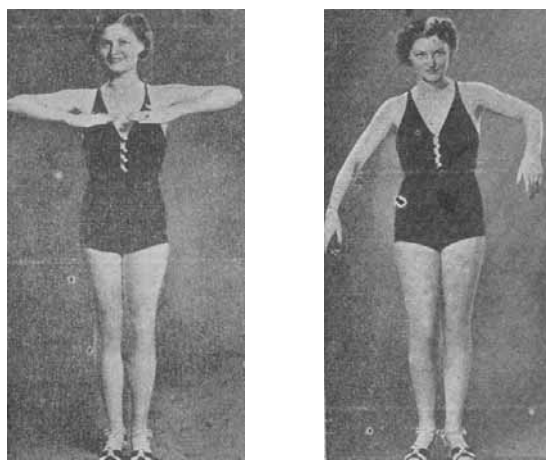
Braços, pescoço e ombros bem torneados são tão importantes no ponto de vista da boa postura como qualquer outra parte do corpo. Serão um complemento definitivo de sua elegância se conservá-los flexíveis e gráceis.

Nós mulheres modernas temos para isso um maior incentivo devido às modas atuais. Nos tempos vitorianos apenas o antebraço ficava exposto. Hoje, especialmente nos meses de verão, as modas requerem a exposição de todo o braço e isto significa que não podem ser demasiado delgados ou demasiado grossos. Só a mulher que tiver os braços de linhas harmoniosas poderá considerar-se elegante.

Deve haver perfeito alinhamento do pescoço, ombros e braços, porque estas partes do corpo estão estreitamente relacionadas, especialmente quando se considera a postura. Se os seus braços e ombros teem que ser belos as clavículas devem estar bem cobertas para apresentar uma linha suave. (...)

A jovem em roupa de banho é uma jovem em parada, e embora não gostemos de considerar-nos como exibicionistas, é bem natural que tanto homens como mulheres se agradem de nosso aspecto. E desejamos encontrar aprovação seja onde for. (...)

Ginger Rogers, Eleanor Whitney e a recém descoberta Toni Noviska possuem corpos de linhas notavelmente harmoniosas - graças a suas atividades de dançarinas. Se a maior parte do exército de Hollywwod tem belo aspecto, é porque gostam muito das quadras de tênis, dos campos de golfe e da praia. A atividade ao ar livre é importantíssima para conservar o bom aspecto. Mas não é preciso viver na Califórnia para ter boa saúde e bela figura. Você pode seguir a mesma fórmula na sua própria comunidade, se quiser fazê-lo.³⁸



Modelo: Hellen Macfadden - a autora do texto

Senhora: suas mãos necessitam de exercícios

Prof. Ruth Schwarz de Morgenroth

³⁸ Revista Educação Física n.º 33, agosto de 1939, p. 18-19 e 77

(...) Queremos que nossas amáveis leitoras tenham mãos formosas, isto é, bem cuidadas, de cutis branca, suave e sã, com unhas fortes, naturalmente limpas (a moda exige uma pintura sôbre cujo gosto não queremos entrar em discussão), cortadas (ou limadas) de acôrdo com a forma da mão - bem proporcionadas sem frieiras nem calos - fortes mas femininas.³⁹



Conservar a juventude no esplendor de sua beleza e de sua vitalidade é o mais constante desejo da mulher. A realização dêste sonho não é impossível, - a educação física bem conduzida pode transformá-lo numa palpitante realidade. É questão de esforço, método, boa vontade. Quem não gostaria de ter a beleza plástica das banhistas ao lado?⁴⁰



FORTALEÇA E EMBELEZE O SEU BUSTO

³⁹ Revista Educação Physica , n.º 40, março de 1940, p. 33

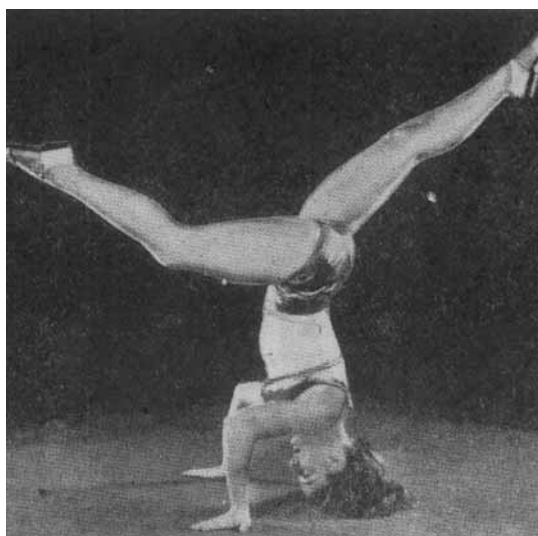
Alice Everett

Nosso encanto e feminilidade, nossa atração física, nossa beleza, enfim, dependem principalmente das nossas glandulas.

É o seu encadeamento que decide de nosso sexo e é preciso conservar a todo custo esse funcionamento glandular, pois dele depende a beleza da mulher. Sòmente da alimentação depende o estímulo e a normalização das glandulas.

Para mim, é coisa muito triste ver uma mulher de meia idade perder seus encantos femininos. A face toma um aspecto duro, cobrindo-se de pelos; os olhos perdem seu brilho, o corpo perde seu contorno juvenil e desaparece a sua feminilidade. (...).

Qualquer mulher pode conservar sua juventude e elegancia através de um simples programa de dieta e exercícios. Lembremo-nos de que devemos a nossa mocidade às nossas glandulas. Rejuvenescer o sistema glandular por meio de uma alimentação natural é tornar-se uma criatura bela e saudavel como todas as mulheres devem ser.⁴¹



No tempo onde a industria dos cosméticos ainda é pouco desenvolvida, as receitas caseiras constituem-se como possibilidades de manter-se bela. Receitas que são passadas de mulher para mulher:

CONSELHOS PARA A BELEZA FEMININA

Professora Srta. Eva Gerard

⁴⁰ Professora Lois Leeds, Revista Educação Physica n.º 49, dezembro de 1940, p. 21

⁴¹ Revista Educação Physica n.º 36, novembro de 1939, p. 49-51

DENTADURA: Para que os dentes fiquem mais brancos e brilhantes, esfregá-los dia sim dia não com casca de limão e, em tempo de morangos, esmagar um, todas as manhas, sobre a escôva de dentes. Também é excelente lavar-se com bicarbonato de sódio, ainda que não deva abusar dêle, devendo usar-se igualmente dia sim dia não, ou menos.

LEITE DE MORANGO, PARA A TEZ: Obter meio copo de suco de morangos, e depois de coá-lo duas vezes, adicionar-lhe uma pitada de bórax em pó e umas gotas de água de Colônia de bôa qualidade. Agregar de vagar, revolvendo, um quarto de litro de leite crú, ou então leite de amêndoas. Colocar em um frasco bem tapado, e usar esta solução depois da higiene diária.

POMADA ADELGAÇANTE: Para conservar a linha elegante dos músculos, que começam a engrossar, convêm praticar massagens com pomada preparada com manteiga fresca, em que verta gota a gota um pouco de tintura de iodo. Quando a preparação começa a adquirir um tom nogueira claro, acha-se no ponto e só falta envasá-la.

CONTRA O MAU HÁLITO QUE DEIXA O ALHO: Mastigar um grão de café, ou então, um bocado de perrexil crú.

CONTRA AS FRIEIRAS: friccionar as mãos, pela manhã e à noite, com uma mistura de glicerina e amoníaco em partes iguais.

PARA LIMPAR AS ESCÓVAS DE CABEÇA: Basta esfregá-las simplesmente com farelo, que tira perfeitamente a matérias graxas aderidas a suas crinas. Unicamente mui de tempo em tempo, utilizar o amoníaco para devolver aos pêlos sua rigidez normal.

COMO BRONZEAR ARTIFICIALMENTE O ROSTO: Lavá-lo com uma forte decocção de folhas de nogueira. Isto escurece a cutis e constitue, ao mesmo tempo, excelente adstringente.

MÁSCARA DE BELEZA: Eis aqui uma velha receita que se compõe de elementos reconhecidos como excelentes para a cutis:

Farinha de cevada.....90 gramas
Mel branco35 gramas
Uma clara de ovo

Quando a pele se acha irritada, endurecida ou muito sensível, será conveniente conservar esta máscara de beleza facial durante toda a noite.

PARA FORTIFICAR AS UNHAS QUEBRADIÇAS: Em uma quantidade de azeite de oliva, suficiente para nela submergir a ponta do dedo, pingar dez gotas de suco de limão, dez gotas de vinagre e uma pitada de ácido bórico. Manter as unhas dentro dêste preparado durante um quarto de hora.

UM TÔNICO EXCELENTE: Espreme-se, de noite, o suco de um limão, e neste se colocam algumas passas de Corinto que se deixam macerar até a manhã seguinte. Ingere-se a infusão antes da refeição matinal”.⁴²

As mulheres, tanto quanto os homens, apesar de compreenderem a beleza a partir de um ideal de perfeição inatingível para a grande maioria das leitoras, não deixam de experi-la como uma conquista possível de ser alcançada por cada uma, desde que se submetam a diferentes orientações, disciplinas e cuidados. Mitificam a

⁴² Revista Educação Física 47, outubro de 1940, p. 30

beleza, e ao fazê-lo exercitam e exercem, também, mecanismos de controle sobre o corpo feminino objetivando a automodificação.⁴³

É interessante observar que cabe à mulher escrever sobre assuntos bem específicos do embelezamento, isto é, sobre detalhes de como cuidar de um ou outro segmento corporal como, por exemplo, dos ombros, da cintura, dos joelhos, do ventre, dos pés, das mãos, etc, como podemos observar em alguns títulos que são assinados por autoras nacionais e estrangeiras:

“Fortaleça e embeleze seu busto”, “Senhoras: suas mãos necessitam de exercício”, “Adquira uma cintura natural”, “Para fortalecer a nuca e a espádua”, “Ginastica corretiva - seus pés a atormentam”, “Pernas direitas, pés são”, “Desenvolva também os ombros e os braços”, “As pernas são os pilares da saúde e da beleza”, “Para ter cadeiras formosas”, entre outros.

Quanto aos homens, poucos abordam temas tão específicos. Quando escrevem sobre o embelezamento da mulher - e escrevem - sua abordagem é mais generalizada não restringindo-se à detalhes técnicos. Ao tematizarem o corpo feminino quase sempre informam, também, sobre padrões de ser e de se comportar. Dito de outro jeito: para além das especificidades técnicas da execução de uma ou outra atividade corporal, os homens escrevem, também, sobre aspectos como, por exemplo, a função que a mulher deve desempenhar na sociedade brasileira, normas de conduta e comportamento, preparação para o casamento e a maternidade, importância de desenvolverem seu corpo físico e sua saúde, a necessidade de praticarem exercícios físicos, preceitos de higiene, conselhos de ordem moral. etc. Vejamos:

“Deve ou não mulher desenvolver a sua força?”, “Esporte libertador da mulher”, “O direito de toda mulher - uma figura formosa”, “A Venus de Millo - formosura

⁴³ Sobre o autocontrole e a automodificação feminina é interessante ler Susan Bordo, *O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault*,. Para a autora, “por meio de disciplinas rigorosas e reguladoras sobre a dieta, a maquiagem e o vestuário - princípios organizadores centrais do tempo e espaço nos dias de muitas mulheres - somos convertidas em pessoas menos orientadas para o social e centradas na automodificação. Induzidas por essas disciplinas, continuamos a memorizar em nossos corpos e sentimentos a convicção de carência e insuficiência e achar que nunca somos suficientemente boas”. (p.20).

ineffável”, “As formas femininas e a Educação Física”, “Beleza feminina”, “Deve a mulher praticar esportes?”, “Por que a mulher não deve praticar o futebol”, “Vida conjugal - dez regras para o êxito matrimonial”, “Andar com elegância”, “Prova do laço nas moças solteiras”, “A dança embeleza o corpo e levanta o espírito”, entre outros

Ainda que a escrita dos homens sobre a beleza das mulheres seja expressão do desejo masculino, ser bela, feminina e sedutora encontra seu espelho na aspiração das mulheres. O desejo de modelar a própria exterioridade, expresso em atitudes como o cuidado com a aparência, o desnudamento do corpo, as práticas competitivas, os exercícios ao ar livre, a elegância dos movimentos e a moda esportiva compõem um conjunto de necessidades/reivindicações que movimenta a fantasia, a vaidade e o prazer das próprias mulheres. Afinal, movimentar o desejo só faz sentido se o próprio desejo não estiver silenciado.

Portanto, tornar-se mais atraente ao olhar do outro é tanto uma condição como um anseio que está impresso no detalhe do seu corpo. Uma condição porque a limita aos padrões estéticos dominantes e restringe os espaços para a expressão de outras singularidades - ainda que existam processos subjetivos de apreensão deste imaginário socialmente construído e aceito que permitem o desenho de determinadas formas de resistência. Um anseio porque liberta sua sexualidade da função reprodutiva fixando, no seu corpo, outros destinos.

Na *Revista Educação Física*, quando o tema é o embelezamento, os artigos e as imagens raramente o associam à maternidade. A representação da mulher bela e feminina está mais ligada ao erotismo e ao prazer que desperta enquanto objeto de estímulo sexual do que à reprodução - mesmo que casamento e maternidade apareçam como papéis sociais a serem desempenhados pelas mulheres.

A sensualidade das vestes, o sorriso eternizado em rostos jovens e saudáveis, a leveza na execução de diferentes movimentos, o quê do corpo é despido ou encoberto, remetem a uma leitura ambígua da sexualidade feminina porque simultaneamente são apresentadas expressões de recato e explicitude, de exibição e de presença silenciosa. Se o corpo da mulher é erotizado, também é amenizado nas sua conotação erótica, tornando sua exibição aceitável aos padrões da moral pública

existente no tempo em que circulou, ora ampliando o exercício da sexualidade feminina, ora restringido esse exercício aos limites da procriação.



Rev Ed. Physica, nº22 setembro 1938, p. 13



Rev Educação Physica, nº1 maio 1932, p. 43



Rev Ed. Physica nº31, jun/39



Revista Ed. Physica nº 32, jul/39

Exibida no detalhe da sua beleza e sensualidade, a anatomia harmônica do corpo feminino, é uma promessa de luxúria e de fonte de vida, de emancipação sexual e de regeneração da raça, de liberdade corporal e também de controle das emoções e das identidades individuais.

Incorporadas ou não pelas mulheres, as representações de beleza presentes na *Revista Educação Physica* advêm de um olhar e de um discurso masculinos, não

porque desenhadas e faladas por homens mas porque interiorizadas por um inconsciente que fantasia a diferença para torná-la suportável. Assim, se por um lado, a *Revista* expressa e estimula vontades (masculinas e femininas) que liberam o corpo da mulher e espetacularizam a sua exibição, por outro, censura esses desejos. Duplamente: pela censura oficial que regulamenta as publicações consoante os valores e as regras morais e sociais existentes e pela censura que emerge do inconsciente de cada autor/autora, cujos desejos desnudam/ocultam esse corpo que se oferece e é oferecido ao olhar.



Revista Educação Physica
nº 36, novembro de 1939

SEJA MÃE

As mães fortes são as que fazem os povos fortes. É de toda necessidade a Educação Física para a menina afim de desenvolver o santuario da maternidade.¹ Thardiére.

A *Revista Educação Physica*, ao longo dos seus treze anos de existência, por várias vezes publica artigos, notas, imagens, citações e comentários cujo conteúdo exalta a maternidade como a mais encantadora e sublime missão da mulher. Não se intimida em afirmar que é dela a responsabilidade não só de gerar mas também de criar filhos fortes e sadios, futuro promissor de um país que se moderniza.

Identificada como uma função social, a maternidade, é, simultaneamente, um destino porque observada como um acontecimento natural e um desafio porque prescinde de preparação física e refinamento emocional. Tanto quanto ter um corpo fortalecido, é necessário, para a mãe em potencial, ter um caráter virtuoso, moldado pela valorização de qualidades como a benevolência, a generosidade, o recato e a abnegação. Virtudes advindas de uma moral burguesa que, ao serem idealizadas como verdadeiras, trazem à lembrança de cada mulher, pensamentos, modos de ser e de se movimentar que gravam no seu corpo gestualidades adequadas ao que se espera configurar uma vida em sociedade.

Produto e produtora de representações ligadas às práticas higienistas, eugênicas e cívicas, as imagens que a *Revista* produz e reproduz da mulher que é ou será mãe, são elaboradas a partir de duas representações que se revezam: a mulher-mãe e a mãe-cívica.

Ainda que não se caracterizem como distantes uma da outra, apesar de maquiladas com sutis diferenças, estas representações, compõem o mesmo conjunto de intenções, para o qual as mulheres são observadas como referências fundamentais ao engrandecimento do país, dadas as atribuições que lhes são designadas e que lhes cabe enfrentar com maior ou menor ousadia.

Se a representação da mulher-mãe está voltada para o fortalecimento da raça no que diz respeito à saúde, o vigor físico e a eficiência dos indivíduos frente aos obstáculos reservados pela vida, inclusive, àqueles inerentes ao mundo do trabalho produtivo, a representação da mãe-cívica, incorpora e defende o discurso oficial da preservação da soberania e da honra nacional. Se a primeira reconhece a importância das atividades corporais e esportivas para favorecer o aperfeiçoamento da reprodução humana, a segunda vê na Educação Física uma possibilidade imediata de preparar os jovens para a guerra, de mantê-los dispostos para a luta e de exibirem a força de seu patriotismo.

São acontecimentos políticos-ideológicos que fazem com que a *Revista Educação Physica* incorpore à imagem da mãe um exacerbado sentimento de amor à Pátria. Até o final dos anos trinta, quando publica artigos sobre a função social da maternidade, seus argumentos estão fundamentados nos princípios da higiene e da eugenia, para as quais a mulher é um meio de fortalecimento individual e social. Refletem as demandas de um tempo de transição na sociedade brasileira para o qual colocam-se várias expectativas, sintetizadas na representação evolucionista de progresso, que compreende ser indispensável para o desenvolvimento de uma nação, a regeneração física e racial dos homens e mulheres que a ela pertencem. Um tempo em

¹ Revista Educação Physica, n.º 39, fevereiro de 1940, p. 60.

que convivem, simultaneamente, a herança de um recente passado colonial, agrário e cristão e o dever de um futuro moderno, industrial e não menos cristão.²

Com a iminência da participação brasileira na II Guerra Mundial, um sentimento de nacionalismo cresce nas páginas da *Revista*, incorporando à representação da mulher-mãe uma dimensão política bem específica. Nasce a mãe-cívica: aquela que tem consciência de que, pela força de suas virtudes e qualidades, estará formando física, moral e intelectualmente os defensores da Pátria e pela qual é capaz de suprimir suas dores e temores.

Diferentemente da mulher-mãe, a mãe-cívica adquire voz. É ela quem fala, quem impõe normas e condutas, quem aconselha, quem incorpora o discurso oficial dos deveres e da fidelidade à Pátria. O autoritarismo do discurso é minimizado pelo tom atribuído à sua voz, ao mesmo tempo, determinado e complacente, corajoso e abnegado. E também pela forma com que, algumas vezes, este conteúdo é publicado.

Vejamos, por exemplo, esta carta - uma comunicação íntima e pessoal que uma mãe dirige ao filho que tanto ama:

**UMA CARTA DA MÃE A UM SOLDADO DA PÁTRIA
O QUARTEL É, HOJE, O TEU LAR. O EXÉRCITO É, HOJE, TUA FAMÍLIA...
TUA MÃE, FILHO, A TUA PÁTRIA**

“Meu filho.

Faço a justiça ao teu caráter e ao teu coração de pensar que não são necessários, nesta hora grave e solene, os conselhos de tua mãe. Até há dias, tu era um brasileiro apenas. Hoje és um soldado brasileiro. Perante Deus, que lê a minha alma e conhece as minhas ações, posso erguer a minha humilde cabeça, convicta de que cumpri meu dever de brasileira, cuidando-te e educando-te em condições de fazer de ti um patriota. Esse amor que deves à tua Pátria, meu filho, deve ser, tem de ser semelhante, na capacidade de sacrifício e abnegação, ao amor maternal. Cada mulher está pronta para dar a vida pelo seu filho, como cada homem deve estar sempre preparado para dar a vida pela sua Pátria. A nenhum outro amor pode comparar-se, porque todos os amores estão na dependência da inconstância, do capricho, do prazer, do ciúme e do interesse e o amor da Pátria não

² Sobre esse tema ler Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*; Gilberto Freyre, *Casa-grande e senzala*.

conhece restrições, não admite fadiga e se sobrepõe a todas as considerações do egoísmo e dos baixos instintos humanos.

Ama a tua Pátria sobre todas as coisas, pois que nada seria mais do que um pária se a Pátria não fizesse de ti um cidadão, se ela não te houvesse concedido, na comunidade humana, o nobre direito de ser “alguém” sobre a terra e se não te tivesse dado a família imensa e poderosa dos teus concidadãos. Ser mãe, meu filho, é ter apenas uma pequena família limitada pelos laços do sangue. Ser brasileiro é ter uma família de quarenta milhões de irmãos, solidários do mesmo dever imprescritível, beneficiários das mesmas glórias, associados ao mesmo destino.

A tua mocidade e o teu nascimento fizeram de ti um soldado brasileiro. Eu, que sou tua mãe, te criei e te defendi, coloco-me, hoje, sob a tua proteção, abrigo-me à tua força e considero-me sob a tua defesa. A honra da nossa Pátria é também a honra da tua mãe, e não exito em crer que tu saberás, em qualquer campo, defendê-la de qualquer ameaça e vingá-la de qualquer ofensa.

Olho, hoje para ti, com outros olhos. Esqueço que te vi menino e frágil, no meu regaço, que te protegi com o meu amor. Vejo em ti, apenas um homem: uma força ativa e consciente, uma energia resoluta - um soldado. O quartel é, hoje, o teu lar. A tua mãe é, hoje, a tua Pátria.

(...) A mão com que te abenço-o não treme ao indicar-te o caminho do dever e da honra. O meu orgulho de patriota serve de bálsamo à minha dor de mãe.

O quartel é, hoje, teu lar. O exército é, hoje, a tua família. Preza a Deus que possas regressar brevemente aos meus braços; mas seja qual for o prazo que o destino marque para a minha saudade, eu a sofrerei sem lastimar-me, confiante em que não voltarás para perto de mim se haveres desafiado a tua Pátria.

Durante vinte anos tu te curvaste, reverente, diante de mim, beijando a mão que te acariciou e guiou. Hoje, sou eu que me inclino, respeitosa, diante de ti, porque és um soldado brasileiro, porque tu representas uma partícula da Pátria, da sua coragem, da sua honra e da sua força.”³



³ Revista Educação Física, n.º 62/63, janeiro/fevereiro de 1942, p. 14.

Acompanha as representações da mulher-mãe e da mãe-cívica um conjunto de argumentos que acentua a urgência da elaboração de programas de Educação Física, da organização do lazer operário e do incentivo às práticas corporais e esportivas, de forma a redimensionar o uso dos corpos masculinos e femininos, seja para reforçar a cultura e a identidade nacionais, seja para socorrer a nação que está em guerra.

Mergulhada neste universo de euforia cívica e de progresso social, a *Revista Educação Physica* identifica, aceita e defende para si a tarefa de fazer ver, de divulgar e de orientar, pedagógica e cientificamente, a Educação Física e os esportes, sem os quais não compreende ser possível o robustecimento da população.

Motivados por essa idéia, seus editores publicam vários textos que sugerem vigilâncias e cuidados para com a saúde pessoal e a higiene social, como por exemplo, o controle da procriação, a preocupação com a formação moral das crianças e jovens, a preservação da família e do lar, o caráter moralizador e disciplinador do esporte, a exaltação ao Estado constituído, a construção de um sentimento de nacionalidade e, evidentemente, em se tratando de regeneração da raça, a glorificação da imagem da mãe.⁴

Na *Revista Educação Physica* os textos que mencionam a maternidade, recorrem ao discurso médico para justificar o político, quando argumentos biológicos são utilizados para demarcar possíveis talentos, funções e espaços sociais a serem ou não ocupados pelas mulheres. O mais longo deles, escrito por um professor de Educação Física e técnico do Estado Novo, não poupa palavras para evidenciar que o destino de toda mulher está inscrito nas entranhas de seu corpo e que fortalecê-lo é prestar um serviço à humanidade.

⁴ O discurso importância da prática de atividades físicas na preparação da mulher-mãe e sua identificação com a regeneração da raça não é exclusivo da realidade brasileira. Diferentes países, com diferentes orientações políticas e ideológicas adotaram, também, esse mesmo discurso. Os seguintes trabalhos abordam essa questão. Manuela Hasse, *O divertimento do corpo: corpo, lazer e desporto na transição do séc. XIX para o séc. XX em Portugal*; Gertrud Pfister, *Conflicting femininities: The discourse on the female body and the physical education of girls in National Socialism*; Ana Valeta, *Metodo de ginmasia sueca y respiratoria*; Angela Teja, *Educacione Fisica al Femminile*; entre outros.

Ao detalhar especificações sobre a ginástica para a mulher que trabalha, para a mulher que estuda, para a mulher na sociedade, para a mulher-mãe e para a mulher na idade madura e velhice, o autor desfila recomendações sobre a importância dos exercícios físicos na construção do corpo e da personalidade femininas cujos benefícios, para além de serem individuais são coletivos. Afinal, ao desenvolver-se sadia, hígida e forte, a mulher cumpre uma missão. Sigamos algumas de suas palavras:

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA FEMININA

Hollanda Loyola

Nunca será demasiado encarar a importância da Educação Física para a mulher. Quanto mais nos aprofundarmos nos estudos tendentes a efetivar a eugenia da raça, nas pesquisas destinadas a solucionar os problemas relativos à saúde humana, a dar ao homem e à mulher o máximo de sua eficiência física para a vida, mais nos comparamos da importância capital da Educação Física feminina. É mister que nos convençamos da verdade irrefutável desse dogma - *a mulher precisa de ginástica!* Principalmente a mulher moderna, cujo valioso concurso é, a todo instante, solicitado, na vida agitada e vertiginosa de nossos dias. Precisamos identificar a mulher com a prática racional dos exercícios físicos, educá-la para uma compreensão elevada dessa forma salutar de atividade que, tanto contribui para a conservação de sua saúde e de sua beleza, para a manutenção de sua mocidade e de sua eficiência.

(...) Sempre fomos de opinião - e já o temos afirmado em vários outros trabalhos - de que mais do que o próprio homem, precisa a mulher de praticar ginástica, cuidar da Educação Física de seu corpo. E justificamos esse ponto de vista. É que a mulher tem uma responsabilidade muito maior nos destinos da espécie, no melhoramento da raça, na organização de um futuro melhor para o homem. Cabe-lhe a mais elevada e nobilitante missão da vida - ser MÃE; é no delicado aconchego de seu regaço que o homem se prepara para a vida; é ainda dos seus cuidados maternos que depende todo o destino do pequeno ser que ela conduziu no ventre e embala em seus braços. Ora, para que a mulher possa cumprir, em todo o seu esplendor, a augusta missão que lhe está confiada, é necessário que ela esteja em condições de transmitir aos filhos todas as qualidades que devem constituir esse indivíduo normal, senão perfeito.

“A Educação Física da mulher é o capítulo primeiro e essencial de toda a regeneração física” - afirma Nelly Roussel. “A Educação Física é antes de tudo, uma educação da célula, e a mulher é a célula máter da sociedade”, diz o Dr. Philippe Tissié. E conclui o nosso patrício Orlando Rangel Sobrinho: “A falta de vigor físico tem na mulher conseqüências piores que nos homens. A função primordial da mulher é a procriação e todo o preparo físico não deve perde-la de vista. Podemos mesmo adiantar que a constituição física é mais importante que a intelectual; enquanto a primeira pode determinar, quando má, a extinção das descendências em poucas gerações, a segunda é passível de desenvolvimento indefinido de geração em geração. Os retardados intelectuais podem ser eficientemente combatidos; os físicos constituem uma tara terrível, de funestas conseqüências para a reprodução da espécie e o aperfeiçoamento da raça. As inteligências

privilegiadas nem sempre se transmitem aos filhos, mas a herança das taras físicas é quasi sempre irremediável, fatal, quando em tempo não intervêm processos especiais para preveni-la.”

É em face da procriação que avulta a importância da Educação Física para a mulher. Ela precisa não apenas estar apta para o exercício pleno daquela função, mas estar também em condições físicas para gerar seres fortes. É cuidando de seu próprio corpo, de sua saúde, de sua eficiência física que a mulher adquire os conhecimentos praticos indispensáveis a realizar uma vida sadia e a forjar uma geração forte; praticando Educação Física a mulher fará desta uma verdadeira escola de saúde, conhecerá melhor os preceitos da higiene, os melhores processos de alimentação, como funciona o organismo, qual é a estrutura do corpo, como ele se desenvolve e o que se deve fazer para a sua melhor conservação e para o seu maior rendimento, interessar-se-á mais pela sua vida física, corrigirá suas deficiências orgânicas, combaterá seus defeitos e preparar-se-á melhor para dar à espécie filhos são e filhos fortes.⁵

Discursos semelhantes a este aparecem outras vezes na *Revista*, circunscrevendo a mulher nos limites da sua sexualidade e do seu corpo pois, é pelo útero e pela sua capacidade de procriação que, muitas vezes, é definida intelectual e moralmente. A construção da representação da mãe constela, ao mesmo tempo, promessa de felicidade familiar e de progresso social, tanto porque lhe é atribuída a preservação da harmonia conjugal e a educação da prole como porque da saúde de seu corpo depende ou não o vigor das futuras gerações.

Preparar, garantir e conduzir a maternidade com êxito, traduzem vontades pessoais e políticas que reclamam precauções e orientações específicas, voltadas para o resguardo e a vigilância do corpo feminino.

Para que a mulher possa cumprir esta missão que é individual e social, é essencial que cultive determinadas normas e condutas que evitem esbanjamentos e violências. É indispensável, também, que ela aprenda determinadas formas de ser, de se comportar, de se expressar e de se movimentar com a intenção de salvaguardar aquele que é seu maior atributo: carregar no próprio corpo a esperança de uma outra vida.

A preocupação com a educação do corpo e do comportamento feminino não é exclusiva da *Revista Educação Physica* nem mesmo está direcionada apenas para a mulher adulta. Na década de 30, por exemplo, uma das estratégias para construção do

⁵ Revista Educação Physica n.º 66, julho de 1942, p. 15-20.

“espírito materno” pode ser identificado na valorização que se dá à profissão do educador sanitário que, entre outros espaços, atua juntos aos parques infantis. Nestes parques realizam-se diversas atividades recreativas e educativas voltados para a educação higiênica. Dentre as várias atividades desenvolvidas aparece o “Curso de Mãezinhas” com o objetivo de preparar as meninas para sua futura missão. Outros programas destinados à infância tinham na higiene sua fundamentação. Vejamos:

À higiene associavam-se a preocupação com a educação física do corpo, a recomendação da prática de exercícios físicos e dos banhos de sol, de um modo a moldar um corpo sadio e, é claro, bem disposto para o trabalho. Trabalho este que deveria começar na mais tenra idade e do qual nem as meninas escapavam, haja vista a importância atribuída à tarefa de prepará-las para as artes da “economia doméstica” e para “as prendas do lar”.⁶

Afinada com esse discurso a *Revista Educação Physica* faz, também, a sua parte, incorporando e registrando o discurso oficial da formação das mães:

PARA AS MOÇAS DE HOJE E MÃES DE AMANHÃ

A moça de hoje, sem dúvida, virá a ser a mãe de amanhã. Prepará-la fisicamente e dar-lhes os necessários esclarecimentos, é assentar alicerces sólidos da geração futura.

Infelizmente, encontramos ainda, na educação feminina lacunas incríveis baseadas em um falso pudor, em uma imperdoável falta de compreensão da sagrada missão materna.

O corpo humano é uma das maravilhas da natureza. Se ele pudesse viver segundo as leis naturais, as suas funções se desenvolveriam normalmente. Entretanto, em certas ocasiões as futuras mães, cedendo às exigências sociais e atendendo também ao próprio egoísmo, cometem imprudências capazes de prejudicar seriamente a constituição, e a vitalidade do bebê que esperam.

No intuito de não perder a elegância das linhas, usam cintas apertadas, ato de vaidade que equivale a um crime. Sendo zelosas de sua esbeltez, devem usar um corpete especial, indicado por especialista, que impeça a demasiada dilatação do ventre sem prejudicar a saúde. Passar um creme pela pele, durante a gravidez, confere elasticidade à epiderme, preparando-a contra a flacidez que, às vezes, sobrevem.

⁶ Maria da Penha Vasconcellos, Memórias da saúde pública: a fotografia como testemunha, p. 65 e 67. Ainda que o texto refira-se à cidade de São Paulo, essa foi uma prática divulgada e incentivada por todo o país.

Os sapatos de salto alto devem ser substituídos por outros de salto raso, em benefício da estabilidade da pessoa e da saúde da criança.

Convém ainda que a gestante consulte seu dentista para verificar se os dentes não estão sofrendo descalcificação excessiva. Neste caso deverá surgir sério tratamento orientado por médico.

Também os banhos frios ou quentes, ultrapassando uma temperatura média, chegam a provocar perturbações consideráveis.⁷



Revista Educação Physica, n.º 69, outubro 1942



Revista Educação Physica, n.º 59, outubro 1941

AS JOVENS E OS EXERCÍCIOS FÍSICOS

Para as jovens, o objetivo principal dos exercícios físicos é dar-lhes um desenvolvimento corporal com que possam desincumbir-se com vantagem dos encargos inerentes ao seu sexo. Qualquer plano de educação física das moças não deverá esquecer que, acima de tôdas as condições pessoais, é imperioso prepará-la para a maternidade. Tôdas as atividades do físico e da mente da mulher não só obedecem a essa lei biológica, como precisam contribuir para a sua realização integral. As jovens estão, como os rapazes, sofrendo a ação de certos agentes desvirtualizadores de boa formação física, como sejam a vaidade insensata, o espírito de competição, etc. Os regimes inadequados e os excessos esportivos podem enfraquecer, dificultando a boa evolução, ou atrofiar o organismo feminino, máxime se ocorrerem na adolescência.

A constituição particular da mulher leva o médico a desaconselhar-lhe a ginástica de aparelhos, especialmente os exercícios de apôio, de barras, argolas e paralelas, que determinam a compressão respiratória e circulatória intensas.

As provas de competição esportiva são desaconselhadas à mulher, mormente na puberdade. A ambição de derrubar marcas de récorde leva o esportista a dar mais do que o seu físico permite. O excesso de fadiga deixa no organismo seus efeitos danosos:

⁷ Revista Educação Physica n.º 73, março/abril de 1943, p. 16.

hipertrofia órgãos e diminue funções. Na mulher, cuja evolução fisiológica de tôdas as funções se processa sob a forma de ondas, com aumento e decréscimo gradativos, os efeitos dessa fadiga mórbida são mais danosos.

A natação, sem dúvida, é um exercício recomendável à mulher, dada a sua constituição mais rica em panículo adiposo do que o homem.

A vantagem prática da natação é que por ela o indivíduo utiliza uniformemente tôdas a musculatura. Mas não se deve esquecer que a natação determina um considerável dispêndio de energias, mesmo quando a distância da prova é curta. Nela o coração e os pulmões são muito solicitados. Convém à mulher praticar a natação mas abster-se de competições esportivas.⁸

Os excessos do corpo identificados, por exemplo, no uso de artifícios utilizados em nome do embelezamento (maquilagens, produtos químicos, roupas apertadas que oprimem os movimentos e a altura dos saltos dos sapatos), na alimentação exagerada, na prática demasiada de exercícios físicos e na participação equivocada em determinados esportes são criticados. Como também o são o desleixo, a falta de cuidados de si, a indolência, a preguiça e a inapetência para as práticas corporais e esportivas.

Ao corpo feminino, que se quer forte e saudável porque útil à sociedade ao presenteá-la com corpos igualmente fortes e saudáveis, são atribuídas diversas privações que objetivam proteger as características de sua feminilidade e preservar a sua fertilidade.

Ainda que nesses anos o discurso eugênico tenha muita ressonância na sociedade brasileira, porque incorporado pelos ideais nacionalistas em voga neste período, não é novidade a sua existência. Nem sua vinculação com a Educação Física. Já no final do século XIX, vários dos manuais e livros de Educação Física escritos no Brasil, mencionam a especificidade do trabalho físico para as mulheres em função da regeneração e do aprimoramento da raça brasileira. Com a fraqueza das mães começa a do homem, alerta Eduardo de Magalhães, no livro “A Gymnastica Hygiênica”, publicada no Rio de Janeiro em 1894. Razão pela qual, entende que:

(...) o governo que empreendesse ou se propuzesse amparar a raça brasileira contra ação deprimente e enervadora do clima teria de começar a execução do

⁸ Revista Educação Physica n.º 77, março de 1944, p. 20-21.

humanitario e practico plano de educação physica das meninas (...) da mulher fraca, depauperada, nervosa, de estomago susceptivel, mal nutrida, não se espere filho bem constituido, nem que possa amamental-o convenientemente: o recém-nascido representa uma cellula do organismo de seus progenitores, maxime da mãe (...) A predestinada a reproduzir a especie, garantir a validez, habilitar o homem a ser homem, apto a lutar pela vida utilmente para si, para a família e para a pátria, - não é devidamente educada entre nós para o desempenho de sua missão sublime.⁹

O discurso da medicalização e da higienização dos corpos, ainda que presente nos anos da circulação da *Revista* adquire contornos outros do que os do século XIX. O que não significa afirmar que seja diferente. Ao contrário: permanece e incorpora novas nuances consoante as modificações decorridas no âmbito político, econômico e cultural, decorrentes da urbanização do país.

Portanto, se a família nuclear higiênica é necessária para a estruturação da sociedade brasileira, também o é a educação da mulher, considerada como o pilar sobre o qual sustenta-se instituição familiar. Razão pela qual a educação feminina, apesar de ser incentivada não promove uma formação continuada nem traz às mulheres efetivas possibilidades de emancipação social, intelectual e econômica. A maneira como são elaborados os planos educacionais e os currículos das escolas femininas acabam por promover a prosperidade da economia nacional e a estabilidade social e política do país porque combinam ao mesmo tempo, educação moral e disciplina social legitimando para as mulheres a tarefa de civilizar, elevar e redimir o mundo, não transformá-lo.¹⁰

Para Guacira Lopes Louro:

⁹ Citação retirada do texto “A produção teórica brasileira sobre Educação Física/Ginástica no Século XIX: autores, mercado e questões de gênero”, de Carlos Fernando F. da Cunha Júnior, p. 40. Além de “A Ginástica Hygiênica”, o autor analisa outros 14 manuais e tratados sobre Educação Física escritos por brasileiros no século XIX.

¹⁰ Susan Besse, *Restructuring Patriarchy: The modernization of gender inequality in Brazil. 1914-1040*. Um dos argumentos utilizados pela autora para afirmar a desigualdade de oportunidades sociais existentes entre homens e mulheres toma como referência o acesso à educação superior. Recorrendo aos dados registrados no censo de 1940, Besse faz ver como as mulheres, ainda que tenham realizados várias conquistas no plano social, ainda estão muito distante daquelas efetivadas pelos homens. Vejamos os dados: O documento que registra os resultados do Censo de 1940 indica que 186.096 homens e 172.590 mulheres possuem o grau secundário. No entanto, em relação à formação superior, os números são bem diferentes: 96.846 homens e 9.650 mulheres. (p. 127-128).

Os discursos que se constituem pela construção da ordem e do progresso, pela modernização da sociedade, pela higienização da família e pela formação dos jovens cidadãos implicam a educação das mulheres - *das mães*. A esses discursos vão se juntar os da nascente Psicologia, acentuando que a privacidade familiar e o amor materno são indispensáveis ao desenvolvimento físico e emocional das crianças.

Já que se entende que o casamento e a maternidade, tarefas femininas fundamentais, constituem a *verdadeira carreira* das mulheres, qualquer atividade profissional será considerada como um desvio dessas funções sociais, *a menos que* possa ser representada de forma a se ajustar a elas.¹¹

Educar a mulher é também educar o seu corpo - higienizá-la. Ou seja: à higienização do seu corpo corresponde, também, a higienização dos seus comportamentos e o modelo da mãe passa a determinar tanto a sua conformação física como moral.

No âmbito específico das práticas corporais, reafirma-se o discurso de que para conduzir uma gravidez sadia a exercitação física é fundamental porque importante para a construção de um organismo forte.¹² No entanto, a densidade desse ser “forte” é tolerada até o ponto em que não ultrapassa aqueles limites ditados por sua natureza. Forte sem deixar de ser frágil; sem invadir territórios que são construídos e vivenciados a partir de olhares e parâmetros próprios dos corpos masculino pois, uma vez rompidas as fronteiras entre o permitido e o proibido, o próprio discurso das diferenças naturais como demarcadoras de talentos e funções pode estar sendo profundamente ameaçado.

Presente não só mas também na *Revista Educação Physica*, o discurso da diferenciação biológica entre homens e mulheres e a conseqüente diferenciação de atividades físicas prescritas para um e outro sexo marcam, por exemplo, as proposições que Fernando de Azevedo fez para a Educação Física brasileira. Seu livro “Da Educação

¹¹ Guacira Lopes Louro, *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*, p. 96.

¹² Orlando Rangel Sobrinho no seu livro *Educação Physica Feminina*, publicado em 1930, chega a afirmar que, quando fortalecido pela prática de atividades físicas, o organismo da mãe pode diminuir o índice da mortalidade de crianças até um ano de idade em aproximadamente 70%, visto que as crianças nascem, também, fortalecidas. p. 35.

Física”, publicado em 1916, registra algumas de suas preocupações para com a boa formação das “obreiras da vida”, termo que utiliza para se referir às mulheres. Registra, também, várias considerações sobre a importância da atividade física para a construção do corpo e do comportamento femininos, do ponto de vista plástico e higiênico.

Já não se tem a discutir a importância da educação física para a mulher: Na tela do debate só figura o problema sobre *quais são os exercícios, que mais lhe convenham*, e que facilmente se resolverá, observando-se em todo o exercício, que a este fim especial se destinar, e mais do que respeito ao homem, a destreza harmônica do movimento. Certo a força a preço da rigidez física não poderia seduzir o gosto do homem nem o ideal físico da mulher, cuja beleza e robustez deve a educação física desenvolver harmonicamente por exercícios próprios, de maneira que ao aperfeiçoamento fisiológico corresponda sempre uma cuidada elaboração estética.

A Educação Física da mulher deve ser, portanto, integral, higiênica e plástica, e, abrangendo com os trabalhos manuais e jogos infantis, a ginástica educativa e os esportes, cingir-se exclusivamente aos jogos e esportes menos violentos e de todo em todo compatíveis com a delicadeza do organismo das mães, como sejam entre estes a dança, o ar livre e a natação, a que deve preceder um curso regular de ginástica inteligentemente administrada.¹³

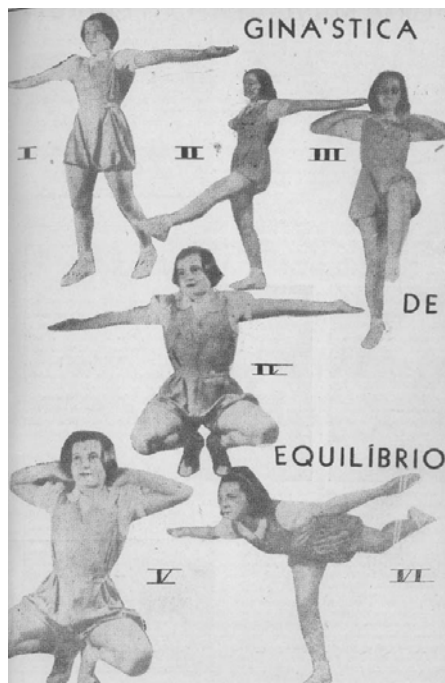
A ginástica, a dança e a natação são assinaladas, pela *Revista Educação Physica*, como as atividades físicas mais aconselháveis ao organismo feminino porque os efeitos resultantes da sua prática pouco prejudicam o seu desenvolvimento anatômico e fisiológico. Desde, é claro, que executadas com moderação e cautela. Além destas, outras são as práticas corporais e esportivas incentivadas, no entanto, é a ginástica que desfruta maior visibilidade nas suas páginas, tanto nos textos como nas imagens publicadas.

Não todo e qualquer método ou exercício ginástico, mas, fundamentalmente, aqueles que podem ser aproximados e que reafirmam o universo feminino, da beleza, do encanto, da harmonia das formas, da delicadeza e, por que não dizer, do recato. Afinal, para ser praticada, a exercitação ginástica não exige materiais nem vestes muito específicos. Pode ser feita individualmente, a qualquer momento, sem que os minutos a

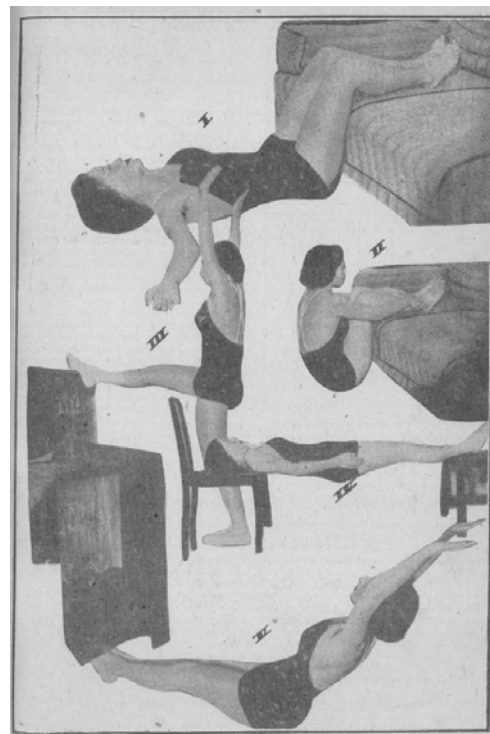
¹³ Fernando de Azevedo. Da Educação Física, p. 83.

ela dedicados atrapalhem a execução de todas as tarefas que a mulher desempenha no recôndito do lar, favorecendo, inclusive, sua permanência neste espaço identificado como de seu domínio. Acrescenta-se a esses aspectos, o fato de que a ginástica, ao contrário de muitos esportes, é desprovida do caráter competitivo, observado, nesse tempo, como prejudicial à formação da personalidade feminina.

Ainda que a *Revista* incentive às mulheres a exercitarem seus corpos no espaço público, ao sol, junto ao mar, quando o tema é casamento e maternidade, o espaço doméstico é dignificado. Dentro dos limites da própria casa, a mulher não só é incentivada a praticar ginástica como também a otimizar o seu desempenho naquelas tarefas que lá acontecem, seja pela organização do seu tempo e o correto planejamento do trabalho que deve realizar como também pela indicação de como fazê-lo sem prejudicar nem sua saúde, nem sua beleza.



Revista Educação Physica, n.º 54, maio 1941



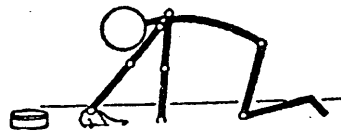
Revista Educação Physica, n.º 64, maio 1942

A POSIÇÃO DO CORPO NOS AFAZERES DOMÉSTICOS

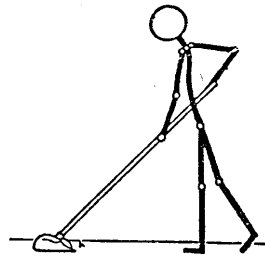
PROCURE REALIZAR AS SUAS TAREFAS DOMÉSTICAS SEM CANSAR O SEU CORPO, SEM PREJUDICAR A SUA BELEZA E SEM SACRIFICAR A SUA SAÚDE

Lou Fregoning

Cumpra admitir que o labor de uma dona de casa é múltiplo, já que na maioria dos casos deve desempenhar ao mesmo tempo a função de administrador, contador, comprador, cozinheira, mucama, lava-pratos, atriz, “nurse”, telefonista, conselheira e inspetor de gastos de tempo, dinheiro e energia. Para chegar a ser realmente eficaz e manter ao mesmo tempo sua saúde, faz planos naturalmente, e calcula os gastos e economias de diversa índole a efetuar no mês. Porém, as mais das vezes descuida o pormenor importantíssimo da distribuição equitativa do tempo de trabalho e de descanso. Isto traz como consequência o cansaço, as dores em diversas partes do corpo, e o mau humor. É fácil remediar tudo isto, si se sabe planejar a forma em que hão de executar-se os labores de todos os dias e se sujeita a esse plano com entusiasmo. (...)



Posição mais incômoda

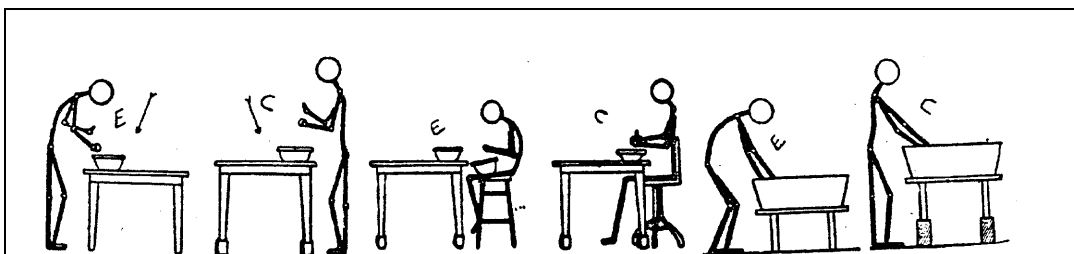


A posição mais adequada

COMO EVITAR A FADIGA

Entre as tarefas que incluem a posição de pé, podemos contar as de varrer, lustrar o assoalho, encerá-lo, passar o aspirador de pó, etc. As tarefas em que o corpo se curva são as de sacudir o pó, cozinhar e levantar objetos do chão. Todas essas implicam inclinar-se ou esticar-se dos movimentos que consomem muita energia. Como fazê-los com o mínimo de fadiga?

Praticamente todos êstes trabalhos se relacionam com alturas apropriadas a que se situam as mãos, a cintura, etc. os lugares em que se efetua o trabalho são, geralmente, a pia de lavar, a mesa da cozinha, o fogão, o forno, etc. A melhor maneira de encontrar a posição justa de trabalho para o corpo, é colocar-se de modo que a tarefa não requeira em nenhum momento nem agachar-se nem esticar-se de mais. Cada serviço necessita uma altura determinada para as mãos, os ombros, a cintura. Amassar, por exemplo, obriga os braços a estar bem retos, estirados, para evitar a fadiga; já para descascar uma fruta é preciso encolhê-los um pouco. Com só inverter ambas as posições para os mesmos trabalhos, sente-se a fadiga e verifica-se assim a necessidade de executar cada um em sua devida posição. (...)

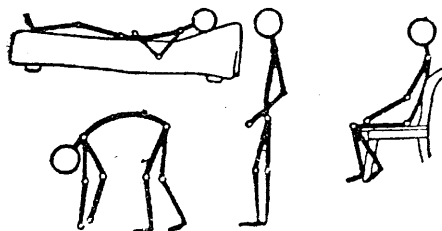


E - posições erradas e viciosas;

C - posições corretas e salutareas

MANTENHA EM DIA SEUS UTENSÍLIOS

Os utensílios de cozinha desempenham também seu papel no assunto de fadiga e do descanso. Por exemplo, pode suceder que o cabo da faca de descascar seja demasiado curto e que a borda da folha corte seus dedos ao usá-la. Trate de sanar logo este mal, porquanto é uma causa de sua fadiga. A colher de mexer pode ter bordos que machuquem ao bater-se uma torta, por exemplo. O batedor de ovos anda às vezes um pouco duro, e por preguiça a senhora não corrige esse defeito. Pense em todas estas cousas, que parecem insignificantes, e verá como, ao solucioná-las diminui notavelmente a fadiga que a senhora sente ao fim do dia.

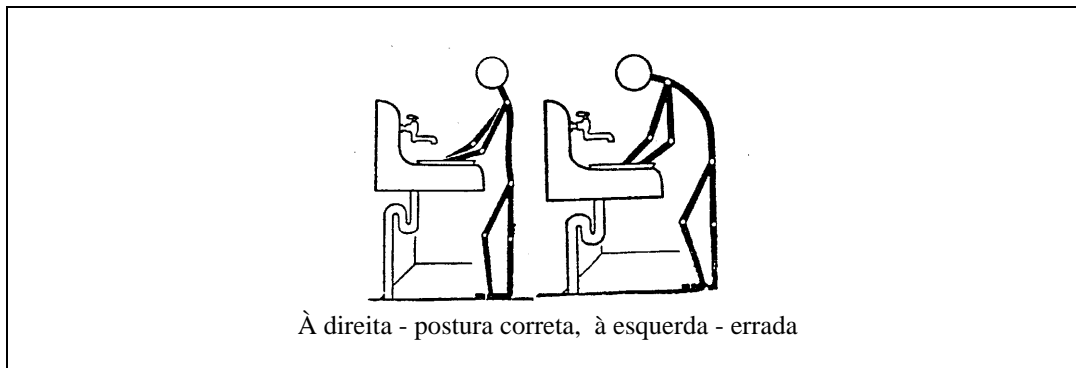


Deitado, o nosso corpo consome o mínimo de energia;
sentado, 4% mais; de pé, 12% mais, e inclinado, 55%

USE SEU CORPO COM PROPRIEDADE

Aprenda a usar seus músculos corretamente. Eliminando quanto possível o ato de inclinar-se, tanto sobre o solo como diante das mesas e outras superfícies de trabalho, usará a senhora os músculos dos braços em vez de usar os dos ombros. Ao ir ao mercado fazer compras carrega a cesta à altura dos joelhos, e logo notará os benefícios. Empregue os músculos das coxas e cadeiras ao transportar uma bacia de roupa lavada. Quando estiver de pé, sacudindo o pó, ou pondo e tirando cousas do forno, ou ao levantar objetos do chão, faça-o sempre dobrando os joelhos, e assim sentirá menos fadiga depois. (...) ¹⁴

¹⁴ Revista Educação Physica, n.º 54, maio de 1941, p. 34-35.



Se a ginástica pertence ao mundo feminino é ao masculino que se designa o futebol. Os argumentos contrários à participação da mulher nesta modalidade esportiva explicitam que, além de ser rude, o futebol requer um nível apurado de preparação física e técnica, cuja prática pode ferir o corpo feminino, principalmente no que diz respeito a sua saúde reprodutiva e ao seu aspecto estético. Eis alguns destes argumentos:

POR QUE A MULHER NÃO DEVE PRATICAR O FUTEBOL

Dr. Humberto Ballaryni

Assistente da Escola de Medicina - Especializado em Educação Física

(...) Não existe absolutamente inferioridade no valor físico da mulher, pelo contrário, estrutural e fisiologicamente o organismo feminino é mais complexo que o masculino. O que realmente existe é uma diferença funcional, missões a cumprir diametralmente opostas; razões pelas quais seus atos não devem ser computados por uma mesma norma.

Não negamos à mulher os mesmos direitos concedidos ao homem, porém não compreendemos que a mulher interprete essa igualdade procurando imitá-lo física, moral e intelectualmente, testemunhando dessa maneira uma superioridade inexistente. Sim, porque só almejamos igualar o que nos supera.

A sublime missão destinada à mulher é a maternidade e toda a sua formação física, moral e intelectual deve visar a êsse nobre objetivo. A beleza, a graça, o encanto, o carinho, a docilidade, o espírito altruístico de renúncia que fizeram de nossas mães o retrato da mulher contemporânea, são conquistas em nada inferiores aos grandes empreendimentos do gênero humano. Até, pelo contrário, são coadjuvantes e indispensáveis às novas conquistas que o homem venha a realizar. (...) O futebol é um esporte de ação generalizada porém, violento e prejudicial ao organismo não habituado a

esses grandes esforços. Além disso, o futebol provoca congestões e traumatismos pélvicos de ação nefasta para órgãos femininos.

Consiste o objetivo físico em desenvolver na mulher a destreza, o vigor, a flexibilidade, a graça e a harmonia de formas, cujo conjunto proporciona a beleza. Se no homem uma musculatura hipertrofiada é considerada como atrativo sexual, de maneira alguma na mulher pode ser considerado como encanto físico. Ora o futebol proporciona um anti-estético e desproporcional desenvolvimento dos membros inferiores; por exemplo: tornozelos rechonchudos, pernas grossas e arqueadas, joelhos deformados, etc.

Aliás a esse grotesco aspecto, a perna torna-se sede de traumatismo e contusão incompatíveis com a beleza feminina. E sabemos que os homens sentem-se atraídos por mulheres de físico proporcional e harmonioso.

Quanto às qualidades morais que todos os esportes coletivos desenvolvem, achamos ser o futebol, pela sua natural violência, um exacerbador do espírito combativo e da agressividade, qualidades incompatíveis com o temperamento e o caráter feminino.

Quanto ao desenvolvimento intelectual, facilmente concordaremos que o futebol não é dos mais eficientes. Portanto não sendo aconselhado por motivos higiênicos, físicos ou morais, não será pelo seu reduzidíssimo valor intelectual que a mulher o vá praticar.

Assim, pelas razões acima expedidas, que envolvem matéria de ordem técnica é Assim, pelas razões acima expedidas, que envolvem matéria de ordem técnica é nossa opinião ser o futebol, para a mulher, anti-higiênico e contrário à natural inclinação da alma feminina.¹⁵



Revista Educação Physica, n.º 46, agosto 1940



Revista Educação Physica, n.º 49, dezembro 1940

PODE A MULHER PRATICAR O FUTEBOL?

Hollanda Loyola

¹⁵ Revista Educação Physica n.º 49, dezembro de 1940, p.36.

Mais uma conquista de Eva... o futebol.

Há cerca de uns três meses um grupo de moças dos mais conceituados clubes esportivos dos subúrbios da nossa Capital (Rio de Janeiro) iniciou a prática do futebol feminino entre nós. Organizaram quadros e, de acôrdo com as regras oficiais do “Foot-ball Association”, teem as nossas patrícias disputado várias partidas entre vários clubes. Tal acontecimento, pelo sabor da novidade, provocou sensação e a imprensa esportiva explorou-a hábilmente através de um noticiário minucioso e de propaganda intensa, aumentando o entusiasmo do público e o “elan” das jogadoras. E as partidas repetiram-se animadas e concorridas, violentas e movimentadas, com todas as características do jôgo masculino, sem mesmo lhes faltar êsse complemento que parece imprescindível no famoso esporte bretão - as agressões e os socos.... As nossas patrícias - belas e gentis - forma completas na exibição de seu futebol, igualaram a popularidade e o prestígio dos Faustos e dos Leônidas.

A propósito dêsse sensacional acontecimento esportivo inúmeras teem sido as consultas a nós endereçadas sôbre êsse tema: Pode a mulher praticar o futebol?”¹⁶

Considerando que as Evas já conquistaram essa modalidade esportiva, o autor responde aos seus leitores argumentando em favor de uma mediação entre duas atitudes extremadas. A que proíbe e a que autoriza a participação feminina no futebol.

Baseado na afirmativa de que todo o esporte é salutar, desde que praticado de forma racional, propõe modificar as regras, diminuir as dimensões do campo e o tempo de jogo, de forma a suavizar a violência deste esporte. Além destas recomendações, prescreve a criação de alguns acessórios de borracha para minimizar possíveis lesões decorrentes dos choques entre as jogadoras, indica que os uniformes sejam largos para não oprimir o corpo nem impedir a liberdade de movimentos e aconselha que as jogadoras sejam submetidas a exames periódicos e minuciosos que provem a sanidade de todo o organismo.

Nas suas palavras:

¹⁶ Hollanda Loyola, Revista Educação Physica, nº 46, setembro de 1940.

Observando as prescrições acima dentro de um método racional de treinamento progressivo, dosando esforço e controlando a reação do organismo pode a mulher praticar o futebol sem receios de conseqüências desastrosas para o vigor de sua saúde e para a harmonia de sua beleza.

Aconselhamos até que a mulher pratique o futebol, não como uma especialização, mas que este esporte seja incluído nos programas de educação física feminina (respeitando as prescrições citadas), como um excelente exercício de destreza, de agilidade e de resistência.

Aconselhando a prática do futebol pelas mulheres, fazemos, no entretanto, sérias restrições à maneira pela qual as nossas patrícias o estão praticando nos subúrbios, absolutamente empírico, sem cuidados médicos e sem princípios fisiológicos, à vontade, pelo entusiasmo do sensacionalismo e pelo prazer da exibição. Assim condenamos o futebol - é um mal e um perigo, pode ser a causa de conseqüências imprevisíveis para sua saúde e acarretar defeitos comprometedores para a elegância e para a beleza.¹⁷

Sendo a maternidade o destino de toda a mulher, mesmo que a prática de determinados esportes tidos como violentos seja autorizada, o conjunto de prescrições que acompanha essa “autorização” prima pelo cerceamento pois são demasiadas as exigências. Acima de tudo porque persiste o temor de que esta prática venha a danificar certas funções orgânicas femininas, particularmente, a da reprodução.

Delimitam-se, pois, domínios sociais através de códigos sexuais.

O adjetivo “reprodutiva”, por exemplo, que na mulher aparece colado ao substantivo “saúde”, jamais é relacionado com o mundo masculino quando são divulgadas recomendações para as práticas corporais e esportivas. Como se os esportes não pudessem, também, ocasionar danos à genitália do homem dificultando que os espermatozoides sejam produzidos e façam o correto caminho da concepção, prejudicando a sua ... paternidade.

Não, não é ao homem que cabe essa advertência porque não é a ele designada a responsabilidade cívica de garantir o melhoramento da espécie. O fato de um homem ser ou não pai pouca relação tem com a comprovação da sua virilidade. Consideração essa que adquire outro peso quando aplicada às mulheres, cuja feminilidade parece ser legitimada apenas quando torna-se mãe.

Ao ser mitificada como um modelo de mulher a ser preservado e imitado, a representação da mulher-mãe, sinônimo de feminilidade bem sucedida porque

¹⁷ Ibid., p. 47

levada ao extremo na sua mais primordial vocação, vai hegemonizando condutas e comportamentos, a partir do qual são consideradas anormais as identidades desviantes.

O “ser mãe e esposa” sobrepõe o “ser mulher” e converte a maternidade em um rito de consagração do eterno feminino, uma passagem que inicia a mulher no mundo adulto e na maioria onde o fracasso quase a obriga a desenvolver um sentimento de frustração. Ou de saudade culpada do que não pensou ou quis ou teve condições de gerar, criar, educar e proteger.

Além disso, quando associada à maternidade, a idéia da conquista da maioria transborda ambigüidades porque não parece confirmar a maturidade da mulher e seu crescimento pessoal e sim reafirmar uma representação passiva e convencional da feminilidade que associa a identidade feminina com uma infinita capacidade de amar e de se dar. A mulher adentra o mundo adulto porque é responsável pelo que gerou: os filhos são seus, sua posse como também são seus os encargos para com sua criação e as responsabilidades para com sua má educação. São uma extensão do seu corpo e também do seu amor. Sigamos Rosiska de Oliveira:

A maternidade, que poderia servir como linha de demarcação entre a infância e a idade adulta da mulher, na verdade tem sua significação escamoteada, habita uma zona de sombra. Ela não traz em si, como experiência, um movimento de separação de um vínculo visceral, mas, ao contrário, reencena, fora do ventre, a visceralidade desse vínculo. Alimenta-se dos sentimentos de proteção e comunhão enquanto a iniciação masculina busca separação e colaboração. Prolonga o natural, enquanto a iniciação funda o social pelo estabelecimento da Lei. É essa subversão inerente à mãe-filho que instaura nos homens o sentimento de temor e inquietação face ao Feminino, pois que este é vivido como apelo que não pode ecoar, saudade a que não se obedece, passado irreversível mas que ameaça se insinuar, contemporâneo. O ponto de vista dos homens transforma a mulher adulta em paradoxo.¹⁸

O amor materno é mitificado quando apresentado como uma qualidade inerente de toda a mulher porque próprio da sua natureza biológica. Sentimento

¹⁸ Rosiska D. de Oliveira, Elogio da diferença: o feminino emergente, p.37

pulsante e visceral que, simultaneamente, cria situações de profunda intimidade e também de servidão.

Voltando à *Revista Educação Physica*, é possível observar que jamais são mencionados sentimentos conflituosos, que podem desmistificar a representação da mulher-mãe e de seu incondicional amor, como por exemplo, a rejeição, o abandono, a raiva e a escassez de carinhos e afetos entre mães e filhos. Nos vários artigos que publica sobre a educação dos filhos, a harmonia se faz presente através da maternal atitude de tudo resolver, organizar, proteger e cuidar. Ainda que essa seja uma publicação que objetiva divulgar e incentivar a Educação Física e os esportes, nesse tempo de fortalecimento nacional, formar as mães é fundamental. Portanto, mostrar como podem e devem ser educados os filhos passa a ser, também, uma tarefa da própria *Revista*. Vejamos os títulos de alguns de seus artigos:

“Iniciação indispensável à verdadeira puericultura”; “A alimentação das crianças”; “O caráter de seu filho depende de você”; “Ginástica para o bebê”; “A arte de formar o caráter de nossos filhos”; “O que é crescimento das crianças”; “Pela criança”; “Ginástica infantil”; “O banho da criança”; “Brinquem com seus filhos”; “Crianças nervosas”; “Fichas para medir as crianças”, entre outros.

Dedicar-se aos filhos significa amar. Afinal, não é o amor o apanágio da mulher? Amor esse que não é destinado exclusivamente para seus filhos mas estendido, também, para seus homens, aqueles a quem acolhe dentro de seu corpo. Aconchega e guarda.



O escultor fixou, com acerto, a conjunção dessas duas forças a uma vida integral: a beleza e a força corporal, unida por um alto cultivo do espírito, que surge no nobre gesto do amor, em nós reflectido¹⁹

¹⁹ Revista Educação Physica, n.º 14, janeiro de 1938, p. 21.

Tal como a maternidade, o casamento é retratado como um acontecimento natural. Como também são naturalizadas as relações, as tarefas, as expectativas e as satisfações de esposos e esposas. Afinal, preservar o casamento significa, também, neste contexto econômico e social, preservar a higiene social e a ordem pública. E a mulher pode e deve contribuir de forma eficiente para que assim aconteça.



Revista Educação Physica, nº 45, agosto de 1940, p. 13

QUERES SER FELIZ COM TEU MARIDO?

AMA_O desde o dia do casamento.
 Desde a lua de mel, estuda-lhe o caráter.
 Se o vires aborrecido, distrai-o
 Se quer brigar, evita-o disfarçadamente (quando um não quer, dois não brigam...)
 Se está desanimado, dá-lhe coragem.
 Se é um intelectual, não faças barulho quando estiver trabalhando.
 Se tem tendência para beber, experimenta, com teu carinho, afastá-lo do vício.
 Nunca te mostres superior a êle.
 Nunca lhe demonstres os teus ciúmes.
 Nunca lhe perguntes o que esteve fazendo para chegar tão tarde.
 Nunca o censures na vista de amigos e de criados.
 Nunca o desautorize quando êle repreender os filhos; se houver injustiça aconselha-o, depois, à parte.
 Nunca sejas desleixada, deixando de te enfeitares.
 Em resumo: Faze uma fôrça da tua fraqueza e lembra-te sempre que as mulheres que êle vê na rua são mais bonitas e gozam da vantagem de serem o “fruto proibido”.²⁰

²⁰ Revista Educação Physica, n.º 51, fevereiro de 1941, p. 21

CASAMENTO



Paul Doumer
Antigo Presidente da França

(...) Qual dos dois dá mais e qual recebe mais nessa comunhão de duas almas? Pouco importa, cada um dá o que tem.

Traz o homem o que a natureza lhe concedeu e a educação desenvolveu, e que a mulher não recebeu, no mesmo grau, quer da natureza, quer da educação: a fôrça, a razão calma dominando o sentimento, a vontade de fina têmpera.

A diferença dos papéis, na vida entre o homem e a mulher, acha-se nitidamente delineada pela diferença das faculdades e da constituição física de cada um. O homem é naturalmente predestinado a uma atividade enérgica que reclama músculos vigorosos e caráter firme. A mulher é chamada a desempenhar um papel mais brando, mais passivo que não exige nem a mesma resistência orgânica, nem a mesma vontade empreendedora.

O reino da mulher está no lar, na casa, no seio da família onde se exerce a sua atividade terna, paciente e infatigável.

Ali é soberana legítima por fôrça e designação da própria natureza.

O campo da atividade do homem acha-se no exterior, no meio da sociedade em movimento e trabalho. Ali tem o seu lugar e o seu papel. Aí labuta pelo interêsse social e ao mesmo tempo pelo interêsse pessoal. É êle quem alimenta a família, quem traz para o lar o indispensável às necessidades de todos.

A mulher, exercendo empregos ou trabalhando fora de casa deveria constituir exceção rara. Entretanto, é quasi uma regra hoje, em certos meios, devido muitas vezes a costumes mal entendidos e outras a uma falta de equilíbrio da nossa civilização. Para que muitas mulheres deixem de sêr esposas e mães ou que, vejam-se obrigadas a desertar a casa, é preciso que muitos homens faltem ao cumprimento do dever ou que a nossa economia social seja muito imperfeita.

Em geral não é por vontade própria que a mulher se conserva solteira. A ação do sentimento, o poder do instinto materno a impelem para o casamento. Só o egoísmo ou a cobardia, no homem, impedem que se cumpra a vontade da natureza e da sociedade.

No casamento deve o espôso sustentar a mulher e os filhos. É esta uma obrigação legal e moral. A menos de necessidade inelutável, não é permitido fazer a mulher suportar encargos que lhe não competem. Só os quasi indigentes, os que ganham ínfimos salários tem desculpas de decorrer a tal extremo.

Que lar se pode ter, que família educar, quando se acha ausente a mãe durante parte do dia?

A cada qual o seu papel neste mundo. A mulher foi feita para a casa, para os cuidados da família mais que suficientes, em todas as classes para ocupar as mais ativas e laboriosas. Ao homem cabe o trabalho exterior, a tarefa remuneradora. A êle compete ganhar o possível, à mulher regular a existência para não gastar mais do que êle ganha.

Tanto os orçamentos pequenos como os grandes, precisam de um perfeito equilíbrio.

Uma solução exata desta questão da receita e despesa, é indispensável à estabilidade moral da vida de família. Onde não reina a ordem material, nascem facilmente as perturbações morais; as dificuldades inevitáveis e as inquietações opõem obstáculos ao completo domínio de si.

A moça que se casa, dizem, é um página em branco onde o espôso pode escrever à vontade. Se à imagem falta rigorosa exatidão e se a moça pode já ter recebido impressões que influíram sôbre seu caráter, é lícito dizer, entretanto, que o homem influe grandemente na formação intelectual e moral da mulher. Se a ama, ou o que vem a ser o mesmo, se é amado por ela, será um senhor ouvido, compreendido, obedecido sem ter ordenado. O seu poder nascerá tanto do amor quanto da natureza do seu espírito, da sua vontade refletida, da importância do seu papel exterior para a existência da família.

Sem esforço, naturalmente, será o chefe. Quanto maior for nele a superioridade da razão e da vontade, tanto menos terá de fazer sentir a autoridade. Deve o homem tomar na família tal ascendente que nunca se veja na necessidade de dizer “Quero”, ou de empregar a forma imperativa a fim de ser ouvido.

Para com a jovem espôsa sôbre tudo, deverá mostrar-se reservado, agir unicamente e pela persuasão afetuosa, certo de obter dêsse modo tudo o que quiser e for razoável. A ternura, o desejo de agradar farão com que a espôsa se entregue à discreção, permitindo-lhe moldá-la à sua feição e torná-la completamente sua.

O homem de razão reta e de caráter não pode deixar de ter a companheira que merece, a meiga e vigilante guarda do lar, a mulher amável, virtuosa, que difunde a felicidade em torno de si.

E aquele a quem falta a vontade e, com mais forte razão, a moralidade, pode transformar uma moça rigorosamente honesta, em uma mulher que o iguale, isto é que pouco ou nada valha e preparada para todas as quedas.

A ação do marido sôbre a mulher se constata na vida, a cada instante, a cada passo.²¹

Outras afirmações, outros silêncios. Os conflitos parecem não existir, nem mesmo no relacionamento entre homem e mulher. Afinal, os territórios de um e de outro indivíduo deste par já estão definidos, como também as funções que cada um realiza para garantir a manutenção desta união. Assim, se o amor é apanágio da mulher, o desejo é do homem. Desejo para o qual ela, quando possuidora de uma representação tradicional de feminilidade, responde afirmativamente, numa atitude que a *Revista Educação Physica* parece fazer crer ser passiva.

²¹ Revista Educação Physica n.º 45, agosto de 1940, p.14

Passividade nada passiva mas representativa de outra espécie de atividade porque, por trás dessa capacidade ilimitada de amar que algumas mulheres parecem sustentar, há um jogo de espelhos através do qual ela, ao mesmo tempo que protege, abriga e compreende o companheiro, alimenta-se dele, apropriando-se um pouco mais de sua masculinidade para se fortalecer e também tirar proveitos em benefício de si própria. O lar e a intimidade são dons que a mulher oferece ao homem, junto com o convite a uma retirada do mundo que é tão sedutora quanto a morte.²²

No contexto da urbanização crescente do início do século, é o modelo da família nuclear higiênica o que melhor corresponde ao projeto da construção da identidade nacional, tanto porque garante a produção de filhos como porque evita perversões sexuais. Assim,

(...) a identificação entre masculinidade e paternidade, feminilidade e maternidade foi o padrão regulador da existência social e emocional de homens e mulheres no século XIX e chegou ao século XX, no Brasil, com o fim de integrar a família à ordem urbana. Esse foi o projeto básico da medicina higienista entre nós. A política de saúde cuidou de mudar hábitos e estabelecer nova ética de relações afetivas, a fim de orientar o comportamento dos indivíduos em todas as circunstâncias da vida privada e social.²³

Como profetiza o médico eugenista Renato Kehl, um dos articulistas da *Revista Educação Physica*: “não há felicidade senão no casamento”. Ou melhor, num modelo de casamento onde as representações convencionalmente aceitas e ideologicamente divulgadas de masculinidade e feminilidade, ao serem respeitadas, consolidam a felicidade conjugal.

Para as historiadoras Marina Maluf e Maria Lúcia Mott,

É nesse “estatuto que a mulher se transforma em Esposa e o homem em Esposo, e que a Esposa e o Esposo se transfiguram em Mãe e Pai”. Semelhantes lições e argumentos foram propagados por todo o país com o intuito de “civilizar o amor”. Alguns propósitos profiláticos deveriam ser disseminados com a finalidade de instruir moças e rapazes a protestar contra a paixão infecunda, indicativa de desordem, em favor do sereno e saudável amor conjugal. A ordem era combater com ânimo a invasão impetuosa dos desejos

²² Maria Rita Kehl, *A mínima diferença*, p. 70-75

²³ Vera Casa Nova, *Lições de Almanaque*, um estudo semiótico, p. 104.

para se atingir a serenidade da existência, pois a saúde da alma dependia de uma atenção vigilante pelo amor intenso. Ao mesmo tempo que atacavam a exaltação da paixão romanesca, tais conselhos reforçavam a instituição matrimonial. Mais do que estabelecer uma relação conjugal, o casamento visava, ainda, instituir uma união cuja finalidade era não apenas generativa mas a produção de uma prole legítima.²⁴

Identificadas, também, como integrantes de uma política de saúde, as atividades físicas, são recomendadas a homens e mulheres porque observadas como possibilidades de normatizar costumes e disciplinar corpos ao aplicar sobre os indivíduos mecanismos de auto-controle, para fortalecer o caráter e o físico e para sublimar seus instintos, desejos e paixões. Fazem parte de um conjunto de medidas profiláticas que objetivam definir, determinar, propor e impor um determinado estilo de vida saudável para a qual são indicadas formas de ser, de se comportar, de comer, de se divertir, de trabalhar, de se embelezar, de fazer amor, de casar ...

Em um tempo onde a regeneração racial integra o discurso oficial e conquista legitimidade em vários espaços e segmentos sociais, a preocupação com a qualidade do casamento e com a higidez da prole são recorrentes não só nos manuais e tratados de medicina. Várias informações direcionadas para esse fim são publicadas em jornais, periódicos, almanaques, compêndios, textos escolares, entre outros, afirmando a necessidade de implementar programas de educação sexual. Uma educação sexual que instrua homens e mulheres, jovens e adultos a civilizar seus instintos e assim evitar taras e perversões morais, disfunções sexuais (como, por exemplo, homossexualismo, masturbação e doenças venéreas), degenerescência física, prostituição, adultério. Uma educação que assegure, sobretudo, as qualidades necessárias a uma saudável e eugênica reprodução da espécie.²⁵

Na *Revista Educação Physica*, artigos desse caráter ganham espaço, em especial, porque muitos de seus autores prezam pelo fortalecimento físico e mental da população brasileira, identificando a Educação Física como um instrumento através do qual pode vir a ser concretizada essa imperiosa conquista.

²⁴ Marina Maluf e Maria Lúcia Mott, *Recônditos do mundo feminino*, p. 388.

²⁵ Susan Besse, *op. cit.*, p. 126. Sobre esse tema ler também Margareth Rago, *O prazer no casamento*.

Esses artigos, além de incentivarem a prática de atividades físicas, para homens e mulheres, chamam a atenção dos leitores/as para questões delicadas, como por exemplo, o controle da procriação, algumas medidas profiláticas para evitar as taras e doenças físicas existentes na sociedade, o exame pré-nupcial e a esterilização dos anormais (deficientes físicos e mentais). A mensagem é clara: são apenas os filhos saudáveis aqueles que fazem um povo forte e esses são os desejados.

Aconselha a *Revista*:

COMO EVITAR A PROLE DOENTIA

Reinaldo Kuntz Busch

O homem, como rei da natureza, faz uso de sua inteligência conseguindo, pelo cruzamento experimental e seleção de genitores entre animais domésticos, produtos de bela perfeição física e apuradas capacidades inatas. Os exímios cavalos de corridas, as vacas ricamente leiteiras, os porcos de rápida e rendosa engorda, os cães de faro ultrasensível e possuidores em alto grau de tendências específicas para os diversos tipos de caça, são exemplares raciais obtidos através de pacientes investigações, em que o homem, interesseiramente, gasta sua inteligência em observar, experimentar e raciocinar para aperfeiçoar êsses animais. (...) Entretanto, sem descrever da hereditariedade de caracteres bons ou maus de robustez ou de fraquezas orgânicas na sua espécie, o homem não faz uso em si mesmo da ciência que aplica para selecionar animais. Esquece que traria reais benefícios para sua descendência se assumisse uma atitude eugênica quando tivesse de contrair núpcias. Ao invés de controlar suas impressões e sentimentos afetivos por raciocínios, em face de observações e investigações mórbidas na pessoa e na ascendência de quem é objeto de suas inclinações, ele deixa-se levar só pelo coração, ou usa o cérebro para previsões estranhas aos interesses da saúde da prole. Do ponto de vista eugênico, casa-se às vezes bem, por acaso, outras vezes mal, conhecendo ou não predisposições hereditárias do outro cônjuge.

Há um meio tão fácil dos candidatos ao casamento se conhecerem do ponto de vista da sua saúde e possibilidades hereditárias, que deve figurar bem logo entre os nossos salutaros costumes sociais - é o exame médico pré-nupcial, feito por clínico eugenista. (...) Para que se dê a regeneração da estirpe, mister se faz (afóra a casualidade do bom casamento que a solução do problema das núpcias se orienta pelos princípios de Eugenia, sob indicação do médico que fizer exame prévio dos candidatos. Assim haverá boas sementes para melhores gerações.²⁶

²⁶ Revista Educação Physica, n.º 71, dezembro de 1942, p. 35

HIGIENE E SAÚDE

Dr. Waldemar Areno

A regulamentação dos casamentos é um objeto que visa não só a proibição da união entre indivíduos tarados, doentes, incapazes, eugenicamente nocivos à sociedade, mas também entre indivíduos de uma mesma linha de descendência evitando casamentos consangüíneos. Parece de certo modo uma maneira de agir que influenciaria sobre o tôdo moral do indivíduo, depreciando-o, diminuindo-o; se à sociedade cabe a missão de melhorar as condições dos deficientes, a segregação temporária seria, num prazo certo, ainda razoável, porém, a segregação definitiva antes merecia ser substituída pela esterilização. A esterilização consiste em um processo cirúrgico simples e inofensivo, no homem a ligação dos canais deferentes, e na mulher, das trompas de Falópio. Impedindo no homem a fecundação e na mulher a concepção, essa medida, não sendo de qualquer forma nociva, permite aos indivíduos a continuação das atividades sexuais, excluindo-lhes somente o direito que lhes era facultado, de disseminar o mal, de produzir seres inúteis à sociedade.²⁷

Em se tratando de refinamento racial, é na Educação Física desenvolvida na Alemanha Nacional-Socialista que a *Revista Educação Physica* busca elementos para exemplificar como uma nação pode desenvolver programas de cultura física para melhor fortalecer o seu povo. São vários os textos e as imagens que figuram nas suas páginas conduzindo os/as leitores/as aos ideais nazi-fascistas de fortalecimento do corpo e da raça ariana dos anos trinta e quarenta. Por vezes, é explícita nessa indicação, por outras dissimula essa explicitude através de vários recursos, como por exemplo, colocar fotos que registram jovens alemães (ou com o uniforme do III Reich ou em locais ao ar livre onde é possível enxergar estandartes e bandeiras com a insígnia do partido Nacional-Socialista) em artigos que não fazem referência nem a esse tema, nem a esse país, mas que, de certa maneira, evidenciam a importância da atividade física. Ou ainda, divulgando fotos de vários atletas alemães (homens e mulheres) que se destacaram em competições internacionais, junto das quais são acrescentados pequenos comentários informando sobre a importância que aquele país confere ao esporte e à formação da juventude.

Observemos essas imagens:

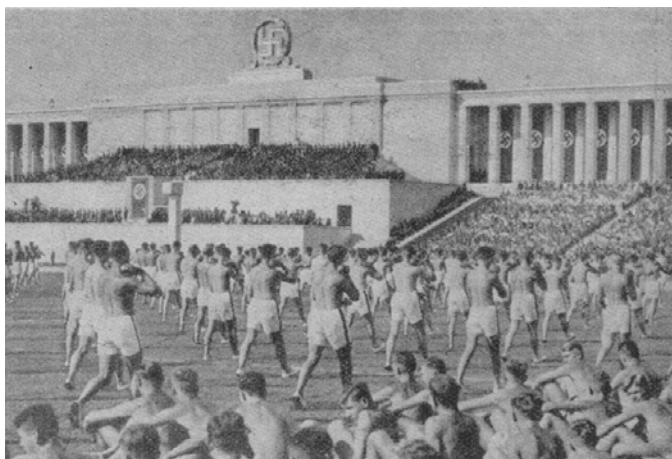
²⁷ Revista Educação Physica n.º 53, abril de 1941, p. 40-41.



Um PLAYGROUND num districto populoso de Essen, Alemanha. Destina-se principalmente ás crianças pequenas. Revista Educação Physica n.º 23, outubro de 1938, p. 58.²⁸

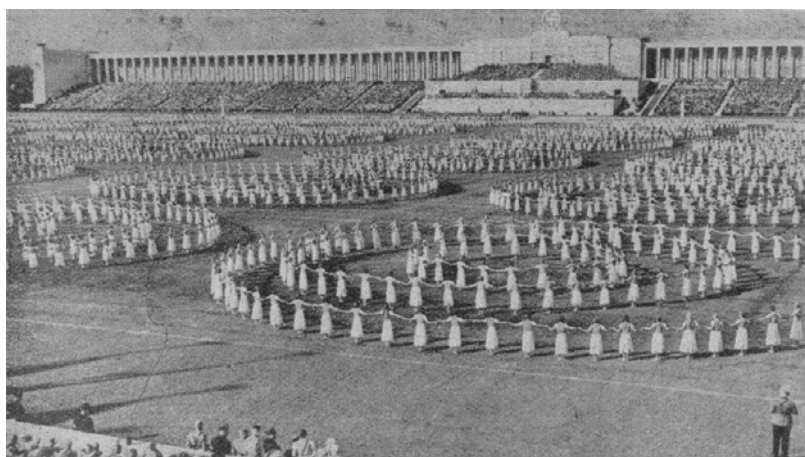


Jovens allemãs dedicam-se á pratica de exercicios physicos. Revista Educação Physica n.º 22, setembro de 1938, p. 49.



A JUVENTUDE HITLERISTA. Estes rapazes que tomaram parte nos torneios realizados no “Dia das Associações”, dão uma idéia do que se faz na Alemanha pela educação physica da juventude. Revista Educação Physica, n.º 23 outubro de 1938, p. 13

²⁸ Essa fotografia aparece outras vezes reproduzida na Revista Educação Physica, como por exemplo, ao ilustrar o texto “A significação da Educação Physica na vida hodierna” de autoria de Blanche M. Trilling, diretora de Educação Feminina na Universidade de Wiscosin - EUA, publicado no número 17 de abril de 1938, p. 10. Em momento algum o texto faz referência à Alemanha. No entanto, além dessa foto, aparecem outras duas que recorrem a esse país: uma exibindo o Balneário Municipal de Hanover e outra apresentando ao leitor/leitora aspectos de uma festa ginástica em Stuttgart, onde é possível observar um estádio de futebol repleto de assistentes em cujo campo milhares de ginastas, perfeitamente alinhados, fazem uma exibição. Acompanha, também, esse texto de autora americana, uma foto de um acampamento de crianças na Itália, país esse que também não é mencionado no texto. O que me permite identificar algumas das estratégias que a Revista Educação Physica utiliza para veicular suas mensagens políticas, estéticas e ideológicas.



DANÇAS REGIONAIS ALEMÃS. No “Dia das Associações”, 5.000 jovens alemãs apresentam-se em grandiosas exibições choreographicas no estadio Zeppelin. Revista Educação Physica, n.º 23, outubro de 1938, p. 12.²⁹

Outra forma de remeter o leitor/a à Alemanha Nacional-Socialista se dá através da publicação de alguns textos que, além de exaltarem a utilização que esse país faz das práticas corporais e esportivas como parte integrante de sua política de construção nacional, tecem pequenos elogios à Adolph Hitler, ao Reich, ao Partido Nacional-Socialista, à Academia Nacional de Desportos do Reich e à Associação Nacional-Socialista de Educação Física do Reich. Um destes artigos chega a identificar a Alemanha como a “Nação dos Esportes” e o Reich como a “Pátria dos Ginastas”.³⁰

Estes são alguns títulos de outros textos publicados pela *Revista Educação Physica*:

“O distintivo desportivo da Alemanha”; “A educação physica hodierna - o exemplo da Allemanha”; “O film da olimpíada de 1936: um documento da nossa era - excelente as realizações da cinematografia alemã”; “A educação physica na Allemanha. O problema do robustecimento da juventude. A mulher allemã e os sports”; “A formação profissional dos professores de Educação Physica na Allemanha”; “O esportes na Allemanha. 8.800.000 allemães praticam esportes. Instalações de esportes e piscinas na Allemanha”; “Competição olympica de arte - Berlim, 1936”; “Os levantamentos de peso na Allemanha”.

²⁹ Essas duas fotografias ilustram o texto “A Educação Physica Hodierna”, escrito por Dr. Luís Bisquertt, professor do Instituto de Educação Physica da Universidade do Chile. O texto não faz referência alguma à Alemanha.

Nem todos esses textos abordam a especificidade da Educação Física feminina. No entanto, quando abordam esse tema, dizem sobre a reprodução e o fortalecimento da raça.

No caso da educação da mulher, a emphase primordial deverá recahir sobre o treino corporal; a seguir, sobre o desenvolvimento do character; finalmente, em ultimo logar, sobre o intellecto. Entretanto, o único objectivo na educação feminina consiste da mira relativamente á mãe futura. Assim é que a obra educativa do Estado Nacional deverá collocar em grande proeminencia a formação do character passo a passo com a cultura do corpo...

O jovem allemão do futuro deverá ser a nossos olhos esbelto e vigoroso, veloz como o lebreu, rígido como o couro e duro como aço Krupp.³¹

A EDUCAÇÃO PHYSICA NA ALLEMANHA **O problema do robustecimento da juventude** **A mulher allemã e os sports**

Por A Tenório D'Albuquerque



Senhoritas allemãs numa aula de esgrima

Em nenhum paiz do mundo, a educação physica está merecendo tanta attenção por parte do governo, a eugenia do povo preocupa tanto os dirigentes nem os sports estão mais bem regulamentados do que na Allemanha.

O Nacional Socialismo, com o seu programma de rejuvenescimento da Allemanha encarou, como um dos elementos primaciaes para a constituição das nacionalidades, a eugenia do povo, o aprimoramento racial, partindo do principio de que “não há paiz forte com um povo fraco” (...)

³⁰ “Os esportes na Allemanha. 8.000.000 allemães praticam esportes”, escrito por M. H. Ehlert e publicado na Revista Educação Physica nº 8, fevereiro de 1937, p. 103-104.

³¹ Fragmento do texto “A formação profissional dos professores de Educação Physica na Allemanha”, Revista Educação Physica n.º 19, junho de 1938, p. 11

A MULHER ALLEMÃ E OS SPORTS

Notavel, é o entusiasmo a mulher allemã pelos sports. Eu as vi, ás centenas, fazendo gymnastica, remando, nadando, esgrimando, cavalgando, etc.

Em Grunau, realizam-se regatas femininas em que intervêm dezenas e dezenas de barcos, todos remados por moças. No anno passado, houve lá um pareo, em que competiram nada menos que 12 “out-riggers” a 8, remadas por moças.

A mulher allemã, da geração que está se formando, é forte, de impressionante robustez, exuberante de saude, produzirá, necessariamente, filhos sadios, hygidos.³²

A cultura física foi amplamente incentivada por Hitler porque nela identificava elementos capazes de concretizar sua ambição pela beleza e pela criação do novo homem e da nova mulher. Ao lado de atitudes como a esterilização dos doentes e o extermínio em massa, o nazismo utilizou as práticas corporais e esportivas para assegurar sua política de purificação racial e reconstrução nacional, espetacularizando-as. Fantasia e poder agem sobre os corpos a partir de diferentes técnicas de medição, comparação, controle e disciplinação, no sentido de aumentar sua utilidade através de uma política de economia de energia baseada não apenas no controle e na punição como também na internalização de poderes fixados no próprio corpo, de forma a fazer crer que o “físico” seria superior ao “mental”.

“Nosso primeiro princípio de beleza é a saúde”³³, afirma Hitler em um de seus espetaculares discursos públicos. E a beleza não é só individual. Para a estética nazista, a beleza deve ser massificada e a “massa” é o próprio corpo da Alemanha, que se quer, também, belo e saudável. Dentro dessa representação, o médico torna-se um perito em estética capaz de julgar quem deve permanecer e quem deve ser excluído desse universo de pureza, harmonia e beleza que se pretende criar.

Ao corpo masculino e ao corpo feminino, o nacional-socialismo de Hitler designou atribuições diferenciadas: se os homens são formados para desempenhar o papel de soldados fortes preparados para o combate, as mulheres o são para a maternidade³⁴. Virilidade, superioridade e coragem são atributos designados ao masculino enquanto vigor físico, beleza e saúde dizem do feminino. Dizem,

³² Revista Educação Physica n.º 11, setembro de 1937, p. 26-29

³³ Retirado do filme Arquitetura da Destruição, dirigido por Peter Cohen.

³⁴ Gertrud Pfister, *Conflicting femininities: the discourse on the female body and the physical education of girls in the National Socialism*, p. 91

sobretudo, da principal função que lhe é atribuída: tornar-se mãe. Mãe de filhos arianos, perfeitos, hígidos e belos.

Os Apolos nazistas estavam sobrecarregados de mensagens: eram um ideal de beleza que representava, acima de tudo, o poder. As alegorias afirmavam a beleza da Força encarnada na masculinidade. Os Apolos nazistas eram, na verdade Martes: guerreiros musculosos empunhando lanças, tochas e espadas gigantescas, espécie de símbolos fálicos arrebatadores. Sua nudez exprimia valores militares: camaradagem, disciplina, obediência, prontidão, coragem, força. O homem nu da estatuária nazista embutia a repressão: dispensava as vestes porque sua nudez já era uma couraça. (...) a nudez feminina é igualmente carregada de mensagens: a mulher nua evocava a fertilidade, aptidão à maternidade, conformação ao papel de fêmea. A prostituta do expressionismo era substituída pela jovem atleta e pela aldeã cheia de filhos.³⁵

Nem todas as mulheres eram observadas como possíveis mães: algumas eram consideradas como “mães do Volk”; outras, como degeneradas, tal como as prostitutas. Portanto, indesejáveis para a construção do projeto de renovação nacional.

Em 1930, seis anos depois de Hitler, no *Mein Kampf*, ter polemizado contra as mulheres judias e defendido a esterilização de <<milhões>> de pessoas <<inferiores>>, um dos seus ideólogos do <<sangue e solo>> subdividiu o sexo feminino em quatro categorias: as mulheres que deveriam ser incentivadas a ter filhos, aquelas cujos filhos seriam considerados <<aceitáveis>>, as que era melhor não os terem e aquelas que deviam ser absolutamente impedidas de os ter, particularmente através da esterilização. Antes de 1933, os nacional-socialistas não tinham sido os únicos a propor tais distinções eugênicas ou de higiene racial. Um social-democrata influente, por exemplo, considerava um terço da população alemã como <<inferior>> e indigna de ter filhos; algumas mulheres, incluindo certas feministas da ala racista do movimento, defendiam também tais propostas, incluindo a esterilização compulsiva. Mas só o nacional-socialismo convertera tais idéias e atitudes numa prática complexa, coerente e sistemática de política racial que, por fim, e em apenas doze anos, levou a massacres sem precedentes de mulheres e homens <<inferiores>>.³⁶

³⁵ Luiz Nazário, Reflexões sobre a estética nazista, p. 41

³⁶ Gisela Bock, A política sexual nacional-socialista e a história das mulheres, p.186-187.

Ainda que a maternidade tenha sido glorificada no nacional-socialismo, a política nazista para a mulher não restringia suas funções a ter e criar filhos. A regeneração da raça e da Alemanha exigiam, também, mulheres produtivas com capacidade para desempenhar trabalhos com grande exigência física como na agricultura, na indústria pesada e na guerra, para os quais o fato de ser mãe não era visto como uma limitação. A mulher nazi ideal tinha como primeiro dever servir o Estado, mesmo que para isso, conflituassem diferentes representações de feminilidade. O “bem do povo” justificava qualquer atuação feminina fosse ela no campo, nas fábricas ou no front. Na Alemanha, o lema “o lugar da mulher é no lar” referia-se não apenas à especificidade do espaço doméstico e à família mas ao “lar” que era a Alemanha no seu conjunto.³⁷

Em que pese as diferenças dos ideais eugênicos existentes entre o Brasil e Alemanha³⁸, a glorificação da maternidade faz parte o discurso oficial dos dois países, junto da qual estão associadas diferentes ações que concretizam políticas racistas, não apenas no sentido de mitificar a branquidade como também de exterminar o que é considerado desviante, anormal ou degenerado. Afirmam-se assim, o que Susan Sontag identifica como sendo os principais temas da ideologia nazista: o contraste entre o limpo e o impuro, o incorruptível e o corrompido, o físico e o mental, o satisfeito e o crítico.³⁹

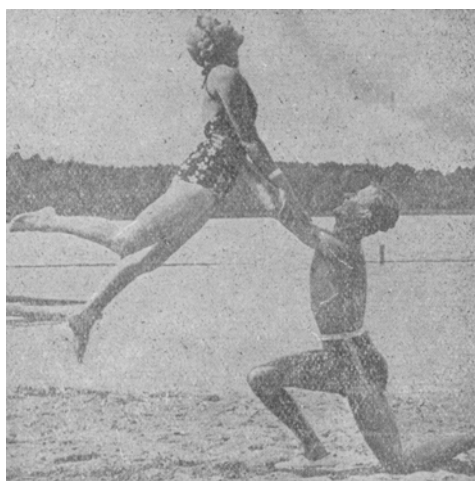
³⁷ *Ibidem.*

³⁸ Sobre a importância atribuída à eugenia como elemento fundamental à construção do Estado Nacional Socialista e a influência desse discurso na realidade brasileira, creio ser interessante registrar que, na década de trinta o governo alemão montou um serviço de transmissão de referenciais culturais valendo-se da distribuição de filmes educativos destinado a algumas escolas teuto-brasileiras localizadas nos seguintes estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia. Este serviço, patrocinado pela Representação do Serviço de Ferrovias do Império Alemão no Brasil, em parceria com a iniciativa privada (Zeiss, Agfa e Siemens) foi organizado na Associação Nacional de Professores Teuto-brasileiros e era denominado Serviço Teuto-Brasileiro de Filmes Culturais. Objetivava expandir a ideologia nacional socialista para as colônias germânicas relatando suas conquistas políticas, sociais e educacionais e, assim, estabelecer uma religação entre as populações emigradas e a pátria de origem. Dentre temas abordados nos filmes destacavam-se as práticas eugênicas obtidas através da realização de exercícios ginásticos. Olga Rodrigues von Simson, *Imagem e memória*, p. 28-29. Ainda sobre “os alemães no exterior” ler Marionilde B. de Magalhães, *Pangermanismo e Nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*.

³⁹ Susan Sontag, *Sob o Signo de Saturno*, p. 70.



As moças alemãs entregam-se á prática de exercícios matinaes, para conservar o physico. Revista Educação Physica, nº21, agosto de 1938, p. 51



Os famosos bailarinos alemães Inge Kock e Gunther Woack praticam sua gymnastica quotidiana ao ar livre. Revista Educação Physica, nº 23, outubro de 1938, p. 15 e na nº 31, de junho de 1939.

Na *Revista Educação Physica* essa ideologia perpassa alguns de seus textos e de suas imagens. Por exemplo, quando propõem o exame pré-nupcial e a esterilização como forma de evitar o nascimento de degenerados⁴⁰; quando, através da exercitação física, evocam a superioridade ariana ou quando mitificam a personalidade e as conquistas de Hitler.

Com o advento do Nacional-Socialismo, quando o Fuehrer Adolf Hitler tomou as redeas do destino do Povo Alemão, o movimento desportivo recebeu um formidável impulso. O Estado aceita o protectorado sobre a vida esportiva e a Allemanha se torna uma Nação de Esportes. Indifferentemente onde, quer na escola ou na sociedade desportiva, quer na universidade ou na fabrica, todos os allemães exercem esportes, colegiaes e professores, estudantes e doutores, empregados e chefes, burguez, campones ou operario, todos elles estão unidos numa grande frente desportiva. (...). A sua grande prova de fogo o esporte allemão recebeu por ocasião da XI Olympiada, o maior certame desportivo internacional pela primeira vez celebrado na Allemanha. O resultado todos conhecem, a Allemanha venceu brilhantemente nestes Jogos Olympicos, sendo considerada hoje, de certo, um dos mais potentes factores na vida esportiva internacional.⁴¹

⁴⁰ Os textos “Como evitar uma prole doentia” e “Higiene e saúde”, publicados nas páginas 102 e 103 afirmam essa intenção.

⁴¹ Fragmento do texto “Os esportes na Allemanha. 8.800.000 allemães praticam esportes. Instalações de esportes e piscinas na Allemanha, de M. H. Ehlert, Berlim. Professor diplomado em esportes. Revista Educação Physica n.º 8, fevereiro de 1937, p, 103-104.

HITLER

**A personalidade do chefe do Nazismo
reconstructor da Alemanha, analizada no
mais amplo estudo feito em portuguez.**

De pintor a idolo do povo allemão!

**O combate decisivo contra o communismo na Allemanha.
As grandes reformas sociaes introduzidas pelo Nazismo.
HITLER, patriota ardoroso, infatigavel, restructor da
Allemanha, que
reconquista seu prestígio internacional e está modelarmente
organizada.**

Um livro de grande sensação

**Longo prefácio - tradução de varios autores
por A TENORIO D'ALBUQUERQUE**

Autor de "A Allemanha Grandiosa"⁴²

Outra estratégia adotada *Revista Educação Physica* para divulgar suas mensagens relaciona-se com a maneira como faz uso das imagens que publica. Melhor dizendo: a *Revista* nunca menciona suas fontes iconográficas. As fotos que reproduz não tem autoria e, muitas vezes, são utilizadas para ilustrarem diferentes discursos. Adquirem, portanto, significados diferentes não só pelo que exibem mas, principalmente, pelas palavras que as acompanham e que além de lhes atribuírem nova significação pretendem atribuírem-lhes veracidade.

Com relação à divulgação, por vezes manifesta, por vezes sutil, da estética nazista essa estratégia pode ser identificada na publicação que faz de várias fotos de Leni Riefenstahl⁴³, sem nunca mencionar sua autoria. Fotos, como por exemplo, da arquitetura e da estatuária grega, das instalações esportivas da Alemanha nazista, dos Jogos Olímpicos de Berlim, de atletas de diferentes nacionalidades e de atletas

⁴² Contra-capla da Revista Educação Physica, nº 9, abril de 1937. Tenório D'Albuquerque é militar e professor de Educação Física. Autor de vários artigos da Revista Educação Physica.

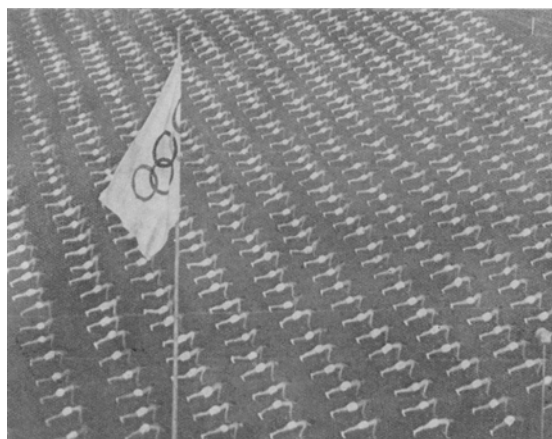
⁴³ Atriz, fotógrafa e cineasta alemã foi contratada pelo Reich, em 1933, para filmar os comícios do partido nazista. Desse trabalho resultou "O Triunfo da Vontade", concluído em 1934. Em 1936, Hitler contratou Riefenstahl para filmar os XI Jogos Olímpicos realizados na Alemanha.

alemães freqüentemente ilustram textos que em quase nada se aproximam do que as imagens exibem. Algumas delas aparecem na primeira página da *Revista* ou mesmo em algumas das suas capas.

Eis alguns exemplos:

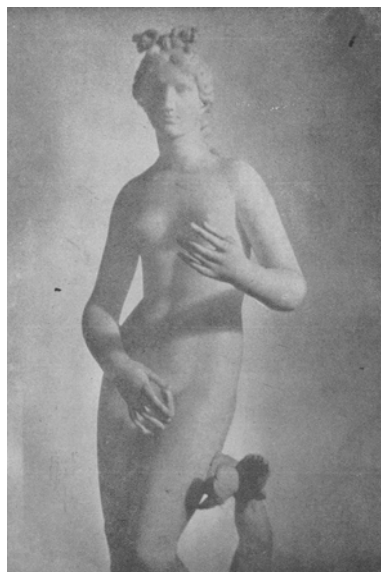


Olimpiadas de Berlim - a juventude no Campo de Mayo



Olimpiadas de Berlim - exercicios livres
Revista Educação Physica n.º 25, dezembro de 1938, p. 54-55⁴⁴

⁴⁴ Essas duas fotografias ilustram o texto “A educação física na Europa: estudo comparado e apreciação dos diversos métodos conforme o relatório do Dr. Eugênio Piaseck. Professor da Faculdade de Medicina de Poznam”. A Alemanha aparece como um dos 9 países analisados no artigo. Nem uma outra fotografia acompanha o texto.



Aphrodite - foto publicada na primeira página da Rev Ed. Physica 24, nov/1938



Marcha, através da estrada de Corinto, a máscula figura do atleta helenico, a conduzir o facho das Olimpíadas para o Estadio de Berlim⁴⁵.

Se fica difícil localizar a ideologia nazista nos autores da *Revista Educação Physica* é possível perceber que esta permeia suas páginas em fragmentos significativos. Utilizando uma espécie de colagem, seus editores se apropriam de imagens relacionadas à estética nazista ocultando sua origem com as palavras das legendas ao mesmo tempo que afirmam a ideologia política ocultada. E aí a *Revista* também diz o que pretende dizer.

Ainda sobre a utilização das imagens de Leni Riefenstahl, é interessante registrar que, mesmo quando as fotografias mostram algo relacionado à Olimpíada de Berlim, oficialmente registrada por Leni em fotos e também no filme *Olympia*, a *Revista* não menciona a autoria das fotos que reproduz. A única referência ao nome desta fotógrafa e cineasta aparece em um pequeno texto que anuncia a conclusão do filme olímpico:

⁴⁵ Revista Educação Physica n.º 33, agosto de 1939, p. 8.

O FILM DA OLIMPÍADA DE 1936

UM DOCUMENTO DA NOSSA ERA EXCELENTE AS REALIZAÇÕES DA CINEMATOGRAFIA ALEMÃ

(...) Sem temer qualquer exagero, pôde-se afirmar que o trabalho de Leni Riefenstahl, a quem coube a direção do filme, e de seus colaboradores, 51 cinematografistas e mais de 200 assistentes, saiu perfeitíssimo, ultrapassando todas as esperanças. 450.000 metros de celulóide encontraram os “cameramen” germanicos quando, decorridos 16 dias da XI Olimpíada. Material enorme, entre o qual se deveria fazer a escolha para a composição das duas películas que receberam os títulos “Olimpia”- Festa dos Povos” e “Olimpia - Festa da Beleza”.

(...) A nobreza da idéia que levou a criação desses encontros quatrienais da mocidade internacional, idéia posta em curso pelo saudoso Barão de Coubertin, nunca foi tão perfeitamente expressa como no filme de Leni Riefenstahl e dos seus companheiros. E esta documentação é tanto mais valiosa por constituir uma obra que comprova amplamente que aquela “festa dos povos”, foi, de fato uma “festa” no mais límpido sentido da palavra, se uma nota que tivesse turvado a compreensão e a harmonia, em por parte daqueles jovens que lutaram pelas palmas olímpicas, nem por parte da enorme massa humana dos espectadores.⁴⁶

Leni também fotografou o corpo feminino. E os editores da *Revista Educação Physica* não se furtaram de reproduzir algumas dessas fotos.



Exercícios livres de gymnastas norte-americanas⁴⁷



Nos Jogos Olímpicos de Berlim - dansas⁴⁸

⁴⁶ Revista Educação Physica n.º 26, janeiro de 1939, p. 52.

⁴⁷ Fotografia que ilustra o texto “A educação Física na Suécia”, de Paulo Lotufo, publicado na Revista Educação Physica n.º 25 de dezembro de 1938, p. 46-48. No livro “Olympia” de Riefenstahl, esta foto intitula-se “American girl gymnasts show their exercises”, referindo-se especificamente à apresentação da equipe americana de ginástica na Olimpíada de Berlim, p. 182.

⁴⁸ Foto que ilustra o texto “Um novo conceito de longevidade: como a educação physica está influenciando para recuar o início da velhice”, de Américo Netto, publicado na Revista

Perseguindo uma representação ideal de beleza, Riefenstahl faz uma apologia à raça ariana, evocando a estética grega para justificar suas concepções artísticas e também nazistas. No livro “Leni Riefenstahl: a memoir, ela descreve que o processo de criação do filme *Olympia* se originou de uma visão, onde enxergou as ruínas da Grécia antiga. Nessa visão pode ver emergindo, através de uma cortina de fumaça, templos e esculturas gregas, como: Aquiles e Afrodite, Medusa e Zeus, Apolo e Paris. Relata, ainda, que sonhou com a estátua “O Discóbulo” de Miron se transformando em um homem de carne e sangue que movimentava-se lentamente, como as esculturas dos templos gregos, se dissolvendo em chamas e com o fogo olímpico acendendo uma tocha para ser carregada desde o Templo de Zeus até a moderna Berlim de 1936 - uma ponte entre a Antigüidade e o presente.⁴⁹



The Myron discus-thrower



Living statue⁵⁰

Educação Física n.º 25 de dezembro de 1938, p. 38-39 No livro de Riefenstahl, intitula-se “Poise” e faz parte de uma série de fotos que tematizam a beleza do corpo feminino.

⁴⁹ Albrecht Gubh e Leni Riefensthal, Leni Riefensthal, a memoir, p. 171.

⁵⁰ Fotografias publicadas no livro *Olympia*, de Leni Riefensthal, p. 26 e 27.



“Caruzzio - USA on the parallel bars”.⁵¹



Leni Riefenstahl e sua câmera. Foto do livro Leni Riefenstahl: a memoir, p.98.

Ao ser questionada sobre sua relação com o nacional-socialismo de Hitler, Leni defende-se argumentando que sua preocupação ao filmar *Olympia*, antes de vincular-se à qualquer propaganda política, tinha um compromisso com a exaltação da beleza. Na suas palavras:

Eu posso simplesmente dizer que me sinto espontaneamente atraída por tudo que é belo. É, a beleza, a harmonia. E talvez esse cuidado com a composição, esta aspiração pela forma, seja efetivamente uma coisa muito alemã. Mas não conheço tais coisas pessoalmente de uma maneira exata. Elas vêm do inconsciente, e não do meu conhecimento... O que você quer que eu acrescente? O que quer que seja puramente realista, uma fatia da vida, que é mediano, cotidiano, não me interessa... Sou fascinada pelo que é belo, forte, saudável, que é vivo. Busco a harmonia. Quando a harmonia se produz, eu sou feliz.⁵²

⁵¹ Leni Riefenstahl, *Olympia*, p.201. Essa é uma das fotos de Leni Riefenstahl que a Revista Educação Physica reproduz sem mencionar sua autoria, como por exemplo na capa da Revista nº 74, maio/junho de 1943 e na Revista nº 24, novembro de 1938, p. 14.

⁵² Entrevista de Leni Riefenstahl à Cahiers du Cinéma, citada por Susan Sontag no texto “Fascinante Fascismo”, que compõe o livro *Sob o Signo de Saturno*, p. 68. Neste texto, Sontag tece várias críticas ao trabalho de Leni Riefenstahl e suas opções estéticas às quais Leni responde: “Como pode uma mulher tão inteligente dizer tais tolices”. Depoimento retirado do filme *Leni Riefenstahl: a Deusa Imperfeita*, de Ray Muller. Sobre Leni Riefenstahl ler: Judith Holmes, *Olimpíada - 1936: Glória do Reich de Hitler*; Leni Riefenstahl, *Olympia*; Leonardo Quaresima, *Leni Riefenstahl*; Albrecht Gubh e Leni Riefenstahl, *Leni Riefenstahl, a memoir*. Ver também o filme *Leni Riefenstahl - a Deusa Imperfeita*, dirigido por Ray Muller.

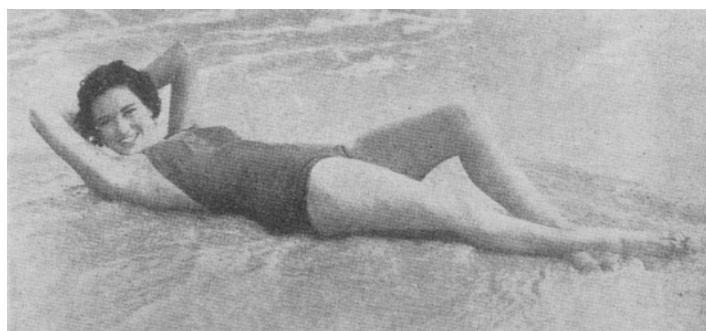
Harmonia e felicidade são também elementos que constituem o programa visual da *Revista Educação Physica*. Os corpos femininos, quando expostos, não inquietam o olhar. Ao contrário: acostumam, simplesmente porque buscam hegemonizar um forma de olhar e de “ler” o que foi fotografado ou desenhado. Sua estética permite pouca tensão, dissonâncias e conflitos, como também, são permitidas poucas variações para a representação do ser mulher. E essa opção não é nada ingênua. Afinal, toda e qualquer escolha estética é também uma escolha política.⁵³



Rev Ed. Physica, nº 39, jun 1940



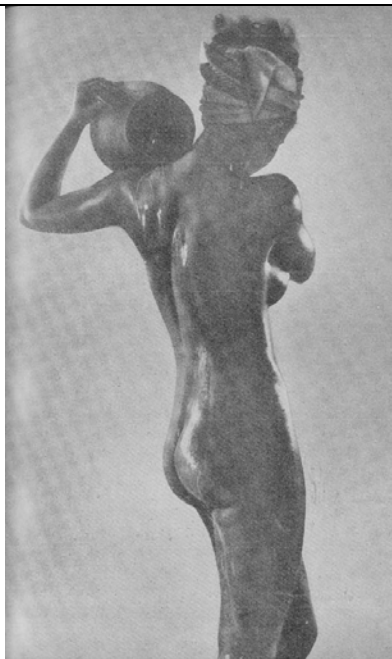
Rev Ed. Physica, nº 23, out 1938.



Revista Educação Physica, nº 54, janeiro de 1939

⁵³ Walter Benjamin nos ajuda a pensar sobre a questão escolha estética como escolha política quando escreve sobre os efeitos da conotação propagandística que o cinema e a fotografia adquirem nos regimes fascistas. Diz o autor: “Nos grandes desfiles, nos comícios gigantescos, nos espetáculos esportivos e guerreiros, todos captados pelos aparelhos de filmagem e gravação, a massa vê o seu próprio rosto. (...). Na época de Homero, a humanidade oferecia-se em espetáculo aos deuses olímpicos: agora, ela se transforma em espetáculo em si mesma. Sua auto-alienação atingiu o ponto que lhe permite viver a sua própria destruição como um prazer estético de primeira ordem. Eis a estetização da política, como a prática do fascismo. O comunismo responde com a politização da arte. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica, p. 194-196.

Inspirada ou não na estética nazista da pureza racial, a *Revista Educação Physica*, através do que explicita e oculta, faz uma apologia à beleza branca. Com relação ao corpo feminino, nos seus 88 números, há uma única referência à mulher negra⁵⁴, formada pela junção de uma fotografia de página inteira, com um pequeno texto assinado por Fernando Azevedo:



Aplicada convenientemente em gerações sucessivas, teremos logo, com a regeneração social pela educação física, um povo que se encaminhe mais depressa para o nosso verdadeiro tipo etnológico, um grupo étnico talvez, extreme e definitivo, representante característico e genuíno de uma raça que possa ir floreando através da idade, em guapas flôres - rubra nos globulos sanguineos de seiva e morena na tez requeimada da pele, graças ao vigor físico e a este belo sol tropical, que atapeta de verde as encostas das montanhas e pontua de flôres os campos de nossa exuberante natureza.⁵⁵

Se a tez é morena é pela ação do sol tropical que assim se faz e não porque pertencente à raça negra. Quando exibido, o corpo feminino negro não tem rosto nem expressão, está de costas, tem os cabelos parcialmente ocultos e está sendo banhado/limpo por um pequena quantidade de água que escorre através de seus músculos bem delineados. É um corpo bonito, sensual, sexuado e erótico. No entanto, destituído de identidade; é um corpo qualquer, estrangeiro para essa *Revista* e também para o universo das práticas corporais e esportivas. O corpo que se vê, ainda que muito belo, não remete o leitor/a a imaginá-lo construído pela exercitação

⁵⁴ Alguns atletas e algumas atletas negras são mostrados na *Revista Educação Physica* em situações bastante específicas ligadas, principalmente, às suas conquistas esportivas. Às vezes, nem seus nomes aparecem registrados.

⁵⁵ *Revista Educação Physica*, n.º 8, fevereiro de 1939, p.2.

física porque está mitificado, quase extraído da sua dimensão real. É um corpo emblemático que pouco dignifica ou mesmo faz lembrar a raça à qual pertence.

O ideal branco é valorizado quando grande parte das imagens que publica exibem mulheres brancas, na sua maioria loiras. E vestidas. Com exceção das estátuas gregas, o único corpo feminino que aparece nu é este único e escultural corpo negro.

Casamento, maternidade, procriação e refinamento da espécie são funções e papéis sociais designados à mulher branca, jovem e de classe média alta, cujo corpo é observado como um lugar a abrigar, fecundar e nutrir uma prole sadia, bela e hígida, fruto de uma união estável com um homem também branco, também jovem e também de classe média alta. Afirma-se, assim, o mito da superioridade racial branca mesmo neste país cuja conformação étnica passa ao longe da branquidade.⁵⁶ Ariana ou não, é a perfeição loura que a *Revista Educação Physica* faz questão de exibir como representação dominante de beleza feminina. Uma beleza branca e loura, aos moldes das mulheres européias e norte-americanas.

Ainda sobre a representação da mulher-mãe, chama a atenção a maneira através da qual a *Revista Educação Physica* aborda a sua sexualidade. Mesmo que esse não seja um tema específico, ele é recorrente quando os artigos tratam de temas como casamento e procriação.

Quando o assunto é maternidade, a sexualidade feminina é observada através da sua conotação biológica, o ato sexual é valorizado pela sua dimensão reprodutiva e o gozo feminino parece ser apenas e sempre vaginal e heterossexual.

O corpo da mãe inspira mais respeito que desejo, é menos profano que sagrado, reclama reverências porque portador da vida. O corpo da mãe é esculpido no detalhe do seu sexo abrandado nas suas conotações eróticas. É ventre, pulsão e promessa. É sexo em ação e é controle do sexo. É afirmação e negação da sua sexualidade. É uma construção cultural e um olhar específico sobre o corpo feminino que, ao mesmo tempo, o limita e engrandece.

⁵⁶ Sobre a idealização da raça branca no Brasil contemporâneo, é bastante instigante o livro da escritora americana Amélia Simpson, intitulado *Xuxa: megamarketing do sexo, da raça e da modernidade*.

Octávio Paz, ao escrever sobre o amor e o erotismo, movimentava uma idéia que pode ajudar a compreender a representação tensa de corpo que a *Revista Educação Physica* constrói da mulher que é mãe. Representação essa que tensiona, simultaneamente, o incentivo e a repressão do pleno exercício de uma sexualidade madura.

No seio da natureza, diz ele,

(...) o homem criou um mundo à parte, composto por esse conjunto de práticas, instituições, ritos e idéias que chamamos cultura. Em sua raiz, o erotismo é sexo, natureza; por ser uma criação e por suas funções na sociedade, é cultura. Uma das finalidades do erotismo é domar o sexo e inseri-lo na sociedade. Sem sexo não há sociedade, pois não há procriação; mas o sexo também ameaça a sociedade. Como o deus Pã, é criação e destruição. É instinto: tremor, pânico, explosão vital. É um vulcão, e cada um de seus estalos pode cobrir a sociedade com uma erupção de sangue e sêmen. O sexo é subversivo: ignora as classes e hierarquias, as artes e as ciências, o dia e a noite; dorme e só acorda para fornicar e voltar a dormir. Nova diferença com o mundo animal: a espécie humana padece de uma insaciável sede sexual e não conhece, como os outros animais, períodos de excitação e períodos de repouso. Ou dito de outra forma: o homem é o único ser vivo que não dispõe de uma regulação fisiológica e automática da sua sexualidade.

Assim como nas cidades modernas ou nas ruínas da Antigüidade, figuras do falo e da vulva às vezes aparecem nas pedras dos altares ou nas paredes das latrinas. Príapo em ereção perpétua e Astarte em sinuoso e eterno cio acompanham os homens em toda as suas peregrinações e aventuras. Por isso tivemos de inventar regras que ao mesmo tempo canalizam o instinto sexual e protegem a sociedade de seus excessos. Em todas as sociedades há um conjunto de proibições e tabus - também de estímulos e incentivos - destinados a regular e controlar o instinto sexual. Essas regras servem simultaneamente à sociedade (cultura) e à reprodução (natureza). Sem eles a família se desintegraria, e com esta toda a sociedade.⁵⁷

A pregação da castidade, as críticas ao desnudamento público do corpo feminino, a interdição a determinadas práticas corporais e esportivas, a preservação da fecundidade, a vigilância sobre o prazer e o controle da saúde reprodutiva são construções culturais que procuram reger o comportamento feminino, suavizando seus instintos e os desejos e excessos do corpo. Corpo esse que é dignificado quando grávido visto que a maternidade é observada como possibilidade auto-afirmação

⁵⁷ Octavio Paz, A dupla chama: amor e erotismo, p. 17-18.

feminina, fundamentalmente, porque é mitificada e valorizada por uma sociedade cujos preceitos morais buscam assegurar a manutenção da ordem, da família patriarcal e da Nação em desenvolvimento e para a qual, a mulher grávida, representa continuidade e permanência.

Na *Revista Educação Physica* e não apenas nela, maternidade e sexualidade são pólos contraditórios e também complementares, sob os quais pulsam distintas tensões. Ao analisar a transformação da intimidade nas sociedades modernas, Anthony Giddens chama atenção para o fato de que:

A sexualidade foi seqüestrada ou privatizada como parte dos processos em que a maternidade foi inventada e tornou-se um componente básico do domínio feminino. O seqüestro da sexualidade ocorreu, em grande parte, mais como resultado da repressão social do que da repressão psicológica e estava acima de tudo relacionado a dois fatores: o confinamento, ou a negação da resposta sexual feminina, e a aceitação generalizada da sexualidade masculina como não problemática. Estes desenvolvimentos foram reelaborações de antigas divisões entre os sexos, particularmente a distinção entre as mulheres puras e impuras, mas foram remodelados em um novo formato institucional. Quanto mais a sexualidade desassociou-se da reprodução e integrou-se em um emergente projeto reflexivo do eu, mais este sistema institucional da repressão ficou sobre tensão.⁵⁸

Sexualidade e erotismo pulsam nas páginas da *Revista Educação Physica*, pelo uso de palavras e pelas imagens que exibem corpos femininos.

Ao recomendarem a prática de atividades físicas para colocar o organismo em condições de gerar bons frutos, os textos que fazem referência à mulher grávida, ou exaltam sua beleza e feminilidade ou alertam para a necessidade de salvaguardar essas mesmas características. O corpo grávido é capaz de sofrer modificações e também de fascinar. É alterado e é harmonioso. É vida e é morte. É movimento contínuo de fragmentos que se formam, transformam-se e se perdem. É vitalidade à mostra.

⁵⁸ Anthony Giddens. A transformação da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas, p. 195-196.



Rev. Ed. Physica, n.º 45, agosto 1938



Rev. Ed. Physica, n.º 84, jan-fev, 1945



Rev Ed. Physica, n.º 45, agosto 1938

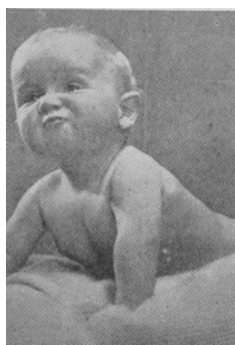


Rev Ed. Physica, n.º 25, dezembro 1938

No entanto, o corpo grávido não é visto pelos/as seus/as leitores/leitoras. Ele é apenas descrito, contado... é imaginado a partir da representação clássica de beleza feminina: da graça, do encanto e da harmonia das formas corporais. As imagens que ilustram os textos sobre a maternidade exibem silhuetas esbeltas, saudáveis, vigorosas, sensuais, esbanjando alegria e beleza, algumas vezes acompanhadas por crianças igualmente saudáveis, alegres e belas. Têm componentes eróticos que instigam o observador, movimentam fantasias e despertam desejos. Os sorrisos são

convites ao desfrute de um corpo que se faz belo mediante a exercitação física. Um corpo que se faz belo também para maturar outros e novos corpos.

Poucas são as referências sobre os incômodos da gravidez, como por exemplo, as alterações hormonais e morfológicas, as indisposições, os edemas, as modificações no humor, as dores, as náuseas e os enjôos, as varizes, os limites na capacidade de movimentação e as deformações do corpo. Se a gestante é bela é porque um filho está sendo carregado no ventre da mãe que se apronta, não porque desperta o desejo do/s outro/s, ainda que as imagens sugiram esse despertar. O corpo da mãe é um corpo assexuado apesar de belo e belo porque capaz de gerar um fruto sadio, vigoroso e forte.



Revista Educação Physica, n.º 41, abril 1940



Revista Educação Physica, n.º 37, novembro 1939

A *Revista Educação Physica* torna linear e positivo o olhar sobre a gravidez, destacando suas vantagens, seus encantos, não as suas contradições. Naturaliza, assim, a maternidade e reforça valores e comportamentos que enlaçam a mulher e o seu destino biológico.

Cultiva, pela presença e pela ausência de determinadas palavras, idéias e imagens, uma forma sutil de abrandar o erotismo, o desejo e o gozo femininos distanciando-os do ato sexual, porque quando a referência é a maternidade, o sexo é sinônimo de procriação e as informações sobre os métodos contraceptivos são silenciadas.



Revista Educação Physica, n.º 57, agosto 1941

Apesar das representações da mulher-mãe e da mãe-cívica se destacarem na *Revista*, não são unívocos seus discurso sobre as mulheres, nem as imagens que os ilustram. Ao exibir o corpo feminino e tecer recomendações para seu embelezamento e sua saúde, movimentam tensões entre diferentes valores culturais e sociais, associando exigências complementares e contrapostas: a permanência da mulher no lar, porque mãe e guardiã dos valores morais da família, a sua fluência na rua porque integrante de cidades que oferecem extraordinárias novidades de consumo e porque trabalhadora de uma sociedade que separa a casa do local de trabalho.⁵⁹

Assim, elabora, reelabora e reproduz construções simbólicas apreendidas pela memória, pela sensibilidade e pelo pensamento que se legitimam ou não. Construções essas fabricadas por um imaginário cultural, visual e sexual que ultrapassa tempos e lugares, demarcando diferentemente os papéis, as possibilidades e os talentos para homens e para mulheres. Que são assumidos por uns e por outros ou não.

A imagem da mãe, construída através de representações que a aproximam do zelo, da contenção de gestos e do dever social, rege o comportamento da mulher. Ela é induzida a um controle moral proveniente do receio de que suas conquistas pessoais e sociais provoquem o uso inconveniente, incontrolável e equivocado do seu corpo e da sua sexualidade, uma ameaça à ordem coletiva existente.

⁵⁹ Margareth Rago. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar Brasil 1890-1930.



Revista Educação Physica, nº 41, abril 1940

Despido da volúpia, da paixão e do desejo, a criação da imagem do corpo da mulher-mãe, recatado no seu íntimo, autoriza a expansão do universo da prostituição porque concede ao homem o direito de procurar em outros corpos, outros lugares, outras práticas a garantia do seu prazer e da plenitude de sua existência viril.

Revestido de pudor, o corpo da mãe encontra no espaço privado o deleite de seus prazeres físicos, assegurados ou não pelo seu homem. O corpo do pai, goza do espaço público: nas ruas, bordéis, cabarés e nos locais secretos e consentidos, onde os códigos sexuais, ainda que diferentes daqueles estabelecidos no íntimo do lar, são, igualmente, definidores de comportamentos, gestos e atitudes. Se para a mulher determinadas práticas sexuais são denunciadoras de sua desonra e vulgaridade, para o homem atestam sua virilidade.

Ainda que o discurso seja da liberdade feminina, esta é uma liberdade vigiada porque esquadrihada dentro de determinadas convenções já instituídas e aceitas como próprias do seu sexo. E, ao não rompê-las acaba por torná-las mais forte. Nesse sentido, o discurso da “nova mulher”, se por um lado, possibilita alguns avanços efetivos no que diz respeito às conquistas femininas, por outro, pouco as reconhece, na medida em que continuam a existir resistências a uma intervenção mais igualitária de sua parte, como por exemplo, no campo esportivo, no mercado de empregos, na participação política, no pleno exercício de sua sexualidade, etc.⁶⁰

⁶⁰ Sobre este tema ler June Hahner, *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*.

A “nova mulher”, que se deseja ver construindo a Nação deve agir dentro dos preceitos morais e culturais que sustentam este tempo de industrialização e urbanização. Se há a exigência de sua maior participação em diferentes instâncias da sociedade há, também, a diversificação das formas de controle que para ela se direcionam. Afinal, antes de se configurar como um efetivo projeto de emancipação feminina, este discurso, só faz reafirmar sua conformação dentro de padrões historicamente designados como próprios da sua identidade de mulher.

Para Margareth Rago,

Frágil e soberana, abnegada e vigilante, um novo modelo normativo de mulher, elaborado desde meados do século XIX, prega novas formas de comportamento e etiqueta, inicialmente às moças das famílias mais abastadas e paulatinamente às das classes trabalhadoras, exaltando as virtudes burguesas da laboriosidade, da castidade, do esforço individual. Por caminhos sofisticados e sinuosos se forja uma representação simbólica da mulher, a esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva mas assexuada, num momento mesmo em que as novas exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento comercial e industrial ocorrem nos principais centros do país solicitam sua presença no espaço público das ruas, das praças, dos acontecimentos da vida social, nos teatros, cafés, e exigem sua participação ativa no mundo do trabalho.

Às mulheres ricas, as exigências de um bom preparo e educação para o casamento, tanto quanto as preocupações estéticas, com a moda ou com a casa, reclamam sua frequência nos novos espaços da cidade, como nas escolas então criadas para os filhos das famílias abastadas. Desde 1870, por exemplo, funda-se a Escola Americana, que daria origem ao Mackenzie College, onde uma pedagogia importada dos Estados Unidos oferecia cursos de cultura física e prática esportiva às jovens.

Às mulheres pobres e miseráveis, as fábricas, os escritórios comerciais, os serviços em lojas, nas casas elegantes ou na Companhia Telefônica apareciam como alternativas possíveis e necessárias.

A invasão do cenário urbano pela mulher, no entanto, não traduz um abrandamento das exigências morais, como atesta a permanência de antigos tabus como o da virgindade. Ao contrário, quanto mais ela escapa da esfera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o anátema do pecado, o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho. Todo um discurso moralista e filantrópico acena para ela, de vários pontos do social, com o perigo da prostituição e da perdição diante do menor deslize. Não é a mulher esta carne fraca, presa fácil das paixões, que sucumbe sem resistência ao olhar insistente ou aos galanteios envaidecedores do sedutor? Vários procedimentos estratégicos masculinos, acordos tácitos, segredos não confessados tentam impedir sua livre circulação nos espaços públicos ou a

assimilação de práticas que o imaginário burguês situou nas fronteiras entre a liberdade e a interdição.

Também não se abrem amplas perspectivas profissionais para ela, como se poderia supor num primeiro momento. Afinal, a preocupação com a educação visa prepará-la não para a vida profissional, mas sim para exercer sua função essencial: a carreira doméstica. Os conhecimentos que adquirisse deveriam, portanto, auxiliar a dissipar os antigos preconceitos que povoavam sua mente fraca e torná-la uma companhia mais agradável e interessante ao homem.

O movimento operário, por sua vez, liderado por homens, embora a classe operária do começo do século fosse constituída em grande parte por mulheres e crianças, atuou no sentido de fortalecer a intenção disciplinadora de deslocamento da mulher da esfera pública do trabalho e da vida social para o espaço privado do lar. Ao reproduzir a exigência burguesa de que a mulher operária correspondesse ao novo ideal feminino da mãe, “vigilante do lar”, o movimento operário obstaculizou sua participação nas entidades de classe, nos sindicatos e no próprio espaço da produção, demandando seu retorno ao campo que o poder masculino lhe circunscreveu: o espaço das atividade doméstica e o exercício da função sagrada da maternidade.⁶¹

Na *Revista Educação Physica*, não são diferentes as representações do ser mulher. O que não significa afirmar que sobre seu corpo exista apenas um único e homogêneo olhar. São olhares que se diversificam e para os quais a representação da mãe, mesmo que naturalizada, não raptava da mulher outras possibilidades de viver a sociedade de seu tempo, ainda que sujeita a críticas e desonras, a incentivos e aplausos.

Sobre o corpo feminino, são fixadas palavras, imagens, gestos, expressões, cenários, vestes, tons de luz e de sombra, que o aproximam e afastam de outros corpos. Traços mais/menos delineados que jogam com múltiplas representações da realidade e da fantasia de indivíduos e grupos sociais cuja compreensão de mundo nem sempre é homogênea. Nem é também individual, porque imersa num tempo que é coletivo e no qual as imagens são cruzamentos e reflexos de umas nas outras.

No tempo da *Revista Educação Physica*, mais que reprimir a exercitação feminina, imperioso é intensificá-la porque, enfim, este é um tempo que, se não é diferente de fato, pode ser tratado como se assim o fosse. Motivo pelo qual, qualquer conquista de sua parte merece ser retratada com um discurso entusiástico que, ao

⁶¹ Ibid., p.62-64

exaltar suas proezas, afirma o seu contrário. Isto é, quão enraizadas ainda são as restrições para com os destinos do seu corpo.

O ESPORTE LIBERTADOR DA MULHER

Americo R. Netto
Prof. de Historia de Educação Physica da
Escola Superior de Educação Physica de São Paulo

Foi o esporte que, realmente, modernizou a mulher.

Antes delle a vida ao ar livre estava praticamente vedada. Chegava a conhecê-la de longe em longe, é certo, mas só em ocasiões em que os homens cuidadosamente preparavam. E restringiam.

Às vezes a mulher sahia um pouco. Viajava até, uma vez por outra, quasi sempre por estricte necessidade, mas o ar livre estava para ella praticamente vedado. E quando nelle se movia era muito mais para vêr e admirar os homens do que mesmo para agir por si, sósinha.

Hoje, porém... Tudo mudou. O esporte chamou a mulher para o ar e para o sol. E também para a agua, esta irmã gêmea do exercicio.

Desmente-se, assim, a secular legenda do sexo que para ser bello devia ser debil, necessariamente. Depois das travessias da Mancha em tempo récorde, depois de notaveis proezas automobilisticas nas grandes pistas européas e norte-americanas, depois da travessia aérea de oceanos e continentes, a mulher já não aspira apenas egualar-se ao homem. Quer fazer mais do que elle. E muitas vezes o tem conseguido, agora mesmo o está alcançando.

O convívio dos sexos, na surdina commovente dos salões em penumbra, vitalisa-se hoje ao sol claro e ao vento forte da vida a céu aberto. A mulher esportiva não deixou de ser a Companheira, tradicionalmente deslumbrada com o relato de feitos masculinos, mais ou menos impressionantes. Ella vae além. Muito além disso. É também, e principalmente, a Rival, não raro bem succedida. Graças aos esportes, ella toma o seu quinhão - e que farto quinhão! - na grande vida das actividades physicas.

Os habitos novos estão fazendo uma gente também nova. A languidez, tão cara aos românticos, já não existe, quasi. A saúde affirma-se. A vitalidade triumpha. Não há mais lentidões, temores nem desfallecimentos, agora que a mulher aprendeu a empunhar o volante do automovel e do aeroplano, embriagando-se com a velocidade das machinas de correr, ouvindo e entendendo o rythmo Z-bemól dos seus motores. Ella vive hoje mais e melhor porque sente e vibra num rythmo mais rapido, mais largo também.

As pernas, ciosamente encerradas nas crinolinas das saias-balão, emanciparam-se afinal. E appareceram! A indumentaria simplificou-se, aligeirando-se. E o vestuario ahi está evoluindo para um verdadeiro “despiario”, no qual os classicos segredos da anatomia feminina surgem á luz crua do sol ou se entremostam em transparencias reveladoras. Enquanto a mulher descobre, pelos menos, braços e pernas e collo, o homem ainda mantém o atrazo da sua esthetica de cylindros, em que se enrolam no pescoço, no tronco, nas pernas, custando a seguir o exemplo que tanto o encanta, o perturba e deslumbra...

Esportes femininos... Quasi que não existem mais. A mulher já entrou bem decidida, no que os homens guardavam especialmente para elles. Não respeita mais

privilégios nem exclusividades. Bem compreende e sabe que a energia humana é, antes de tudo, força nervosa. E como a possui mais subtil e aguda, com ella quer triumphar. Deseja - e toma - os melhores lugares, ás vezes os primeiros.

Fazendo-o, nada perde do seu encanto fundamental. E assim se explica o commovido assombro com que os homens do nosso tempo são forçados a consideral-a: - creatura nova de um tempo que, si não é de todo novo, resulta, pelo menos, bem differente.⁶²



Se a “creatura” é nova não parece ser nova a exigência que se faz no que respeita ao fato de uma mulher querer ou não ser mãe. Ainda que em alguns momentos a *Revista Educação Physica*, pareça diluir a imagem da mãe, movimentando uma tensão entre a transgressão e a adaptação aos comportamentos convencionalmente aceitos como adequados à vida em sociedade, há a determinação de que a maternidade, mais cedo ou mais tarde, venha coroar sua existência. Mesmo que alguns dos autores/as que nela escrevem venham a incentivar a transposição de certas regras definidas por códigos sociais a partir das distinções sexuais, a maternidade continua sendo sua mais sublime missão. Aquele acontecimento através do qual toda a mulher exprime o máximo de sua feminilidade.

Diferentes imagens do feminino pulsam nas páginas da *Revista*; diferentes e semelhantes porque enquadradas aos padrões tidos como próprios de seu sexo e, para o qual, a maternidade é um caminho natural. Diferentes e semelhantes porque criadas e cultivadas, também para evitar um desregramento social e sexual em que instintos, desejos e perversões presentes nas sombras conscientes e inconscientes de cada um, possam desagregar o que culturalmente se convencionou agregar e estabilizar.

⁶² Revista Educação Física n.º 10, junho de 1933, p. 23-24 e 92.

SEJA FEMININA

A *Revista Educação Physica*, não só produz e reproduz representações de beleza e maternidade, como também, cria e divulga imagens de feminilidade. Vários de seus autores e autoras se preocupam em delimitar a abrangência e os limites do mundo feminino no que diz respeito ao comportamento individual e social das mulheres, uma vez que são muitas as novidades de consumo, prazer e lazer a seduzi-las, colocando em perigo funções que historicamente lhes foram atribuídas, como a maternidade, a educação dos filhos e a administração do lar.

Essa preocupação, ainda que registrada nas suas páginas, não é própria deste período. A construção de imagens de feminilidade como possibilidade de vigilância sobre o corpo e o comportamento femininos aparece em diferentes espaços e tempos, sob diferentes formas, estratégias e discursos.

A idéia de uma essência feminina voltada para a submissão, a passividade, o sacrifício e a maternidade, por exemplo, que desde o final do século XVIII faz parte do discurso e das práticas da medicina, adquire outras representações nos séculos XIX e XX frente às novas responsabilidades atribuídas às mães e à família nuclear.

Dentro deste jogo de representações, à imagem da mulher maternal que é feminina e bem comportada contrapõe-se a da histérica, da masoquista, da prostituta ou da frígida, cujo jeito de ser precisa de correção e controle, uma vez que representa a vivência de uma sexualidade equivocada, por conseguinte, patologizada. Diferentes métodos que buscam curar estas anomalias vão sendo experimentados ao longo do tempo, como por exemplo, o uso de medicamentos, eletrochoques, duchas frias, dietas pouco estimulantes, camisa de força e, em alguns casos, intervenções cirúrgicas como a clitoridectomia e a ovariectomia.

Afinal, não está a sexualidade circunscrita ao casamento e a maternidade? E mais: sendo esse o destino de toda a mulher não é anormal quem dele se afasta?

No contexto da valorização da família, da higienização dos corpos e do fortalecimento da raça, ser feminina é ser, também, saudável e bela para cumprir os desígnios de seu sexo: casamento e procriação. Razão pela qual a mulher solteira, ainda que não considerada tão anormal quanto a histérica e a prostituta, por exemplo, merece atenção e cuidado visto que ao não cumprir sua função social, pode, também, vivenciar de forma equivocada a sua sexualidade porque celibatária ou excessiva.

Além disto, a mulher sem par (por opção ou por não conseguiu marido) ameaça a representação dominante de feminilidade e, também, a ordem social, visto que para garantir sua existência, concorre com os homens no mercado de empregos.¹ Concorrência esta que, não raras vezes, aparece permeada por insinuações e preconceitos quando, por exemplo, a estas mulheres são coladas representações que combinam elementos presentes nas estereotípias da lésbica, da solteirona feiosa e da feminista histérica.²

O temor que a mulher rompa algumas barreiras que delimitam as diferenças culturalmente construídas para cada sexo torna imperiosa a sua feminização, caso contrário, diz o discurso dominante, ela estará se masculinizando.

Feminizar a mulher é, sobretudo, feminizar a aparência e o uso do seu corpo. A postura, a voz, o rosto, os músculos, o modo de vestir, de gesticular e exercitar sua sexualidade são sujeitos à vigilâncias e inibições que são internalizadas a partir de uma submissão ao “outro”. Sendo este “outro” abstrato, coletivo e socialmente imposto.³

O corpo feminino, observado como algo a ser manipulado, construído, vigiado e modificado passa a ser alvo de diferentes intervenções, dentre as quais a sua exercitação, uma vez que, as práticas corporais e esportivas são identificadas como possibilidades de controle e também como experiências que movimentam e

¹ Elaine Showalter, *Anarquia sexual: sexo e cultura no fim de siècle*, p.36-38.

² Silvia Alexim Nunes. *A mulher, o masoquismo e a feminilidade*, p. 227-248. Sobre esse tema ler, também, Magali Engel, *Psiquiatria e feminilidade*.

³ Lucy Penna, *Corpo sofrido e mal-amado: as experiências da mulher com o próprio corpo*, p. 42.

libertam os instintos trazendo-os à flor da pele. Estas práticas, apesar de serem incentivadas, são sujeitas a diversas regras, com a intenção de serem evitadas transgressões além daquelas admitidas como “normais” ao organismo e ao comportamento femininos.

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os movimentos equivocados do corpo, os perigos das lesões, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, despertam suspeitas porque parecem abrandar certos limites que contornam uma imagem ideal de ser feminina.

Além disso, há que se considerar que o esporte contém um forte componente emocional ao mexer com sentimentos nem sempre passíveis de serem controlados. Sua dimensão aventureira, mobiliza paixões e energias tanto em quem pratica como em quem observa e assiste, despertando sensações e desejos. Pletora de emoções que deleitam e assustam, algumas vezes, desestabilizando o que haveria de estabilizar.

Esse caráter de imprevisibilidade inerente à prática esportiva permite interpretações distintas com relação à participação feminina, oscilando entre a proibição e o irrestrito apoio.

Na *Revista Educação Physica* oscilam interpretações mesmo que, em quase todos os artigos que tratam da Educação Física feminina, exista o incentivo à exercitação e a crítica à indolência. As divergências que apresentam, situam-se em questões bem específicas, como por exemplo, o grau de envolvimento que a mulher deve ter para com os esportes ou a quantidade de esforço ao qual pode submeter o seu corpo.

A transcrição que os editores da *Revista* fazem, em 1934, de um trecho do livro “Pedagogia Esportiva”, do Barão de Coubertin, publicado em Lousanne, no ano de 1922, demonstra a ambigüidade que, por vezes, parecem demonstrar em relação à prática esportiva feminina que, se por um lado, cresce em termos quantitativos, por outro atemoriza, porque ameaça invadir territórios tidos como próprios do domínio masculino.

COUBERTIN⁴ E OS ESPORTES FEMININOS

O problema dos esportes femininos complica-se com a paixão e expressões exageradas que nele põe a campanha feminista. Os dirigentes desta campanha pretendem simplesmente a anexação de tudo o que até agora era do domínio próprio do homem; d'ahi a tendencia da mulher querer mostrar-se capaz de egualar o homem em todas as actividades. É assim que no esporte as mulheres apellam para a força nervosa, afim de attingir os resultados obtidos pela força muscular de seus rivaes masculinos.

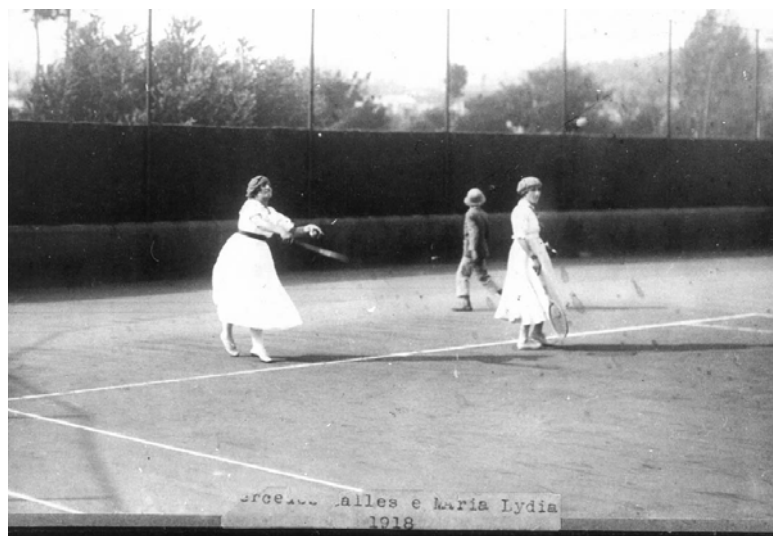
Quaes serão os inconvenientes ou perigos de um tal estado de coisas no dia em que afinal se generalisar? E a sua diffusão se processa, agora, com grande rapidez. Direi, com franqueza, todo o meu pensamento: nada de sério nem de durável se deve reear, desde que seja observada a regra única que domina toda a questão: nada de espectadores. O espectador esportivo tem sempre necessidade de ser moralmente vigiado. É preciso saber o que elle procura e porque vae ao campo dos esportes. Mas emquanto para os concursos masculinos a grande maioria comparece interessada de facto pela pratica esportiva, de modo que algumas ovelhas gafadas, perdidas na massa, podem ser desprezadas, o caso é bem diferente para os concursos femininos. Technicamente as jogadoras de futebol ou as pugilistas que se tentou exhibir aqui e alli não apresentam interesse algum; serão sempre imitações imperfeitas. Nada se aprende vendo-as agir; e assim os que se reuñem para vel-as obedecem preocupações de outra especie. E por isso trabalham para a corrupção do esporte, aliás, para o levantamento da moral geral.

Si os esportes femininos forem cuidadosamente expurgados do elemento espetaculo, não há razão alguma para condenal-os. Ver-se-á, então, o que delles resulta. Talvez as mulheres comprehenderão logo que esta tentativa não é proveitosa nem para seu encanto nem mesmo para sua saúde. De outro lado, entretanto, não deixa de ser interessante que a mulher possa tomar parte, em proporção bem grande, nos prazeres esportivos do seu marido e que a mãe possa dirigir intelligentemente a educação physica dos seus filhos.

Não se poderia esperar da intervenção de uma e de outra consequencias mais geraes, como, por exemplo, uma especie e estabilisação da moda que é necessaria para que os esportes se alimentem, mas cujos proprios excessos sempre provocam o risco de uma reacção?⁵

⁴ O Barão de Coubertin, aristocrata francês, é o grande responsável pela organização das Olimpíadas Modernas, que teve em Atenas, no ano de 1896, a sua primeira edição. A participação feminina nos Jogos Olímpicos só foi permitida a partir de 1900, na cidade de Paris, quando participaram 16 mulheres em apenas duas modalidades: golfe e tênis. Em Saint Louis (1904), foram 6 as participantes, todas no arco e flecha; Em Londres (1908) somaram o número de 36 a disputar o arco-e-flecha, a patinação e o tênis. Em Estocolmo (1912), dos 2548 atletas inscritos 57 eram mulheres. A natação feminina foi admitida nesses jogos, medida que causou reação de grupos conservadores que fizeram protestos públicos chamando as atletas de “mulheres sem moral”. Na Antuérpia (1920) foram 64 as participantes; em Paris (1924) 136 e em Amsterdã (1928) eram 290, representando pela primeira vez, o percentual de 10% em relação ao número de atletas homens. Sílvia Lancellotti, Olimpíadas 100 Anos: história completa dos jogos.

⁵ Revista Educação Physica n.º 21, agosto de 1938, p. 46



Mercedes Salles e Maria Lygia Campos
Clube Atlético Paulistano - 1918⁶



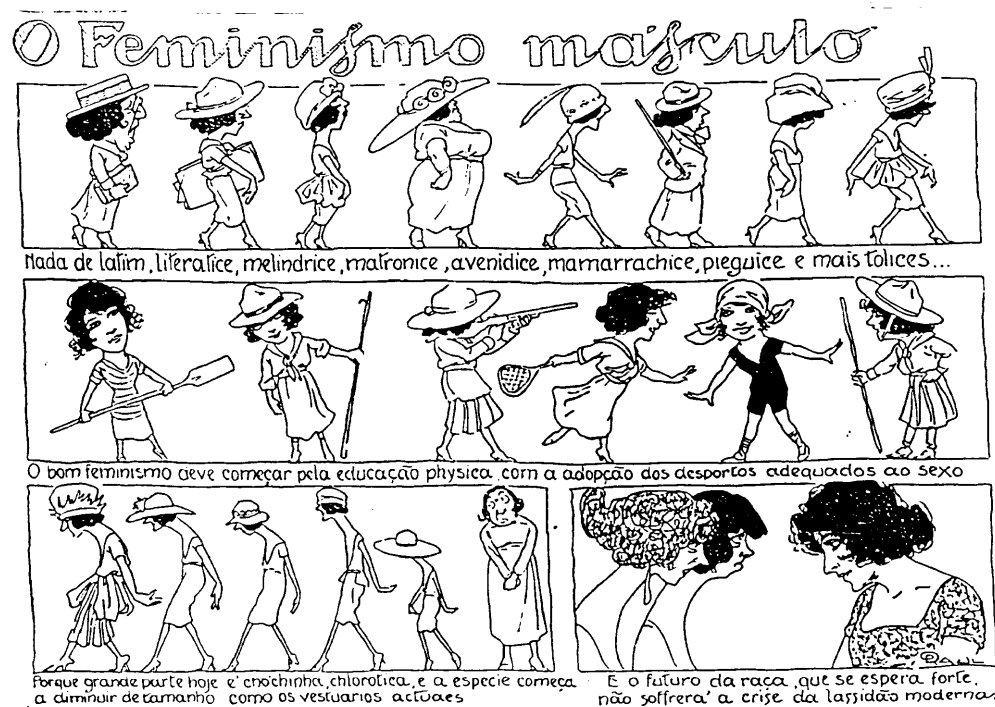
Esporte, piquenique e lazer: nos rios da cidade de São Paulo o prazer da paisagem, a beleza dos corpos e a festa das competições, rio Pinheiros, 1925⁷

Quando a *Revista* publica este artigo, a participação feminina no campo esportivo não era nenhuma novidade. Como também não era novidade a idéia de que fortalecer o organismo da mulher, poderia masculinizar, tanto a sua constituição

⁶ Partida de tênis. Acervo do Museu da Imagem e do Som - São Paulo.

⁷ Imagem publicada em: Nicolau Sevcenko, *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*.

física como os seus hábitos e atitudes. A charge “O feminismo másculo”, publicada no *Jornal do Brasil*⁸, em 1924, é um bom exemplo dessa percepção:

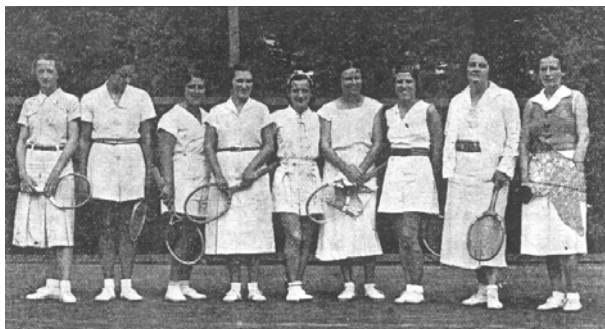


Uma questão bem específica está em jogo. Há que fortalecer, sim, a “nova mulher”, no entanto, velhos preceitos e juízos morais devem ser mantidos para que assegurem a continuidade tanto da família nuclear como da distinção de papéis sociais atribuídos, culturalmente, a homens e mulheres.

Nesse sentido, a presença da mulher no mundo do esporte representa, ao mesmo tempo, ameaça e complementaridade: ameaça porque chama para si a atenção de homens e mulheres, dentro de um universo construído e dominado por valores masculinos e porque põe em perigo algumas características tidas como constitutivas da sua feminilidade. Complementaridade porque parceira do homem em atitudes e hábitos sociais cujo exercício simboliza um modo moderno e civilizado de ser. Elegantes, homens e mulheres da elite desfilam, nos espaços públicos, seus aprendizados e talentos esportivos afirmando também a superioridade da sua classe.

⁸ Raul Pederneiras. *Scenas da vida carioca*, *Jornal do Brasil*, 1924.

Modalidades como o tênis e o hipismo, por exemplo, são anunciadoras de laços mais igualitários entre os sexos: o hipismo porque andar a cavalo é uma paixão antiga da oligarquia, tanto de homens como de mulheres e o tênis porque identificado com a elegância das elites européias e porque possível de ser jogado com graça e sem tirar da mulher seu encanto e sua feminilidade.⁹



Revista Educação Physica, n.º 25, dezembro 1938

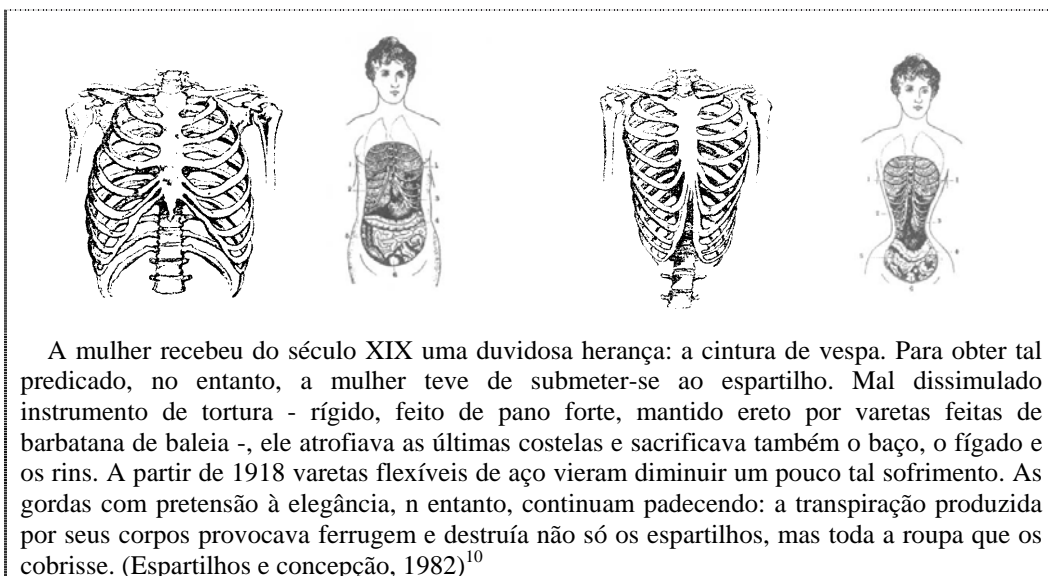


Revista Educação Physica, n.º 20, julho 1938

Sendo o esporte um fenômeno cultural em expansão e sendo a participação feminina algo inevitável, a imagem de feminilidade predominante na *Revista Educação Physica* contempla um corpo exercitado. Contempla e valoriza. Afinal, não faz esse corpo parte de um projeto coletivo de regeneração e fortalecimento da raça nacional? Não é, portanto, a fertilidade da mulher algo a ser preservado?

Chamando para si a responsabilidade de prevenir a mulher contra prováveis fatores a ameaçar sua feminilidade, ou melhor, sua capacidade reprodutiva, a *Revista* exaspera não só a prática de determinadas modalidades esportivas, consideradas violentas para o corpo da mulher, como também desaconselha o uso de artifícios estéticos para modelar o seu corpo, como, por exemplo, o espartilho. Este acessório, ao “modelar” o corpo feminino e corrigir assimetrias, decompõe sua forma e prejudica sua capacidade de reprodução. Razão pela qual, não mais parece fazer parte do tempo presente da *Revista Educação Physica* e sim de um passado longínquo e obsoleto.

⁹ Mônica Raisal Schpun, “Códigos sexuais e vida urbana em São Paulo: as práticas esportivas da oligarquia nos anos vinte”, p. 62-67.



Para a mulher feminina e mãe, a beleza é sinônimo de saúde e também de uma genitália adequada para cumprir suas funções reprodutivas. Razão pela qual, os ovários devem ser preservados de choques consecutivos, o útero deve estar bem conformado, a bacia alargada para facilitar o parto e a região pélvica bem desenvolvida, possibilitando abrigar uma vida em formação.

Recorrendo a argumentos científicos advindos das ciências biológicas, essas orientações, imprimem, no corpo da mulher, padrões de comportamento que acabam por encobrir uma dimensão que é ideológica e que naturaliza a vocação feminina para a procriação.

OS DESPORTOS FEMININOS, ASPECTO MÉDICO

Dr. Waldemar Areno

(...) Qualquer mulher sã de corpo e espírito, de figura morfológica indicada para este ou aquele desporto, com aptidões evidentes para esta ou aquela prova, pode sem dúvida, cultivar o desporto e competir.

Princípios gerais, no entretanto, merecem obediência fiel; as bases fundamentais da higiene do exercício físico não podem ser desprezadas e aqui, como em todo e qualquer trabalho físico, uma necessidade se faz sentir imperiosa - a adaptação dos exercícios. Adaptação dos exercícios, adaptação dos desportos a serem encarados e

¹⁰ Marina Maluf e Maria L. Mott, *Recônditos do mundo feminino*, p.390.

preliminarmente, seleção das diversas modalidades desportivas. A arquitetura mecânica da mulher e a natureza das finalidades a que se destina, implicam na escolha de desportos condizentes com as suas necessidades, desportos que despertem e aprimorem as qualidades exigidas, conduzindo suas cultivantes a uma evolução geral harmoniosa, visando em primeiro plano a beleza - qualidade apanágio da mulher - beleza firmada em uma saúde completa, integral e associada ao perfeito desenvolvimento das qualidades morais.

Ou ainda,

AS FÓRMAS FEMININAS E A EDUCAÇÃO FÍSICA **A moda social e a moda biológica**

W. BERARDINELLI

Professor de Endocrinologia na Faculdade de Ciências Médicas
Chefe de Clínica na Universidade

(...) A moda social é muitas vezes apenas uma consolidação da moda estatístico-biológica. A mulher moderna procura a tendência masculina, porque biologicamente, morfológicamente, psicologicamente ela está tomando essa orientação. Trabalhando como o homem, intoxicando-se como o homem (fumo, álcool), tendo emoções semelhantes às do homem, praticando o “birth-control”, a mulher atrofia as suas funções ovarianas, modifica o funcionamento de outras glândulas e toda a sua fisionomia diferencial sexual, tendendo a distinguir-se menos. (...)

Crispolti, analisando as bases fisiológicas da educação física na mulher, diz que, para avaliar qual deve ser a sua atividade esportiva, se deve ter em conta, além da constituição, a idade, a profissão, a robustez e também o fator sexual. O esporte violento é sempre pernicioso para a mulher, não só pelas alterações que pode produzir nas funções circulatória e renais, como também pelas perturbações estáticas que um esforço excessivo pode provocar na esfera genital. (...) Por outro lado, são preferíveis na mulher os exercícios que desenvolvem e modelam harmoniosamente a metade inferior, que favorecem sobretudo as naturais inflexões da região lombar e dos flancos, que exercitam os movimentos ritmicos da bacia e dos membros inferiores. Segundo Pende, para a educação desta região, que é a mais sexual e a mais feminina - nada melhor do que a dança, o mais natural de todos os exercícios esportivos, sobretudo os tipos de dança que combinam as vantagens dos movimentos lentos e ritmicos com a graça, cheia de pensamento.¹¹

O controle da natalidade, as técnicas contraceptivas, o uso de tóxicos, a prática esportiva desregrada, o trabalho fora do lar, a coeducação e os excessos do corpo são experiências que, algumas vezes, a *Revista Educação Physica* rejeita para as mulheres tidas como “normais”. Para tanto, parte do pressuposto que, se essas

¹¹ Revista Educação Physica n.º 28, março/abril de 1939, p. 14-15.

experiências são contrárias à natureza feminina é porque à masculina que se aproximam, o que significa, para alguns de seus autores e autoras afirmar que tais experiências masculinizam a mulher.

A masculinização feminina é relacionada, também, às conquistas e às reivindicações advindas do movimento feminista, como por exemplo, a liberdade de ir e vir, de escolher o marido ou o não casamento, de exercer uma profissão, de votar, de competir em iguais condições com os homens no mercado de trabalho, etc. Atitudes estas que representam transgressões ao conservadorismo pois rompem com algumas ações designadas como próprias do seu sexo e que, quando ultrapassadas, além de censuradas passam a ser vistas como próprias dos homens.

E por isso são criticadas. Observemos esses fragmentos de textos:

COEDUCAÇÃO CÍVICA

Nunca fomos entusiastas da coeducação de nossa juventude. Aceitavamo-la como uma contingência da civilização hodierna, mas gostaríamos de, se para tal nos assistisse qualquer influência, impor-lhes algumas restrições. (...) Essas restrições nos vinham do fato de parecer errôneo e prejudicial educar-se a mulher da mesma forma que se educa o homem, processo esse que criminávamos como responsável pela tendência de masculinização que vem caracterizando a mulher de nossos dias. Com efeito, a mulher na fase mais plástica de sua vida, como sóe acontecer na infância à puberdade, era submetida ao mesmo sistema de educação do homem, inspirando-se nas mesmas aspirações, empolgando-se com os mesmos ideais de vida, sujeita aos mesmos regimes e aos mesmos processos, sem a compensação corretiva de qualquer outra atividade intelectual que a reajustasse ao seu sexo e a identificasse com o lar. A mulher, assim educada, tinha de se abandonar ao masculinismo, que os mais exaltados na pregação ardorosa de uma nova doutrina chamam de “feminismo”. Convenhamos - uma denominação bem paradoxal para tal doutrina...

(...)Deixemos de lado essas inovações, dediquemos nosso esforço a cousas mais uteis e inteligentes (...)¹²

AS BOAS MANEIRAS

No lar e na sociedade, na escola e no trabalho, nas ruas e nos cafés, em qualquer reunião que em suma, vai rareando, num ritmo acelerado e desolador, o belo hábito das boas maneiras. Homens e mulheres, velhos e crianças vão esquecendo as regras de boa civilidade, a beleza das atitudes elegantes e dos gestos delicados, a nobreza da linguagem elevada e da compostura dignificante, todo aquele acervo de boas maneiras, de educação bem dirigida que formava o mais lindo apanágio das gerações que se foram. (...) . Mas de quem é a culpa? De todos nós. Não há dúvida que o esporte tem também a sua parte na culpa pela errônea concepção educativa que o caracteriza -

¹² Revista Educação Física n.º 68, setembro de 1942, p. 11.

julga-se que ser forte é ser grosseiro e ter atitudes desabridas. Outro responsável - o falso conceito de feminismo - a mulher procura imitar o homem, virilizando-se, masculinizando-se. E coroando tudo isso, a falta de bons exemplos, a ausência de boa educação. Precisamos rever os nossos princípios educativos, folhearmos os compêndios de civilidade, voltarmos às boas maneiras de outrora, dignificarmos o convívio social. Façamos da boa linguagem, das atitudes bem compostas e dos gestos delicados o apanágio da nossa conduta social. Honremo-nos como entes civilizados, não nos confundamos, tornemos a sociedade melhor pelos hábitos das boas maneiras. L.¹³

Assustados com o possível abandono do lar, alguns autores da *Revista Educação Physica* continuam a insistir que, para a mulher, o espaço doméstico é aquele que merece ser preservado. Razão pela qual, trabalho feminino, quando inevitável, deve ser compatível com a sua carreira de “dona de casa”, ou seja, com as tarefas do lar e da educação dos filhos que sempre são e devem ser desejados.

Que lar se pode ter, que família educar, quando se acha ausente a mãe durante parte do dia?¹⁴

Para a mulher a dignidade da profissão compatível com a natureza de sua missão



¹³ Revista Educação Physica n.º 68, setembro de 1942, p. 16.

¹⁴ Revista Educação Physica n.º 45, agosto de 1940, p.14.

Com relação a esse tema, chama a atenção a publicação de um texto onde, a princípio, o autor parece distanciar-se da visão generalizada que vê na maternidade o destino de toda a mulher. Lucien Dehoux, Doutor em Educação Física e professor encarregado pelos cursos de Educação Física da Universidade de Liége, faz as seguintes considerações:

(...) desde o começo do século, a mulher aspira a uma emancipação rápida e completa. Os acontecimentos, de outra parte, parecem ser-lhes favoráveis e ajudá-la na luta pela realização do seu novo ideal.

A indústria, a guerra, o esporte, a liberdade do pensamento, fazem com que a mulher penetre mais e mais na vida ativa onde frequentemente compete com o homem. Esta não só se libertou do colete, que comprometia o desenvolvimento de órgãos essenciais, como também se libertou de certos preconceitos. Tomou liberdades que assustam, sem razões sérias às suas avós.

Em alguns anos progrediu rapidamente na via da sua emancipação social. Tanto ocupa lugares importantes na indústria, nas finanças, no comércio, na política como desempenha também papéis mais modestos que requerem iniciativa e sangue-frio, tal o de chofêr de táxi ou de auto-ônibus e ainda de aviadora.

Sua ambição é igualar tanto o vigor físico como o poder intelectual do homem.

Está realmente bem fundada esta esperança ou é apenas uma vã ilusão?

(...) Em nossos dias, a mulher é frequentemente a companheira a quem se encarrega de um sem número de misteres do lar. Escravidão doirada e livremente consentida, quase sempre por amor, a miude por incapacidade de fazer algo melhor. Muitas mulheres no povo, ficaram como animais de trabalho, enquanto na burguesia costuma-se fazer delas animais de luxo.

Na antiguidade, a precocidade e a frequência da maternidade, a falta de cuidados racionais depois do parto, foram as principais causas da degeneração física e intelectual da mulher. O homem foi interessado no debilitamento de sua companheira, e talvez inconscientemente intensificou a especialização desta. Ainda em nossa época, a burguesia explora-lhe os sentimentos maternais para relegá-la ao lar, enquanto êle conserva seus músculos por meio dos esportes, sua inteligência por meio do jôgo de cartas e de xadrez, sua habilidade com o jôgo de bilhar. (...) Toda a vez que o homem sentiu que a mulher podia tornar-se uma concorrente no domínio econômico, empurrou-a para o lar.¹⁵

Recorrendo a argumentos científicos fundamentados na evolução da espécies humana e animal, Lucien chega a conclusão que a prática da educação física deve evoluir em função da emancipação social da mulher. Para tanto, propõe um trabalho especializado que altere a sua morfologia, em especial, da sua estrutura óssea, destacando a região da pélvis como aquela que necessita maior atenção. Para o autor,

¹⁵ Revista Educação Physica n.º 26, janeiro de 1939, p.42-44.

uma pélvis alargada pelo exercício físico coloca a mulher, morfologicamente, próxima do homem, cujo corpo foi desde cedo trabalhado pela ginástica.

Sem entrar nos detalhes do seu programa ginástico merece atenção as suas conclusões, sobretudo, o que identifica como sendo uma possibilidade de emancipação social feminina. Prossegue o autor:

Conclusão - mais resistente que o homem sob vários pontos de vista, mas sem igualá-lo nunca fisicamente, especialmente nos exercícios de força e velocidade - isto em virtude de seu papel social: a maternidade - a mulher pode, sem embargo, melhorar consideravelmente seus meios físicos, e evitar deformações de nenhum modo indispensáveis á procriação.

Duas razões me levam a pensar que a mulher pode chegar a ser fisicamente mais vigorosa do que geralmente é e pode desenvolver as qualidades morais que se expandam com a confiança nos meios de ação.

1º) O vigor de que foi dotada num princípio;

2º) A força que adquire rapidamente por uma educação física baseada não sobre princípios convencionais ou de ordem sentimental, mas sobre a observação e raciocínio, tomando como base as reações da menina, da moça, da mulher, cujos exercícios são escalados em progressão biológica.

A destreza, a audácia, o sangue-frio, a decisão, o gosto pela ação, todas as grandes qualidades morais que cada qual possui até certo grau e cujo potencial varia em cada pessoa, expandem-se e vigorizam-se no exercício físico ministrado pelo professor, ou então ainda com o contacto de outros indivíduos que praticam estas virtudes.

(...) Embora devam evitar-se toda a competição esportiva para a mulher, é preciso, fóra do período de gestação, relacionar a educação física daquela com os obstáculos que hão de se encontrar fatalmente em seu caminho.

É preciso que sua educação física evolua em virtude da sua emancipação social, estas qualidades físicas, estéticas e morais que lhe oferecemos, leva-la-ão á expansão a que tem direito.

O lar e a sociedade não podem senão beneficiar-se com isto.¹⁶

Dentro dos padrões idealizados para um e outro sexo, o trabalho feminino, apesar de algumas vezes ser incentivado não representa possibilidade de emancipação individual e social das mulheres. Nem mesmo a desobriga das rotineiras atividades que realiza no espaço íntimo do lar e da família. Quando apresentado dentro dessa perspectiva, o termo “feminismo”, antes de representar o movimento de luta de determinados grupos de mulheres que procuram exercer seus direitos de cidadãs, refere-se tão somente à reafirmação daquelas características que

¹⁶ Ibid, p. 70-71.

prendem as mulheres aos domínios de sua natureza e que consolidam uma representação tradicional de femininidade.

As palavras de Theodor Adorno ajudam a pensar sobre o significado dessa representação:

O caráter feminino e o ideal de femininidade segundo o qual é modelado são produtos da sociedade masculina. A imagem da natureza não deformada emerge apenas com a deformação como o seu contrário. Quando pretende ser humana, a sociedade masculina cultiva de maneira soberana nas mulheres seu próprio corretivo, mostrando-se na ação de limitar como um senhor implacável. O caráter feminino é como uma cópia calcada no positivo da dominação, e é por isso tão mau quanto esta última. Aliás, tudo o que a palavra natureza designa no contexto da cegueira burguesa não passa de uma chaga da mutilação social. Se é correto o teorema psicanalítico de que as mulheres experimentam sua constituição física como a consequência de uma castração, então em sua neurose elas pressentem a verdade. A mulher que se sente como uma ferida, quando sangra, sabe mais a seu próprio respeito do que aquela que se imagina como uma flor porque isso convém ao seu marido. A mentira não consiste somente no fato de que a natureza seja afirmada onde ela é tolerada e implantada, mas o que na civilização passa por natureza e é por sua própria substância o mais afastado de toda natureza, a transformação pura e simples de si mesmo em objeto. Essa espécie de femininidade que apela ao instinto é sempre aquilo mesmo que a cada mulher, com toda a violência - violência masculina -, tem que se constringer a ser: as fêmeas são os homenzinhos. Basta ter notado, movidas pelo ciúme, como essas mulheres femininas dispõem de sua femininidade, como a utilizam quando preciso, como fazem cintilar os olhos, como sabem servir-se de seu temperamento, para saber que isso tem algo a ver com o inconsciente tão bem guardado, intocado pelo intelecto. Sua pureza intacta é justamente uma obra do Eu, da censura, do intelecto, e é por isso que ela se encaixa de maneira tão pouco conflituosa no princípio da realidade da ordem racional. Sem exceção, as naturezas femininas se conformam. Que a insistência de Nietzsche tenha estancado diante delas, adotado sem exame prévio e sem experiência a imagem da natureza feminina criada pela civilização cristã - da qual desconfiava de um modo tão fundamental - acabou, apesar de tudo, por submeter seu esforço intelectual à sociedade burguesa. Ele sucumbiu à vertigem de dizer “a fêmea”, ao falar das mulheres. Daí o conselho pérfido para não esquecer o açoite: a própria fêmea já é o efeito do açoite. Libertação da natureza seria abolir sua autopoção. A glorificação do caráter feminino implica a humilhação de todas aquelas que o possuem.¹⁷

¹⁷ Theodor Adorno - Minima Moralia, p. 83.

Na *Revista Educação Physica*, masculino e feminino constelam hábitos, atitudes e formas de ser pouco maleáveis e que poucas interseções permitem entre si. Geralmente polarizadas por um olhar dicotômico, masculinidade e feminilidade, além de opostas são vistas como divergentes, pois para cada lado dessa construção, são conferidos atributos e qualidades que exprimem mais diferenças do que similitudes e complementaridade: homem/mulher, masculino/feminino, vício/virtude, potência/fragilidade, virilidade/fecundidade, produção/reprodução, atividade/passividade, superioridade/ inferioridade, público/privado, cultura/natureza.



O “SENHOR MUSCULOS” JUNTO DA “SENHORA FORMOSURA” Charles Atlas, possuidor de 5 títulos de “O homem mais bem desenvolvido d o mundo” e Dorothy Wilson, de 55 quilos de pêso, que ganhou o título de “Modêlo mais perfeito” num grande concurso em Nova York. *Revista Educação Physica*, nº 70, novembro de 1942

Presos à identidade do sexo, os termos masculino e feminino, afirmam um mundo de homens e um mundo de mulheres que, apesar de coexistirem, pouco diálogo estabelecem entre si e cujos traços característicos são nítidos e facilmente apreendidos: se a beleza é apanágio da mulher, a virilidade é do homem. Se ao mundo masculino pertence os esportes ativos e violentos, como o futebol e o boxe, é ao feminino que a dança e a ginástica se impõem. Códigos de sociabilidade

delimitados pelas características sexuais que a natureza, “senhora de todas as coisas”, atribuiu a homens e mulheres.

Dessa percepção resulta que:

O dever ser das mulheres brasileiras nas três primeiras décadas do século foi, assim, traçado por um preciso e vigoroso discurso ideológico, que reunia conservadores e diferentes matizes de reformistas e que acabou por desumanizá-las como sujeitos históricos, ao mesmo tempo que cristalizava determinados tipos de comportamento convertendo-os em rígidos papéis sociais. A mulher que é, em tudo, o contrário do homem, foi o bordão que sintetizou o pensamento de uma época intranquã e por isso ágil na construção e difusão das representações do comportamento feminino ideal, que limitaram seu horizonte “ao recôndito do lar” e reduziram ao máximo suas atividades e aspirações, até encaixá-la no papel de “rainha do lar”, sustentada pelo tripé “mãe-esposa-dona de casa”.¹⁸

A *Revista Educação Physica*, não encerra a mulher no mundo doméstico, ainda que mostre que esse lhe pertença. Ao divulgar as atividades físicas e entendê-las como inerentes ao seu desenvolvimento, individual e social, elenca diferentes espaços urbanos como também pertencentes ao seu cotidiano: as praças e parques, os clubes esportivos, as piscinas, as praias, as ruas, os ginásios e estádios. Não sem estabelecer padrões de ser, de se relacionar, de mover, de vestir, entre outros; padrões esses normatizados e tomados como modelos a partir dos quais se julgam os normais e os desviantes.

Se, por um lado, confere movimento aos padrões hegemonicamente aceitos como próprios do universo masculino e do feminino, por outro, os estabiliza porque muitas são as explicações que tomam a distinção biológica como demarcadora das diferenciações sociais. Ainda assim, não unifica papéis, funções e competências, inclusive porque,

Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos e femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são

¹⁸ Marina Maluf e Maria L. Mott, *Recônditos do mundo feminino*, p.373.

sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transformando-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe...¹⁹

Para a *Revista Educação Physica*, o que é feminilidade?

Para pensar essa representação, recorro a um texto particularmente interessante que discute esse tema a partir da figura de uma atleta considerada excepcional para a sua época. A norte-americana, filha de noruegueses, Babe Didkrison²⁰:

Questiona a *Revista*:

QUE É FEMINILIDADE?

Por GRACE SOTHCOTE LEAKE

Tradução da “Physical Culture” Julho de 1933

(...) Qual a razão porque fragilidade, langôr e cutis de camélia devem ser sinônimos de “feminilidade”? E porque saúde, energia, força, vivacidade e perfeição física não podem ser também característica do encanto feminino? A razão é que, como já dissemos, ainda não estamos completamente emancipados do século XIX, que nos transmitiu a curiosa idéia de que o homem é forte e que a mulher deve ser frágil.

As mulheres modernas, geralmente tão analíticas acêrca das tradições e convenções, aceitaram essa herança passivamente, sem refutá-la. Si meditassem apenas um pouco e examinassem-na ao “microscópio” descobririam algo de interessante para si próprias.

Em primeiro lugar, encontrariam as “Tabélas da Vida” compiladas pelos nossos eminentes estatísticos e achariam que a mulher “não é débil”; que, ao contrário, “no mundo superior, ela vive em média três anos mais do que o homem!”. Em segundo lugar, ficariam sabendo que das muitas mulheres que ocupam brilhantíssima posição na eminência de suas singularidades, algumas da mais encantadora feminilidade não foram absolutamente do tipo móle e frouxo da beleza languida - “mas atlétas!” (...) Mas talvez perguntareis si é um exemplo de feminilidade também a mulher que no

¹⁹ Guacira Lopes Louro, *Gênero, Sexualidade e educação; uma perspectiva pós-estruturalista*, p. 28.

²⁰ Uma das mais notáveis atletas do século, Babe, com apenas 18 anos, venceu duas provas nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, 80 metros com barreiras e arremesso de dardo, e só foi prata no salto em altura porque seu melhor salto foi anulado incorretamente. Seus recordes só seriam batidos 24 anos depois. Antes da Olimpíada, tinha sido eleita a melhor jogadora de basquete dos Estados Unidos. Anos depois ela jogaria beisebol e se tornaria a principal jogadora da Liga Profissional Americana. Mas o grande sucesso viria mesmo no golfe. Foi campeã amadora norte-americana em 1946; no profissional, foi campeã dos EUA em 1948, 1950 e 1954, este último título conquistado quando ela já combatia o câncer. Babe morreu em 1956, aos 45 anos. A história das olimpíadas, n.º 4, p. 3.

momento presente ocupa a brilhante primasia no atletismo. - Mildred Babe Didkrison, a campeã mais sensacional na história das pistas, será também um exemplo de feminilidade? - Sim; e porque não? Si vos emancipardes da vetusta tradição, demasiado encanecida e examinardes que a jovem sadia é sempre uma rapariga melhor do que um espécime doentio, si observardes que o frágil, o franzino, o frouxo, o flácido tem menos encantos do que o forte e robusto - então admitireis facilmente que a senhorita Didkrison é um belo exemplo de juventude mulheril e um modelo vantajoso para todas as mulheres.

Quando uma moça atleta fulgura no horizonte, há sempre implicâncias como estas: É um virago! Deve ser mais máscula do que feminil, para conseguir os feitos que pratica! E outras quejandas...²¹

A pouca tensão que a *Revista Educação Physica* confere às representações de feminilidade presentifica-se, também, nas ausências e nos silêncios, de palavras e de imagens, que afirmam formas de viver e compreender o ser mulher adversas daquelas convencionalmente aceitas como naturais.

Não creio que seja um detalhe ou mero esquecimento a supressão que os seus editores fazem de parte do texto acima reproduzido. Na sua versão original, traduzida e publicada em 1933, na *Revista de Educação Física do Exército*²², além daquele fragmento de texto há, ainda, uma minuciosa descrição da carreira atlética de Babe Didrikson e também a reprodução de três fotos suas. No entanto, é a inexistência da conclusão do artigo que chama a atenção pois é nessa parte do texto que a autora mais questiona o olhar estereotipado a partir do qual Babe é colocada em suspeição sobre o fato de ser ou não feminina, ou ainda, mulher:

(...) Mildred tem sido acoimada de “**masculinizada**” enquanto as outras se consideram feminis, e vão conservando a sua ridícula fragilidade. Mas neste aleive, imprescindível se torna um entendimento;

As qualidades que constituem os estados peculiares que nós chamamos “masculinidade” ou “virilidade” e “feminidade” ou “feminilidade” dependem exclusivamente do interior. São resultado de funções das glandulas em estado hígido. A saúde robusta obtida com recursos da “Cultura Física” que chamamos Atletismo, reáge no organismo sob a influencia invariável e infalível da ação glandular.

Em correlação, vai isto também com o estado de “energia”. Os homens mais viris são os de talhe esbelto, porém, fortes quanto à musculatura, e não pode haver vigor muscular sem potência organica, energia nervosa e glandulas normais. E si a atividade conduz o homem á virilidade, deve, portanto conduzir a mulher á feminidade, pois que das glandulas diferenciais dos sexos

²¹ Revista Educação Physica n.º 71, dezembro de 1942, p. 42-43.

²² A Revista de Educação Física, órgão oficial de divulgação da Escola de Educação Física do Exército é publicada no Rio de Janeiro desde outubro de 1932.

depende o aspecto exterior do indivíduo, como delas dependem igualmente o timbre da voz, as diversas atitudes e inclinações. Não deixeis que vos enganem as superstições antiquadas e tradições passadistas. Nem sempre se póde dizer que a rapariga sadia, robusta seja “melhor” do que a moça doente e franzina, como não se póde afirmar que uma figurinha delicada e languida seja menor ou mais feminina que áquela de compleição atlética.

Agora é ocasião oportuna para as mulheres renegarem esta derradeira convenção, demais envelhecidas dos tempos da Rainha Vitória, si quizerem, no limiar de grandes conquistas conservar duradouro o “**seu dia do sol**”. É tempo de revisitarem suas idéias referentes á questão da feminidade.

Por qual razão não póde ser a jovem donzela robusta, incomparável na luta, com a felicidade de todas as vantagens outras que lhe advêm da saúde? Por qual razão a “**mulher atleta**”, das quais Mildred Didrikson é, hoje em dia, o mais eminente exemplo, não deve ser o padrão, o modelo, a inspiração de todas as nossas moças?



Esta mulher é melhor ou algum tanto inferior, porque tem vigôr. Deve a sua fôrça ser limitada para que se possa parecer feminino? Feminidade significa fraqueza ou - o que ainda é mais combatível - fraqueza quer dizer feminidade? Estamos pensando em feminidade, baseado sem amostras falsas? Este artigo propõe algumas téses muito interessantes em relação aos padrões que nós consideramos como sendo tipos de feminidade.²³

De fato, a *Revista Educação Physica* diz também pelo que não é dito e pelo que não é mostrado. Além de suprimir essa parte do texto original não há, também, em nenhum dos seus 88 números uma única foto de Babe Didrikson, considerada por muitos, a atleta feminina do século. Essa ausência parece assegurar que a aparência desta mulher, talvez, prejudique um suposto ideal de feminilidade representando, assim, uma espécie de anti-modelo.

O termo “masculinização”, regularmente citado na *Revista* quando o assunto se refere a imagens de feminilidade, é apresentado ao leitor e à leitora sugerindo não apenas alterações no comportamento e na conduta das mulheres mas na sua aparência: julga-se o quão feminina é uma mulher também pela exterioridade do seu corpo.

Essa não é uma discussão presente apenas na *Revista Educação Physica*: as modificações que ocorrem no corpo e também no comportamento das mulheres em função da prática de atividades físicas, quando diferenciam-se dos padrões culturalmente aceitos como normais, parecem ameaçar não apenas a superioridade masculina no campo destas práticas mas as representações de ser homem e ser mulher. Para movimentar essa idéia recorro à dois textos que analisam a sociedade e a cultura paulistana dos anos vinte. Ambos, apesar de não trabalharem especificamente com o tema das práticas corporais e esportivas, ao mencioná-las, abordam a questão do temor à masculinização da mulher que participa ativamente do universo da cultura física.

Nicolau Sevcenko ao identificar a influência do esporte na construção de um sentido de coletividade fornece alguns exemplos de como as modificações no modo de vestir feminino causaram impacto neste tempo onde o esporte torna-se moda e a moda adquire contornos esportivos. Escreve:

O grande espanto e o escândalo galopante, porém, iria ocorrer, como se podia esperar, com a mudança dos hábitos e trajes femininos. Num mundo até então polarizado quase exclusivamente em torno da figura masculina, as moças aderiam, com frenético entusiasmo aos hábitos modernos e desportivos, deliciadas com os ares de independência e voluntariedade que eles conotavam, desencadeando assim uma comoção que atravessou a década. Os tecidos leves, transparentes e colantes; a renúncia aos adereços, enchimentos, agregados de roupas brancas, perucas, armações e anquinhas; o rosto ao natural, a cabeça descoberta e os cabelos cortados extremamente curtos, quase raspados na nuca davam às meninas uma intolerável feição masculina, agressiva, aventureira, selvagem.²⁴

²³ Revista de Educação Física do Exército, n.º 10, agosto de 1933, p. 33.

²⁴ Nicolau Sevcenko, Orfeu extático na metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20, p. 49-50.

Já Mônica Raisa Schpun, no seu livro “Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20”, refere-se a esse tema trazendo como exemplo alguns comentários publicados no jornal Sports sobre a francesa Suzanne Lenglen (1899-1938), jogadora de tênis considerada, na época, como a melhor atleta do mundo nesta modalidade esportiva. Por ser uma atleta excepcional, algumas opiniões publicadas não se eximiam de sugerir, por exemplo, que ela não deveria disputar uma partida com homens por poder derrotá-los e assim infringir as leis da natureza ou, ainda, que suas atitudes ao jogar eram másculas. Vejamos:

O embaraço faz-se então presente logo que as mulheres tomam gosto pelo esporte e mostram-se fortes demais. Agindo desse modo, elas minam o fundamento mesmo dos discursos sobre as diferenças naturais entre os sexos, nos quais sua fragilidade e sua “graça” determinam suas capacidades, seus talentos e suas inclinações. Nessa lógica, firmemente construída, defendida e difundida, o exemplo de alguém como Suzanne Lenglen é obrigatoriamente perturbador.²⁵

O aumento excessivo de determinadas massas musculares das mulheres atletas ou praticantes de esportes, por exemplo, é censurado porque destituído de graça e harmonia. Ao corpo feminino excessivamente transformado pelo exercício físico e pelo treinamento contínuo são atribuídas características viris que não apenas questionam a beleza e a feminilidade da mulher mas também colocam em dúvida a autenticidade do seu sexo. Afinal, o homem - seu corpo e seu comportamento - é o modelo a partir do qual o corpo e o comportamento da mulher são julgados, estigmatizando aquelas que ultrapassam os limites que convencionalmente lhe foram impostos. Olhada assim, se uma mulher não parece ser uma mulher é porque é um homem. Ou ainda, um homem pela metade.²⁶

²⁵ Mônica Raisa Schpun, *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*, p. 66.

²⁶ O tema da masculinização da mulher atleta é ainda recorrente na atualidade. Um exemplo recente foi o teste ao qual foi submetida a atleta brasileira de Judô Edinanci da Silva durante

Quando a identidade sexual de determinadas mulheres atletas é colocada em dúvida, tomando como base suas características biológico-genitais, há uma depreciação não apenas da aparência corporal da mulher como também da sua própria sexualidade. Isto é, do modo como vivencia seus desejos, seus amores e seus prazeres. A sexualidade é fixada a partir de um modelo tradicional de feminilidade, tornando-se algo impossível de ser transformado. Como se a sexualidade, de fato, fosse um substantivo exclusivamente singular.

Nenhuma identidade sexual - mesmo a mais normativa - é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada.²⁷

É, portanto, uma experiência pessoal e histórica ao mesmo tempo, que coloca cada indivíduo diante da tensão entre a generalização e a especificidade; entre as práticas sexuais existentes e aceitas e aquelas consideradas indesejáveis. Noutras palavras, a sexualidade é marcada pela interação de múltiplas tradições e práticas sociais, morais, religiosas, econômicas, médicas e jurídicas que variam consoante cada época e cultura. Adquire, portanto, significados diferenciados tanto no que diz respeito à legitimidade de uma ou outra conduta sexual como ao próprio sentido do que é ou não considerado erótico. Esses significados estabelecem representações dominantes de sexualidade através das quais a prática sexual de cada pessoa será recompensada ou castigada conforme delas se aproxima ou afasta.

Quando a *Revista Educação Physica* relaciona a aparência do corpo da mulher, à sua suposta masculinização, dissimula um preconceito que advém da

os Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, para comprovar sua feminilidade biológica, visto que sua aparência deixava dúvidas sobre o fato de ser uma mulher. Silvio Lancellotti, *Olimpíada 100 anos: história completa dos Jogos*, p. 716.

²⁷ Deborah Britzman, citada por Guacira Lopes Louro, op. cit., p. 27.

desigualdade que atribui aos diferentes sexos no que tange à sua participação na prática esportiva. Afirmação essa que pode ser identificada quando explicita o receio de que a mulher atleta se torne uma virago, uma brutamontes ou uma mulher-homem. E, também, embora muito implicitamente, a condenação e reprovação de uma suposta vivência homossexual, censurando, portanto, o exercício de suas fantasias, a forma como sente seu corpo e o sentido que atribui à orientação do seu desejo sexual.

Apoiando-se na heterossexualidade e na maternidade como norma, faz da identidade sexual da mulher algo fixo, impenetrável, que traz em si formas rígidas de ser e de vivenciar suas experiências sexuais, associando a sexualidade à reprodução. Esse modelo, ao ser assumido como dominante, não só restringe suas opções quanto ao exercício pleno e maduro da sua sexualidade como também a naturaliza, visto que a aprisiona aos aspectos biológicos do corpo.

A normatização da sexualidade feminina, de certa forma, relaciona-se com o temor através do qual se observa a construção da “nova mulher”. Esta, ao procurar oportunidades para seu desenvolvimento pessoal fora do casamento, pode provocar um desgoverno social e sexual e, assim, desestabilizar o que se aceita como derivado da natureza humana. Hostilidade e medo fazem com que a medicina e a ciência disseminem advertências esclarecendo que ambições deste porte poderiam resultar em doenças, comportamento aberrante, esterilidade e degeneração racial.²⁸

Sigamos Nanci Scott:

A ideologia oitocentista da influência moral das mulheres e das glórias da maternidade, ao encobrir o erotismo feminino, tinha feito com que as intimidades entre as mulheres parecessem inocentes. Mas o mesmo interesse que havia levado médicos, reformadores da sexualidade e moralistas a combater as reticências vitorianas em relação ao sexo colocou novos rótulos de “normalidade” e “anormalidade” no espectro do comportamento humano, do heterossexual ao homossexual. Não apenas médicos e cientistas sociais mas também todos os meios de comunicação social populares - que se imiscuíam na psicologia - nos anos 20 e 30 conjugaram a atenção dada à natureza erótica das

²⁸ Elaine Showalter, *Anarquia sexual: sexo e cultura no fin de siècle*, p. 61-63.

mulheres com um novo reconhecimento e incriminação da homossexualidade feminina.

O espectro das mulheres independentes, satisfeitas com as outras e pelas outras, perpassa muitos trabalhos no contexto das ciências sociais. Uma certa ansiedade cultural quanto à possibilidade de as mulheres fugirem ao controlo dos homens ganhou credibilidade a partir das proezas dignas de notícia de mulheres sós, nas artes, no espetáculo, no desporto e em actividades profissionais - bem como em organizações cívicas e sufragistas. Dado que se admitia agora que as pulsões eróticas são tão importantes para a natureza feminina como para a masculina - e valorizadas independentemente da reprodução, - as relações entre mulheres pareciam competir com as ligações heterossexuais e eram suspeitas assim de ser uma ameaça à ordem sexual e social vigentes.²⁹

Virtuosas ou profanas, as mulheres são julgadas conforme sua adequação ou não ao modelo de conduta sexual que torna a maternidade e a heterossexualidade obrigatória. Negando o desejo feminino e restringindo a diversificação e quantidade de experiências sexuais, este modelo culturalmente construído, imprime na sexualidade feminina uma tensão entre o perigo e o prazer pois, ao mesmo tempo que não se traduz em uma experiência restrita à subordinação ao poder masculino, não é também uma experiência de completa satisfação. Afinal, ao incorporarem uma representação que vê a sexualidade como algo singular, incorporam o medo de viver os próprios desejos, de perder os limites do corpo e de acreditar que suas fantasias são inadequadas. Enfim, de vivenciar com plenitude experiências sexuais que podem ser muito ricas e libertadoras.

Se o erotismo da mulher e a plena exercitação da sua sexualidade representam uma ameaça à constituição da família, o trabalho corporal feminino simboliza, além desta ameaça, uma intimidação à supremacia do homem nas competições atléticas, domínio este que parece ser inato ao seu sexo.

²⁹ Nanci F. Cott, *A mulher moderna. O estilo americano dos anos vinte*, p.101-102.

Representativa dessa idéia é a notificação que a Folha da Manhã faz, em 1935, sobre uma conquista esportiva da nadadora paulista Maria Lenk:³⁰

GRAÇAS A UM PREPRARO PHYSICO GERAL BEM DIRIGIDO

A nadadora Maria Lenk tem progredido espantosamente, ameaçando mesmo os resultados masculinos

E' indiscutivel que a natação está tomando grande incremento no Brasil, principalmente em São Paulo, onde é dirigida pela Federação Paulista de Natação e no Rio por intermédio da Liga de Esportes da Marinha, que ainda domingo ultimo proporcionou ao nosso publico uma optima demonstração do grau de adiantamento em que nos achamos no terreno da natação.

O que é mais digno de menção é que os esportes entre o sexo feminino estão avançando cada vez mais, sendo já as representantes do bello sexo portadoras de recordes e tempos que fazem inveja a muitos homens.

Como exemplo de uma jovem esportista de grande renome, podemos citar a grande nadadora Maria Lenk, que vae paulatinamente assombrando a todos devido aos optimos resultados que tem obtido nas ultimas competições. Ainda domingo, por ocasião das provas que foram disputadas com os nadadores da Liga de Esportes da Marinha, Maria Lenk conseguiu estabelecer dois recordes sul-americanos.

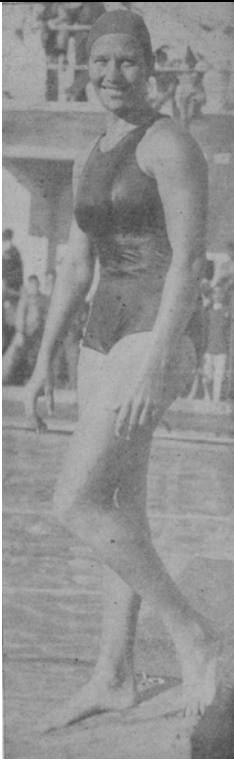
A reportagem das 'Folhas' ouviu ante-ontem a palavra da grande campeã sul-americana de natação, que assim explicou a razão do melhoramento que vem conseguindo incessantemente:

- Estou bastante satisfeita com os resultados technicos que venho obtendo nestes ultimos tempos. O que fiz domingo não representou para mim o maximo das minhas conquistas porque almejo elevar ainda mais alto o nome esportivo de São Paulo no que se refere á educação physica. Além disto, senti perfeitamente que não cheguei ao ultimo grau das minhas possibilidades.

Tenho quasi certeza que ainda melhorarei muitos recordes femininos paulista e talvez brasileiros.³¹

O talento de Maria Lenk é reconhecido, também, pela *Revista Educação Physica*:

³⁰ Maria Lenk foi primeira atleta sul-americana a participar de uma Olimpíada (Los Angeles em 1932) Recordista mundial de nado peito, várias vezes campeã brasileira e sul-americana teve uma carreira cheia de glórias, inclusive como professora de Educação Física. Foi a primeira mulher a dirigir uma Escola Superior de Educação Física e também a participar do Conselho Nacional de Desportos. Mais informações sobre sua vida podem ser obtidas no livro autobiográfico de Maria Lenk, Braçadas e Abraços.

	<p style="text-align: center;">NATAÇÃO:</p> <p>MARIA LENK - a gloriosa nadadora patricia que acaba de realizar a maior façanha da nataçãõ nacional batendo o record mundial de 400 metros, nado peito, com o tempo de 6', 15'', 8/10. - esse record até á vitoria de Maria Lenk pertencia á alemã Gunger, com 6',19'',2/10. - O novo record da nataçãõ brasileira foi batido e homologado na piscina do Botafogo na competiçãõ organizada pela L.N.R.J. em 12 de outubro ultimo.</p>
--	--

Território permeado por ambigüidades, o mundo esportivo, simultaneamente, fascina e desassossega homens e mulheres, tanto porque contesta os discursos legitimadores dos limites e condutas próprias de cada sexo, como porque, através de seus rituais, faz vibrar a tensão entre a liberação e o controle de emoções e instintos individuais. Acrescenta-se a essas interpretações, a constatação de que os esportes são importantes meios de propagação de um modelo imaginário de nação e nacionalidade. E também de representações de masculinidade e feminilidade.

Fruto de idéias como essas é que para mulheres não são recomendadas várias modalidades esportivas. Na tentativa de interditar algumas práticas corporais femininas ou a pretensão de que as mulheres venham delas participar, em 1941, oficializa-se algumas proibições. Registra a *Revista Educação Physica*:

³¹ Folha da Manhã, 14/03/1935, p. 7.

CONDENADAS AS PROVAS DE MEIO FUNDO E FUNDO EM NATAÇÃO E ATLETISMO PARA AS MULHERES

O General Newton Cavalcanti apresentou ao Conselho Nacional de Desportos, as razões para o estabelecimento das instruções que regularão a prática dos desportos femininos em nosso país. O trabalho, que mereceu aprovação unânime dos demais conselheiros, está assim constituído: - Só devem ser praticados: Marchas - com efeito exclusivamente higiênico. Corridas - As de velocidade até 200 metros, revezamento até 100 metros e as de barreiras com percurso diminuído e as barreiras em menor altura, sendo, no entanto, proibidas as de meio fundo e “cross country”. Saltos - permitir, unicamente, os saltos em largura até 4m,60 e em altura, até a metade dos atingidos pelos homens e os de corda. “Não consentir a prática de saltos de vara, em profundidade e os tríplexes”. Lançamentos - Deverão apenas ser executados os de “disco, dardo e peso”, sendo que o peso de todos eles deve ser inferior aos usados pelos homens. Interditar o lançamento do martelo. Pentatlon - Decatlon - Lutas e Box - são “desportos que não devem ser permitidos para uso do sexo feminino”. Esgrima - É um excelente exercício para regular o sistema nervoso, principalmente quando praticado por ambos os braços. Remo - Natação - (Excluídas as de meio fundo e fundo). Saltos Hockey, Golf, Patinação, Equitação e Tiro de Pistola são desportos individuais que devem ser praticados pelo sexo feminino. O remo, porém, não deve ser praticado em competições e utilizado somente como meio de corrigir certas deficiências orgânicas. Desportos coletivos - os desportos coletivos mais aconselhados para a prática do sexo feminino são os de peteca, tennis, voleibol e basquetebol, sendo que estes últimos devem ter os seus campos e tempos de duração reduzidos. Neste gênero deve ser terminantemente proibida a prática do futebol, rugby, polo, water-polo, por constituírem desportos violentos e não adaptáveis ao sexo feminino.³²

Nem viragos, nem lindas flores débeis de estufa diz a *Revista Educação Physica*. Nem excesso de competição nem inatividade física, mas beleza, saúde, graça, harmonia de movimentos, leveza, vigor físico, energia e delicadeza. Se é, portanto, necessária a exercitação do corpo da mulher que seja realizada de forma a que estejam garantidas as características que asseguram seu jeito feminino de ser.

³² Revista Educação Physica n.º 59, outubro de 1941, p. 75.



Revista educação Physica, nº 15, fevereiro de 1938

Utilizando argumentos científicos, vários textos da *Revista Educação Physica* recomendam a natação como o esporte mais adequado às mulheres, pois sua técnica não exige demasiado desgaste físico, nem uma musculatura muito desenvolvida. Argumentam, ainda, que a compleição física feminina é mais adequada ao nado que a do homem, porque possui maior quantidade de tecido gorduroso, o que facilita a flutuabilidade, a desenvoltura no meio líquido e, conseqüentemente, o aprendizado deste esporte. Ou seja, universalizam representações do corpo do homem e da mulher como se, de fato, estes não apresentassem, também, corpos bastante diferentes entre si, independentemente do sexo ao qual que pertencem.

A natação solicita as grandes funções orgânicas, trabalha toda a musculatura, proporcionando ao músculo um desenvolvimento gracioso e harmônico e favorece uma certa espessura de panicúlo adiposo, benéfico sob vários aspectos, modelando as formas, burilando a esbeltês. Tonifica o sistema nervoso e educa o ânimo, “revigora o corpo e acrisola a alma”; higiênico e salutar, tentador e eufórico, o esporte do nado é indiscutivelmente o esporte da mulher.³³

Em relação à mulher é indiscutível a conveniência da natação, que regulariza as grandes funções orgânicas e através do automatismo do sistema nervoso vegetativo, equilibrando pelo sincronismo desse exercício, que proporciona aos músculos um

³³ Revista Educação Physica n.º 62-63, janeiro-fevereiro de 1942, p. 22-24.

desenvolvimento elástico e harmonioso e que favorece a boa proporção e distribuição do tecido adiposo, modelando a forma em graciosa beleza plástica. Higiênico e saudável, tentador e empírico, não resta a menor dúvida que a natação é o esporte da mulher.³⁴

Antes das publicações da *Revista Educação Physica*, Fernando Azevedo, também sugeria a natação como adequada ao organismo feminino e não apenas do ponto de vista físico:

A natação, que se deve considerar antes de tudo como um ato psíquico, uma luta contra o medo, sôbre ser um dos melhores exercícios respiratórios, é também o *exercício morfológico* por excelência, porque o nadador, diz Tissié, encontra resistência elástica a vencer pela pressão da água; é o sistema do *oposant* pela água. Não há, portanto, melhor exercício natural para a mulher, sob o ponto de vista higiênico e plástico, do que este que dá sempre às nadadoras uma forma harmoniosa, além de combater nelas a *emotividade*, que a natação substitui progressivamente pelo domínio de si mesmo. É por isso que, não queremos negar às *obreiras da vida* todo o direito a uma cultura física, em vez de as levarmos a certos exercícios gímnicos naturais que, por violentos, não lhes convenham ao organismo, devemos atraí-las à natação, que, exigindo uma aprendizagem e uma disciplina respiratória, exercitando os músculos em destreza, modelando os membros, avolumando a caixa torácica e dando às articulações uma força delicada e fina e ao torso graça e vigor, torna-se um exercício admiravelmente adequado à cultura física feminina.³⁵



CARMEM DIAS, nadadora do Fluminense F. C.
Revista Educação Physica nº 18, maio de 1938



SIGLINDA LENK - Recordista continental de
100 metros nado peito - irmã de Maria Lenk,
Revista Educação Physica nº 40, 1940.

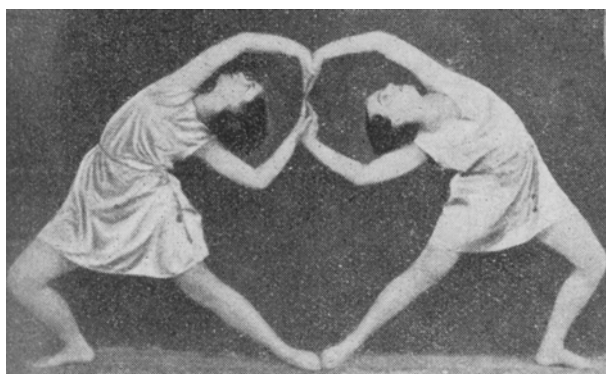
³⁴ Revista Educação Physica n.º 86, maio-junho de 1945, p. 22.

³⁵ Fernando de Azevedo, Educação Física para a mulher: ginástica, natação e dança, p. 83.

Para a *Revista Educação Physica*, o ser mulher que nada e se banha, é jovial, sedutor, implacável na sua beleza. É um ser feminino que reafirma sua feminilidade ao buscar preparar-se física e emocionalmente para ser uma mulher moderna: companheira de seu esposo, dedicada aos seus afazeres, ciente da importância de ser saudável, preocupada com a manutenção da sua beleza corporal. Isto é, cuidadosa com a preservação da sua imagem ou, também, da imagem que dela se faz.

Além da natação, a dança é amplamente recomendada às mulheres, sendo considerada como a atividade corporal que melhor reúne predicados que celebram a sua feminilidade. Associada à beleza, à sensibilidade e a uma imaginada e idealizada pureza da alma feminina, a *Revista* diz que é na dança e pela dança que mulher vivencia, pela leveza de gestos e movimentos, o exercício de diferentes sensações corpóreas.

Apesar da dança ser apresentada através de diferentes escolas e técnicas, é notória a influência que a arte de Isadora Duncan tem sobre seus autores e autoras e também sobre os responsáveis pela sua programação visual. Muitas das imagens escolhidas para compor suas páginas, quando associadas à arte de dançar, lembram Isadora: os movimentos gráteis, os pés descalços, as túnicas leves, os cabelos soltos, a naturalidade dos gestos, a ambientação da dança em locais ao ar livre.



Revista Educação Physica, nº 22, setembro 1938



Revista Educação Physica, nº 22, setembro 1938

Motivos existem para essa preferência: Isadora Duncan reverencia a arte grega e recorre à sua estética para celebrar representações de beleza e de feminilidade. Representações essas que estão sintonizadas com aquelas que a *Revista Educação Physica* insiste em divulgar.

No texto “A dança e sua inspiração”, escrito em forma de antigo diálogo grego, Isadora explicita a relação que compreende existir entre a beleza feminina, a dança e a arte grega. Eis alguns de seus fragmentos:

- Devíamos aprender que o corpo da mulher foi em todos os séculos símbolo da mais alta beleza.

(...) - Mas, - você perguntou, - como é que a mulher pode aprender a forma correta do seu corpo?

- Pense em tudo que você aprendeu na vida - respondi, - e diga-me quais as coisas que aprendeu melhor - as que leu em livros, ou as que experimentou ou viveu?

- Certamente - você retrucou, - as que eu mesmo vivi.

- Uma mulher deverá então encontrar esse conhecimento no ginásio de esportes, exercitando seus músculos, contemplando a perfeição das formas esculpidas, ou acha que fará isso pela continuada contemplação de objetos belos e do seu reflexão na mente dela?

- Tudo isso são meios, - respondi, - mas a coisa principal é que ela precisa usar essa beleza, e seu próprio corpo tem de se tornar o expoente vivo dela - não pelo pensamento ou contemplação da beleza apenas, mas pela vivência dela. E, como forma e movimento são inseparáveis, já que toda a vida é movimento, posso dizer que pelo movimento harmonizado com a forma bela, ela aprenderá, pois na sua evolução gradual, forma e movimento são uma coisa só.

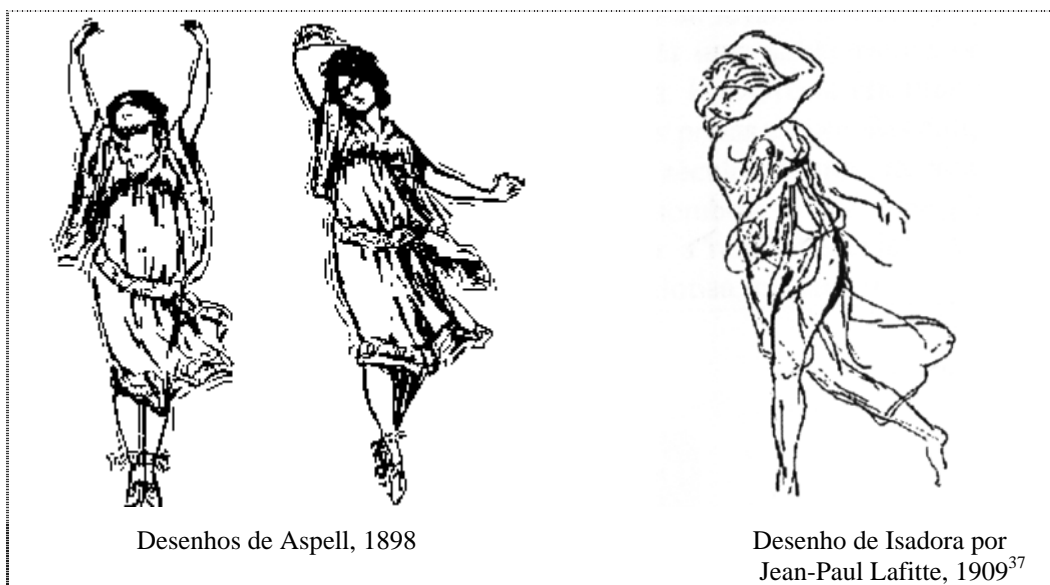
- E como você chamaria aquele movimento que se harmoniza com a mais bela forma humana?

- Há um nome, o nome de uma das mais antigas artes - honrado como o de uma das nove Musas - mas ele tem tão má reputação hoje em dia em nosso país, que acabou significando exatamente o oposto de sua definição. Eu o chamaria Dança.

- Ah, - você exclamou, entendendo, - então uma mulher deve aprender a beleza, a forma e o movimento através da dança?

- Sim, e acho que aqui há uma bela herança não revelada para as mulheres do futuro, a antiga dança que há de se tornar a nova dança. A mulher será escultora, não de pedra ou argila, ou mármore, mas de seu corpo, que fará chegar ao mais alto grau de beleza plástica; ela será pintora, mas como parte de um grande quadro misturará muitos grupos de novas luzes e cores mutantes.

No movimento de seu corpo ela encontrará o segredo da proporção correta de linha e curva, e a arte da dança será para ela uma grande fonte de nova vida para escultura, pintura e arquitetura. (...) ³⁶



Além da reverência à arte grega, um fato bastante específico contribuiu para que a sua arte adquirisse certa relevância dentro da *Revista Educação Physica*. No ano de 1916, em turnê pela América Latina, Isadora apresenta-se em São Paulo e a elite brasileira pode melhor conhecer sua concepção de dança, a proximidade com a estética grega e, também, a ousadia de seu comportamento pessoal.

Foi Isadora Duncan quem com seus pés nus pisou pela primeira vez a terra que, atrás de seu exemplo, se desnudaria. O esporte contribuiu imenso para liquidar com os homens de bigoderia e punhos postiços e as mulheres lacradas, vespas cloróticas que muitas vezes se recusavam dramaticamente a dormir com os maridos, pois não sabiam nada do que se tratava. ³⁸

³⁶ Isadora Duncan. *Isadora: fragmentos autobiográficos*, p. 42-47.

³⁷ Isadora Duncan. *Isadora: fragmentos autobiográficos*, p. 52-55

³⁸ Oswald de Andrade, *Um homem sem profissão, sob as ordens da mãe*, p. 56

Se Isadora causou impacto pela sua liberdade de artista, não menos impactante foi sua dança. A dodivanas, escreve Oswald de Andrade, era uma falena genial.

Isadora Duncan estreava em São Paulo. O pano se levantou e eu vi a Grécia, não a Grécia livresca dos sonetos de Bilac que toda uma sublitteratura ocidental vazava para a colônia inerte. Eu vi de fato a Grécia. E a Grécia era uma criança seminua que colhia pedrinhas nos atalhos, conchas nas praias e com elas dançava. O cenário único duma só cor abria-se para vinte e cinco séculos de mar, de montanhas e de céu. E do fundo duma perspectiva irreal, as sombras da caverna platônica tomavam a carne virginal de Ifigênia para ressuscitar a realidade única. A voz do piano arquitetava Gluck. Essa mulher é alga, sacerdotisa, paisagem.³⁹



Isadora Duncan - a grande bailarina de fama universal, que empolgou o mundo com o ritmo de seus movimentos, com o prestígio da sua beleza e com o talento da sua arte.⁴⁰

Fernando de Azevedo também foi seduzido pela dança de Isadora, em especial pela aproximação que ela tentava estabelecer entre sua arte e a estética grega. Ao recomendar a dança clássica para as mulheres, argumenta:

³⁹ Ibid, p. 117-118

⁴⁰ Revista Educação Física n.º 36, novembro de 1939, p. 12.

A dança clássica, ao ar livre, suavizada na sua rudeza de “saltos de corça” e corridas precipitadas, em que “semelhantes aos potros” as jovens gregas envôltas no peplo faziam voar a poeira (Aristófanes), a dança clássica que, pela graça rítmica do movimento e harmonia de atitudes estéticas, faz lembrar as virgens das panatenéias e uma festa anfictiônicas, tem uma elevada função educativa e é um dos maiores fatores de modelagem plástica do corpo humano. É o que demonstrou, entre outras, Isadora Duncan, na Escola de Danças de Bellevue, em que, trabalhando na ânsia incontida de realizar o sonho helênico, cinzelava pelo esmeril do exercício em suas pequenas discípulas êsses admiráveis modelos de flexibilidade muscular e perfeição anatômica, em que se aliava tôda a mobilidade colubreante das *Danaïdes* do *Pyxis* de Atenas à suavíssima graça da dançarina de Tânagra.⁴¹



Magnífica demonstração da dança executada por uma aluna da Escola de Educação Física de São Paulo. É como se fosse uma exaltação à beleza bucólica dos campos. Revista Educação Physica n.º 54, maio 1941, p. 11



A Arte de Tersícore. A fotografia que ilustra esta página é da jovem e talentosa professora de dança IARA MARÍLIA COUSTOL. Revista Educação Physica, n.º 57, agosto 1941, p. 45

Em que pese a importância das atividades físicas na educação da mulher grega há, na exacerbada valorização que vários autores e autoras nacionais fazem da

⁴¹ Fernando de Azevedo, Educação Física para a mulher: ginástica, natação e dança, p. 83

estética clássica, a apropriação de uma representação de feminilidade não apenas ligada às imagens corporais de graça e harmonia mas também de papéis e funções sociais atribuídas às mulheres daquele tempo.

No entanto, há que se considerar, que as “belas mulheres de Atenas” eram tratadas muito diferentemente dos “homens de Atenas”, inclusive do ponto de vista da sua sexualidade e da exercitação do seu corpo. O ginásio, local por excelência do trabalho corporal, ensinava que o corpo era parte de uma coletividade maior, a polis, e que pertencia à cidade. No ginásio era ensinado, também como usar o corpo de forma que ele pudesse desejar e ser desejado com honra e essa instrução era direcionada apenas para o homem grego pois a mulher era considerada um ser inferior.

O ginásio, portanto, era território de exercitação individual, social e sexual dos homens. Sigamos a narrativa de Richard Sennet:

O espaço público do ginásio não comportava cenas de sexo. Após os primeiros contatos, despertado o interesse entre parceiros, os dois machos retiravam-se para os jardins, ou marcavam encontros noturnos, na cidade.

A essa altura do relacionamento, o código sexual proibia qualquer penetração - felação ou cópula anal -, sendo admissíveis, apenas massagens mútuas do pênis com as coxas. Tal fricção elevava a temperatura dos corpos dos amantes e, mais do que a ejaculação, justificava a experiência sexual de ambos os machos. O coito acontecia com parceiros frente à frente, a mesma posição que servia para elevar a temperatura do corpo feminino, a fim de que as mulheres pudessem acumular força e gerar os fluidos necessários à concepção.

Nas relações heterossexuais, a mulher freqüentemente inclinava-se, oferecendo suas nádegas a um homem de pé, ou ajoelhado atrás dela. (...) A cultura dos gregos, assim como muitas outras, encontrava no intercurso anal tanto um prazer diferente como um método simples e seguro de contracepção. A posição expressava, ainda, *status* social: abaixada ou curvada, a mulher subordinava-se. Os machos efeminados abaixavam-se na mesma posição, para serem penetrados.⁴²

Ainda que essas questões não apareçam na *Revista Educação Física*, há uma compreensão diferenciada para homens e mulheres no que diz respeito ao

⁴² Richard Sennet, *O corpo e a cidade na civilização ocidental*, p.43.

exercício da sexualidade quando se faz referência à civilização grega e sua estética. Há um apelo à memória dos leitores/as sobre o que conhecem e desconhecem dessa cultura quando, seus textos e imagens, conferem significados e interpretações a representações que constroem e divulgam de feminilidade. E estas representações, quando associadas aos ideais gregos, fazem lembrar que a exercitação física da mulher responde à preservação da beleza e da fertilidade e o exercício da sua sexualidade está voltado para a procriação.

Nesse particular, a estética grega não significa mais a pertencente à Antigüidade clássica, mas tão somente aquela valorizada pela *Revista Educação Physica*. Ou melhor, aquilo do que da estética grega esta se apropriou, transformou e fez permanecer.

Ainda sobre a dança, é importante ressaltar que dançar é mais que desfrutar um deleite estético: é vibrar o corpo em sua plenitude, das vísceras aos músculos e à epiderme; é dilatar a criatividade e a afetividade, ao exprimir, com intensidade, vínculos com a natureza, suas forças e seus elementos, com a sociedade, com o trabalho, com o lazer e com as crenças e os mitos religiosos. Dançar é, também, movimentar desejos ligados ao exercício da sexualidade, despertando e sublimando os instintos e o apetite sexual.

Ao mencionar a dança como uma arte de caráter feminino, portanto, própria para as mulheres, a *Revista Educação Physica* exalta a descontração dos movimentos, o relaxamento dos músculos, a flexibilidade do corpo, a explosão das emoções, a graça das vestes, enfim, a experiência de diferentes sensações que traduzem liberdades corporais e expressivas contrárias à qualquer indício de rigidez.

Para além destas qualidades, aponta a dança como possibilitadora de atuar, também, na direção contrária, ao lhe conferir a função de reprimir e controlar não os movimentos da mulher que dança, mas o que está para além deles, no íntimo de sua subjetividade: a impetuosidade das paixões, a energia sexual, os impulsos eróticos e a lascívia.

(...) Acrescente que a dança, ato de grande significação sexual, representa um grande derivativo para o libido, sendo pois um elemento de profilaxia das neuroses. Mas mesmo como puro exercício físico, como aliás qualquer esforço muscular, a dança é um bom derivativo da atividade sexual. De fato, repouso corporal, a

alimentação forte, favorecem a função genital. O repouso forçado das mulheres coxas cria nelas qualidades que a lubricidade espanhola aprecia: “mujer y gallina, pierna quebrantada”. Idêntico provérbio têm os italianos que, na Calábria, curam a histeria com a dança - (...) E Balzac recomenda a dança no capítulo que se pode chamar a profilaxia do adultério”⁴³

Neurose, histeria e loucura, há muito aparecem associados aos instintos sexuais da mulher e à possível perversão decorrente do seu descontrole, seja pela ausência seja pelo excesso de práticas sexuais. Sob a tutela de diferentes saberes, o corpo e o psiquismo feminino, foram alvo de distintas intervenções, reprimindo e/ou reconhecendo a necessidade do prazer. Em inúmeros estudos do final do século XIX e início deste,

Partia-se do princípio de que, por natureza, na mulher o instinto materno anulava o instinto sexual e, conseqüentemente, aquela que sentisse desejo ou prazer sexual seria, inevitavelmente, *anormal*. Entretanto, a ausência do desejo e do prazer, que muitas vezes poderia provocar na mulher a repulsa pelo ato sexual, não deveria conduzi-la à recusa desse mesmo ato, pois impediria de se realizar com a maternidade. Mais do que a razão de ser de sua existência, ser mãe era considerado, mesmo pelos adeptos da frigidez natural feminina, a única via para salvar a mulher do perigo, sempre iminente, de cair no pântano insondável das doenças, cujas origens e efeitos eram caracterizados pelo entrelaçamento de elementos físicos, psíquicos e morais.⁴⁴

Sendo a finalidade reprodutora a nobre função da relação sexual, a masturbação, o homossexualismo, o coito interrompido, o sadomasoquismo, o sexo fora do casamento, o amor livre, e o celibato figuram como “desvios da sexualidade feminina”, merecendo atenção e controle, terreno fértil para a intervenção das práticas corporais e esportivas.

Para o corpo da mulher proliferam técnicas e estratégias de autoconhecimento e autocontrole que consistem não na restrição a sua movimentação mas, exatamente, no seu contrário: através do movimento e pelo movimento são estabelecidas formas sutis de aplicar um rígido controle sobre si mesmo.

⁴³ Revista Educação Física n.º 28, março/abril de 1939, p. 14-15.

⁴⁴ Magali Engel, *Psiquiatria e feminilidade*, p. 340-341. Sobre esse tema ler também Sílvia Nunes, *A mulher, o masoquismo e a feminilidade*.

A dança, apesar de possibilitar a criatividade e auto-expressão, também cumpre essa função de censura, dissimulando práticas disciplinares que se contrapõem à plena liberdade da sexualidade feminina. Seus rituais reclamam determinadas formalidades que estruturam hierarquias e disciplinas que buscam restringir e sublimar o despertar de possíveis impulsos sexuais.

A DANÇA EMBELEZA O CORPO E LEVANTA O ESPIRITO

Pelo Dr. H. MAGNIN

(...) A psicanálise pôs em evidência uma função da arte que se vê culminada com a dança. O libido, conjunto das inclinações sexuais, não podendo, debaixo de repressões restritivas do meio social, realizar-se na plenitude das suas expansões, é recalçado e retido no subconsciente. Na fronteira com a consciência clara está alerta a censura que regula a adaptação das atitudes do nosso espírito às exigências da vida social. Porém, no seu retraimento forçado, os apetites retidos borboteiam, e poriam em grave perigo o equilíbrio mental, se periódicamente, um afrouxamento da vigilância exercida pela censura, não permitisse aos impulsos proibidos exercitarem-se e obterem satisfação sob a forma mais frequente do sonho. Quando os impulsos subscientes se acham demasiadamente oprimidos sua inoportuna irrupção na consciência é brutal; a psicanálise explica assim os acidentes de nevrose, os delírios, especialmente os da demência precoce. A arte subministra às inclinações sexuais reprimidas a ocasião de libertar-se num jôgo de imagens impalpáveis. Assim se evitam a sobrepressão afetiva e a explosão de uma nevrose ou de um delírio. Aristóteles tinha notado já que o teatro, onde o espectador exerce sem perigo para os demais ou para si mesmo, tendências pessoais e satisfaz-se certas curiosidades, realiza o “expurgo das paixões”. A dança teria, pois, a mesma função; os abraços voluptuosos dos tangos e outras danças próprias da América neutralizariam a pesada sensualidade que, obscuramente, perturbava a consciência. Mas a censura está alerta; as danças exóticas têm parecido excessivas em certos ambientes burgueses, e foram corrigidas. A psicanálise havia assinalado já êsse disfarce, êsse engano que os impulsos sexuais devem suportar para não despertar nem irritar a censura que só algumas vezes adormece.

As jovens encontram na dança ocasião de crear gestos e formas de beleza, de expressar sentimentos, dos quais o mais vivo, o mais ardente, o que faz estremecer de eterno desêjo, é o amor: nas velhas danças de aldeia, sua linguagem é ingênua e encantadora. Para ser um jôgo sadio, a dança deve evitar as causas da excitação sexual demasiado vivas, que irritam o apetite ao invés de apaziguá-lo, e levar-se a cabo ao ar livre sob o alto cerrado das copas frondosas.⁴⁵

Não é apenas a dança clássica que a *Revista* aproxima da mulher: as danças regionais e folclóricas, a dança moderna e a dança de salão aparecem, algumas vezes, nas suas páginas. Isso significa compreender que dançar nem sempre é observado como uma atividade essencialmente feminina, ainda que, a maioria dos textos e

imagens que a ela se relacionam, faça referência às técnicas e escolas de dança femininas. Sozinha ou em companhia de outras, a mulher aprende a cultivar qualidades inerentes ao ser feminino, como a graça, a beleza, a delicadeza ao mesmo tempo que aprimora a saúde e a harmonia das formas corporais.

Sobre a dança social, isto é, homens e mulheres dançando juntos, a *Revista* também faz recomendações. São dois os artigos que a ela fazem referência. O primeiro deles, escrito por um brasileiro, põe em questão a influência nefasta que a dança social, quando mal direcionada, pode ter sobre a formação da personalidade dos jovens.

Vejamos:

BAILE OU DANSA

José Castillo

(...) Um par, envolvido pela onda e pela música chega até à vertigem, sem dar conta do cansaço. Por isso, esse esporte trará funestas consequências a quem abusar. Finalmente, o baile de salão, além do defeito dos locais fechados e de pouco ar, sem sol e nas horas em que o sono é mais necessário, constitui um sério perigo para a excitação que provoca em todos os que, vítimas de processos mentais mórbidos, sonham com paraísos artificiais e buscam na dança, já de antemão, a satisfação de prazeres eróticos. Os concursos de baile e ainda mais os de resistência constituem um paradoxismo.⁴⁶

O segundo identifica a dança como uma forma de educação, recreação e ascensão social, cujo autor, um americano, propõe a criação de cursos e escolas de dança de salão que desenvolvam a técnica de dançar a partir de alguns princípios que considera básicos, apresentados sob o nome de “O método de cinco pontos para o treino da dança social”. São eles: mecânica correta do corpo; análise do passo para diante e para trás; princípios de condução e acompanhamento; princípios dos movimentos harmoniosos com um parceiro e os passos do ritmo padrão. Para além da técnica de dançar, o texto sugere, também, gestos padronizados para homens e

⁴⁵ Revista Educação Física n.º 36, novembro de 1939, p. 18-19.

⁴⁶ Revista Educação Física n.º 62-63, janeiro-fevereiro de 1942, p. 32.

mulheres que traduzem formas convencionais de ser e se movimentar masculinas e femininas.

DANSA SOCIAL
Da sala de aula ao salão de baile

Lawrence Hostetler

(...) A dança é uma forma de educação que faculta um manancial de prazer e recreação para toda a duração de uma existência. Muito tempo depois de uma moça haver perdido o interesse em manejar uma vara de hockey, estará ainda passando noites agradáveis no salão de baile. O rapaz cuja principal preocupação do momento seja o football, terá nos anos por virem maior predileção em conduzir sua dama por sobre o chão de um salão de baile.

Independentemente do seu valor como neutralizante recreativo, a habilidade de dançar bem oferece certas vantagens sociais, que podem ter influências decisivas no êxito de vida de uma pessoa. Êsse fato me chegou à atenção recentemente durante uma palestra que mantive com um eminente funcionário de banco. Dissera-me êle: “Quando entrevisto jovens que procuram emprêgo no meu banco, tomo em cuidadosa consideração a sua capacidade de se misturar socialmente; especialmente a sua atitude para com as senhoras. Com respeito a isso, o treino do salão de baile, acompanhado das maneiras sociais graciosas, é indispensável. Se um rapaz não for maneiroso e galante, sentindo-se à vontade num grupo mixto, nas horas fora do escritório, não estará êle qualificado a render seu melhor serviço na repartição”. Sendo isso verdadeiro no mundo comercial, muitíssimo mais importante quando se trata de campos profissionais, onde tanto depende do encanto pessoal e da personalidade.⁴⁷



Corpo flexível, nem caído para frente ou estendido para traz, atitude correta, elegante e senhoril.



Comoda e elegante colocação dos braços - nem eleva-los acima do ombro ou extendê-los demasiado.

⁴⁷ Revista Educação Física n.º 38, janeiro de 1940, p. 19-22.

Maneiras de ser, de se comportar, de praticar atividade física, de dançar... padrões estabelecidos para um e outro sexo demarcando, assim, representações de feminilidade e masculinidade.

Para a *Revista Educação Física*, feminilidade pressupõe beleza e saúde, ainda que sejam diversas as suas representações. Pressupõe, sobretudo, a garantia do que culturalmente foi colado à imagem da mulher: a retidão do seu comportamento, a pureza da sua alma e a beleza do seu corpo, mesmo quando a retórica das palavras parece abrandar essa tipificação.

DEVE OU NÃO A MULHER DESENVOLVER A FORÇA?

Mario Alzua

Há um lustro, falar-se de força na mulher, seria grande heresia. Considera-se hoje que a força, não aquela dos brutamontes do circo, é inseparável da saúde. Neste artigo se explica o que deve ter em conta a mulher que aspirar pela beleza, pela força, pela saúde

Geralmente se pensa que a fragilidade seja estado normal da mulher: algo inerente, por assim dizer, à sua própria condição de feminilidade. Teria a natureza realmente determinado que a mulher fosse delicada e pouco resistente?

Será necessário que se conforme a mulher com tão desvantajosa situação?

Tal conceito parece ser unânime e prontamente reconhecido, pois não se emprega, acaso, a designação de “sexo fraco” para o sexo feminino?

Entendem os passadistas que a mulher, para ser adorável, sedutora, deve ser languida, qual fragil “bibelot” rodeado de inúmeros cuidados...

A fragilidade, tão cantada pelos poetas de antanho, constitui para alguns o “sumum”, o “non plus ultra” de feminilidade. Falar da força, resistência, exercícios físicos, em se tratando da mulher?... Que horror?... Que heresia!...

Pois bem: é necessário que esse conceito antigo, errado e arbitrário desapareça uma vez por todas.

A saúde não é independente da força, pelo contrário ambas estão intimamente ligadas. Mas, por que é débil a mulher? Por que é fisicamente inferior ao homem? Por uma razão muito simples: porque, sendo menina, e, mais tarde jovem, jamais se preocupou alguém em ajudá-la, ensiná-la a adquirir seu desenvolvimento completo. É isso, e, nada mais.

Que é força? Basta essa pergunta para que todo o mundo forje a imagem de um gigante, de músculos desmedidos, de costas enormes, tal como o exibem nas feiras.

Não é essa a força que se deve aspirar a mulher.

(...) O QUE SE ENTENDE POR MULHER FORTE

De tudo isto se deduz que para a mulher ser forte não precisará ter estatura imponente nem força descommunal. Precisa, simplesmente ser resistente, moderadamente muscular, viva, destra, resistindo ao frio, calor, á interperie, energica, frugal e sombria. Em uma palavra: ser capaz de marchar, correr, saltar, elevar-se, lançar-se, defender-se e nadar.

A força, compreendida tal como o explicamos e integrada por elementos detalhados, não é exclusiva do homem. Toda mulher pode possuil-a. E o que é mais, deve chegar a possuil-a

Exemplos, temos aos milhares com pequeno treino, pode a mulher chegar a ter tanta resistencia como o homem. Não falemos das tribus selvagens e primitivas, em que isto é uma realidade, e nas quaes o homem foi superado pela mulher. Também nos paizes civilizados, quando as guerras ou vicissitudes angustiosas os invadiram, a mulher mostrou-se tão resistente quanto o homem...

E quanto á resistencia á dor physica... respondam-nos os cirurgiões e os dentistas. Enfim, nossas leitoras têm palavra. Não transcorrerá muito tempo e hão de conquistar um logar ao qual teem o lidimo direito. Em natação, já estão quasi iguaes aos homens. Não acontecerá o mesmo em outras coisas?

PARA CONSEGUIR FORÇA, SAÚDE E BELLEZA

De qualquer maneira é a educação physica que deve recorrer toda mulher que desejar conservar a sua belleza ou argumental-a. Belleza não significa sómente formosura. Por belleza se entende o corpo gracioso e esbelto, movimentos faceis e harmoniosos, intelligencia prompta e desembaraçada, semblante esperto e expressivo e saúde perfeita.

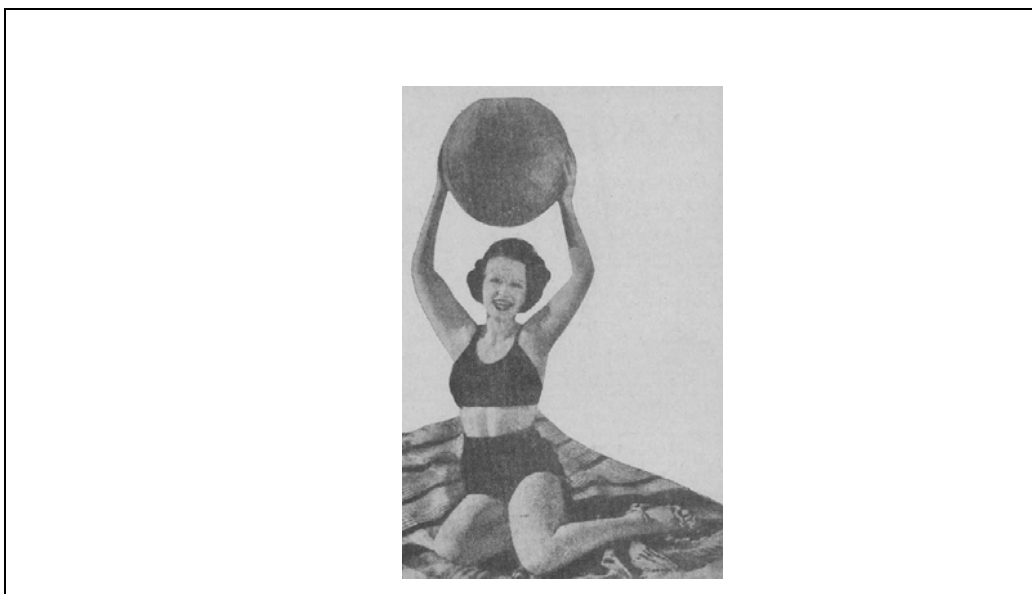
Fóra disso póde haver um remedio de belleza. Mas não a belleza integral, aquella que supporta victoriosamente a mais impertinente analyse, ainda que desprovida de qualquer classe de artificios.⁴⁸

A fragilidade feminina deixou de ser o “tabú” da evolução da educação física da mulher: hoje, tanto como os homens, dá ela o trabalho que deve aos seus musculos para o seu bem estar.

Com a destruição dêste conceito arcaico, a cultura física feminina, sempre guiada pelos técnicos, atingiu com suas atividades, todos os setores, mesmo os reputados “violentos”. E dentre êstes é saliente o medicine-ball, hoje recomendado como um dos melhores exercícius para o aperfeiçoamento do busto, embora até então fosse recomendado “apenas” aos homens.⁴⁹

⁴⁸ Revista Educação Physica n.º 9, abril de 1933, p. 24-25.

⁴⁹ Revista Educação Physica n.º 32, julho de 1939, p. 11.



Ainda que para as mulheres sejam indicadas algumas atividades físicas convencionalmente reservadas para o homem, é interessante observar como a *Revista Educação Physica* exhibe essas práticas. As mulheres pulam, saltam, correm, jogam, dançam e exercitam o corpo como se não houvesse esforço físico nestas práticas. São elegantes, limpas, híginas, sensuais e sobretudo, sorridentes. Alegres, esbanjam vitalidade e leveza.



Revista Educação Physica, nº 67, agosto 1942



Revista Ed. Physica, nº 1, mai/32



Revista Ed. Physica, nº 67, agosto/42



Rev Ed. Physica, nº 9, abr/37



Rev Ed. Physica, nº 26, jan/39

As roupas, leves e descontraídas, acompanham os movimentos permitindo amplitude na execução dos gestos. Desenham um jeito feminino de ser que, ao acompanhar as modificações que estão a se processar no corpo feminino possibilitam não só uma maior liberdade de movimentos mas também a expressão da sexualidade. Ao analisar as modificações que ocorreram no vestuário feminino deste a Antigüidade até nossos dias e a relação das roupas com a sexualidade, Anne Hollander, faz ver que:

Demonstrar a humanidade completa da mulher era essencial; e isto significava mostrar que seus corpos, como os dos homens, tinham muitas particularidades. Mostrar que as mulheres têm pernas comuns que funcionam exatamente como as dos homens (e não máquinas exóticas que servem para dançar e fazer acrobacias, mostrando-se rapidamente sob a frivolidade do brocado, ou membros sedutores que se comportam como braços inferiores que atraem apenas para agarrar e estrangular) era também mostrar que elas tinham músculos e tendões que trabalhavam de modo comum, assim como baço e fígado, pulmões e estômago e, por extensão, cérebro.⁵⁰

Ou seja, é ainda mostrar que esse corpo, exposto também pela sua vestimenta, é capaz de impelir o observador ao toque convidando-o a sentir a sensualidade de

quem o possui. As roupas femininas do início deste século, não mostravam apenas a estatura da mulher mas também sugeriam a maneira como este corpo se fazia sentir por sua dona e como ele poderia sentir-se quando tocado por outros.

Na moda do passado, o apelo feminino ao toque tinha sido indireto, com atração dos tecidos fazendo com que a roupa se apresentasse, em vez do corpo, oculto e intocável. A cintura vestida por um corpete era um convite ao abraço, mas oferecia um apelo perverso junto com a recusa. Acima dela, o peito exposto exigira ser considerado uma escultura suave, pedindo que fosse visto como parte de uma obra de arte a ser apreciada de certa distancia; e a própria mulher parecia convenientemente distanciada dele. Neste século, porém, as peles, lãs macias e sedas que aderiam ao corpo pareciam finalmente confessar que uma mulher podia senti-lo; e elas convidavam diretamente os outros a senti-las e considerá-las criaturas vivas e capazes fisicamente de dar respostas.⁵¹



Revista Educação Physica, nº 40, março 1940



Revista Educação Physica, nº 47, outubro 1940

⁵⁰ Anne Hollander, O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno, p.84.

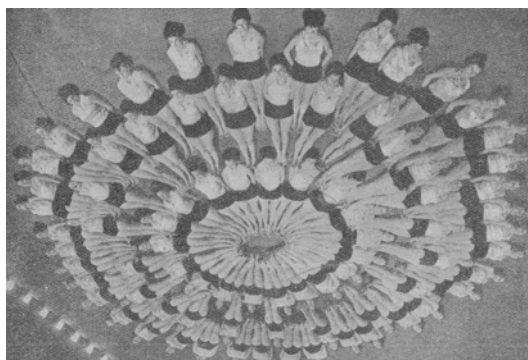
⁵¹ Ibid, p. 166. Sobre a moda feminina ler também Gilda de Mello e Souza, O espírito das roupas: a moda no século XIX.



Em um festival de natação realizado há pouco em Nova York desfilaram esses modelos de “maillot” representando o passado, o presente e o futuro. Mas... pelo que vemos em Copacabana o futuro há muito   presente no Brasil. Revista Ed. Physica, n  38, janeiro 1940, p. 27.

Ainda sobre a exposição do corpo feminino, na *Revista Educação Physica*, quando fotografadas em conjunto, as mulheres parecem executar uma danç , mesmo que estejam paradas para que a foto seja produzida. Os gestos são coreografados e captados na artificialidade de um movimento que não existe quando registrados pela câmera fotográfica. A idéia do movimento é, portanto, expressa pelo não movimento fazendo crer a quem vê que as práticas corporais e esportivas proporcionam beleza, saúde, harmonia, prazer e satisfação pessoal.

Vejamos essas imagens:



Revista Educação Physica, n  14, janeiro de 1938, p. 18⁵²

Numeros interessantes executados pelas alunas alunas do modelar estabelecimento⁵³

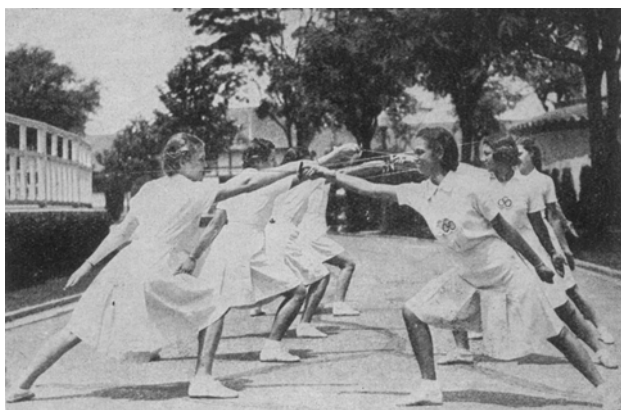
⁵² Imagem que ilustra o artigo “Desportos - Jogos - Passeios - Diversões - Viagens”, escrito pelo Dr.A Austragesilo. Essa mesma imagem aparece, também, na Revista Educação



Revista Educação Physica 32, julho de 1939, p. 11⁵⁴



Revista Educação Physica 31, junho de 1939, p. 11



Alumnas da Escola Superior de Educação Physica do Governo de São Paulo⁵⁵

Physica n.º 26, de janeiro de 1939, ilustrando o texto “a Ginástica Educativa e a Mulher, escrito por Lucien Dehoux.

⁵³ “Educação Física” iniciando uma serie de reportagens sobre a cultura física, visita a “Escola Paulo Frontin”, Revista Educação Physica n.º 31, junho de 1939, p. 47

⁵⁴ Imagem que acompanha o texto “Exageros e perigos do esporte”



Uma phase de aula de gymnastica feminina, musicada, praticada diariamente pelas alumnas da Escola Superior de Educação Physica de São Paulo.⁵⁶

Mas não são apenas nos textos e imagens que fazem referência às práticas corporais e esportivas que elas são assim exibidas e se exibem. Em vários dos anúncios comerciais, corpos de mulheres chamam a atenção dos leitores/leitoras para o consumo de produtos como cigarro, cerveja, serviços bancários, seguros de vida, remédios, aparelhos ginásticos, máquinas fotográficas, entre outros. Imagens que gravam em quem as vê representações de beleza feminina e de feminilidade.



Revista Educação Physica, nº 6, set/1936 Revista Educação Physica, nº 88, set/out, 1945

⁵⁵ Fotografia que ilustra o artigo “Sobre o Instituto de Educação Physica da Universidade do Chile, publicada na Revista Educação Physica n.º 22, setembro de 1938, p. 21-24.

⁵⁶ Fotografia que ilustra o artigo “Historia da Educação Physica. A dança e seu sentido religioso”, publicada na Revista Educação Physica n.º 21, agosto de 1936, p. 12-15.



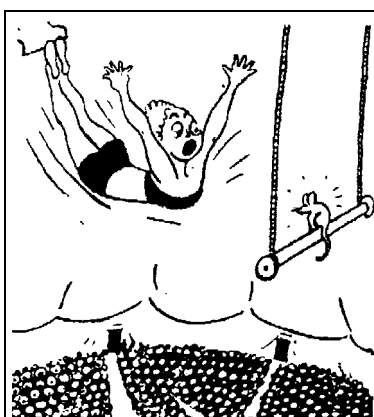
Revista Educação Physica, nº 36, nov/39



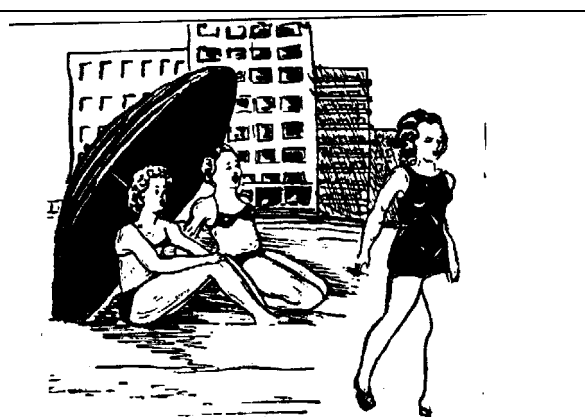
Depois de um GUARANÁ ou da ÁGUA TONICA DA ANTARCTICA, qualquer sport ganha encanto! Revista Educação Physica, nº 9, abril de 1937

Essas mesmas representações aparecem, também, na sessão BOLAS, espaço que a *Revista Educação Physica* destina às charges, piadas e comentários humorísticos.

BOLAS: ELAS NO ESPORTE



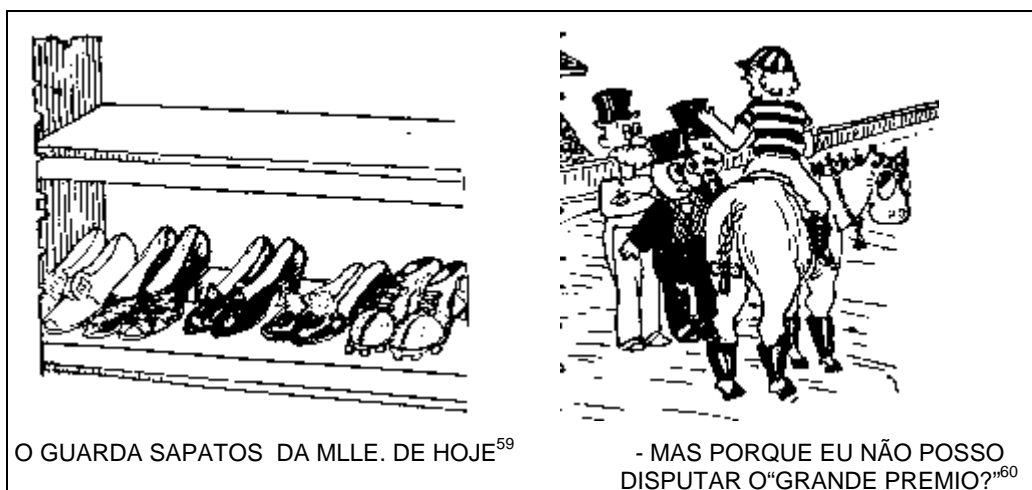
A MAIS TERRIVEL AVENTURA DE SE
UMA ACROBATA⁵⁷



UMA DELAS: NÃO COMPREENDO COMO TENHA CORAGEM DE USAR UM MAILLOT TÃO "INDECENTE"⁵⁸

⁵⁷ Revista Educação Physica n.º 11, novembro de 1937

⁵⁸ Revista Educação Physica n.º 45, agosto de 1940.



Por certo, as imagens que a *Revista Educação Physica* publica são imagens femininas. Não porque registram/retratam mulheres mas porque construídas a partir de um olhar recheado de convenções, e para o qual o termo feminilidade parece não existir no plural.

Bela, maternal e feminina: imagens presentes na *Revista Educação Physica* e também no imaginário social de um país que identifica na mulher um elemento importante para a sua modernização.

Juventude, beleza, ousadia, disposição, saúde, alegria, perseverança, dedicação, prudência, atributos transformados em virtudes, que, quando aparecem colados à figura da mulher, tensionam diferentes perspectivas pois ao mesmo tempo que ampliam suas possibilidades individuais e sociais a encerram dentro de padrões de ser e de se comportar.

Se as imagens da mulher frágil e da indolente não são úteis ao projeto de modernização nacional também não são as da libertina, da prostituta e da mulher sem par e sem filhos, visto que colocam em suspeição um ideal feminino de existir, onde a audácia anda ao lado da compreensão e da delicadeza, o trabalho fora de casa concilia-se com as tarefas domésticas e a educação dos filhos e as recomendações

⁵⁹ Revista Educação Physica n.º 45, agosto de 1940.

direcionadas para o seu corpo estão ligadas a sua preparação para o trabalho e para a procriação. Portanto, que reafirmam os valores dominantes para os quais a emancipação feminina refere-se tão somente aquelas conquistas que não ameaçam as estruturas sociais vigentes, marcadas por diferentes hierarquias, dentre as quais, a hierarquia entre os sexos.

Bela, maternal e feminina: imagens que se mostram no passado e também no presente através de outros e novos discursos ou de outras e novas maneiras de representá-las. Imagens transitórias e ao mesmo tempo permanentes porque já gravadas na nossa memória, apreendidas pela nossa sensibilidade e inteligência e para as quais já elaboramos conceitos, como por exemplo, sobre o que entendemos ser uma mulher e o que para ela esperamos ser permitido ou proibido. Imagens positivas que ao se apresentarem como reais reforçam um caráter de naturalidade, ou seja, de que assim é porque assim, em algum momento, foi.

As imagens presentes na *Revista Educação Física* e aquilo que delas permanece noutros lugares e noutros tempos, afirmam uma permanência disfarçada pela sutileza das pequenas alterações e pelas formas sempre reinventadas de entendê-las e apreciá-las. Imagens representativas de determinadas escolhas estéticas e políticas que ao serem aceitas como normais possibilitam a existências de diferentes intervenções sobre corpo feminino na tentativa de corrigir distorções ou anular desvios.

Bela, maternal e feminina, imagens afirmativas que permitem compreender que o corpo da mulher ao mesmo tempo que é seu não lhe pertence.

⁶⁰ Revista Educação Física n.º 37, novembro de 1937.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Jornais:

Folha da Manhã, 14/03/1935, p. 7.

Folha de São Paulo. A história das olimpíadas, 7 de junho de 1996, p.3

Periódicos:

Revista Educação Física, nº 1, maio de 1932.

Revista Educação Physica, nº 3, setembro de 1933.

Revista Educação Physica, nº 4, março de 1934.

Revista Educação Physica, nº 6, setembro de 1936.

Revista Educação Physica, nº 8, fevereiro de 1937.

Revista Educação Physica n.º 9, abril de 1937.

Revista Educação Physica n.º 10, junho de 1937.

Revista Educação Physica, nº 11, setembro de 1937.

Revista Educação Physica nº 12, novembro de 1937.

Revista Educação Física n.º 14, janeiro de 1938.

Revista Educação Física n.º 15, fevereiro de 1938

Revista Educação Física n.º 17, abril de 1938.

Revista Educação Física, nº 19, junho de 1938.

Revista Educação Physica, nº 20, julho de 1938.

Revista Educação Physica nº 21, agosto de 1938.

Revista Educação Physica, nº 23, outubro de 1938.

Revista Educação Physica, nº 26, abril de 1939.

Revista Educação Physica, nº 28/29, março/abril de 1939.

Revista Educação Physica, nº 32, julho de 1939.

Revista Educação Physica nº 33, agosto de 1939.

Revista Educação Physica, nº 36, novembro de 1939.

Revista Educação Physica nº 37, dezembro de 1939.

Revista Educação Physica, nº 39, fevereiro de 1940.

Revista Educação Physica nº 41, abril de 1940.

Revista Educação Physica n.º 45, agosto de 1940.

Revista Educação Physica, nº 46, setembro de 1940.

Revista Educação Physica 47, outubro de 1940.

Revista Educação Physica nº 49, dezembro de 1940.

Revista Educação Physica , nº 51, fevereiro de 1941.

Revista Educação Physica nº 53, abril de 1941.

Revista Educação Physica, nº 54, abril de 1941.
 Revista Educação Physica, nº 61, dezembro de 1941.
 Revista Educação Physica, n. 62-63, janeiro-fevereiro de 1942.
 Revista Educação Physica nº 66, julho de 1942.
 Revista Educação Physica nº 67, agosto de 1942.
 Revista Educação Physica, nº 70, novembro de 1942.
 Revista Educação Physica 71, dezembro de 1942.
 Revista Educação Physica, 73, março/abril de 1943.
 Revista Educação Physica n 77, março de 1944.
 Revista Educação Physica, n. 84, janeiro e fevereiro de 1945.
 Revista Educação Physica, nº 86, maio-junho de 1945.

Outras obras de referência:

ADORNO, Theodor. *Minima Moralia*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

ALMEIDA, Milton José. *Cinema Arte da memória*. Campinas:Autores Associados, 1999.

ALTMANN, Helena, CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando F. da, GOELLNER, Silvana V. e MELO, Victor A Women e Sport in Brazil.In: CHRISTENSEN, Karen (org.) *Encyclopedia of Women's Sport*. Oxford University Press, 1999.

ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão sob as ordens de mamãe*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1974. 2ª ed. 140p.

AZEVEDO, Fernando. *Da Educação Física. O que ela é, o que tem sido e o que deveria ser*. São Paulo: Edições Melhoramentos, s.d.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGER, John. *Modos de ver*. Barcelona: Editorial Gili, 1974.

BESSE, Susan K. *Restructuring Patriarchy: The modernization of gender inequality in Brazil. 1914-1040*. North Carolina: University of North Carolina Press, 1996.

BLOCH, Marc. *Introdução à história*. Mem Martins: Publicações Europa-América, s.d.

- BOCK, Gisela. A política sexual nacional-socialista e a história das mulheres. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente: o século XX*. Porto: Edições Afrontamento, 1991.
- BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da femininidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alinson M. e BORDO, Susan R. *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.
- CASA NOVA, Vera. *Lições de Almanaque - um estudo semiótico*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.
- COTT, Nanci F. A mulher moderna. O estilo americano dos anos vinte. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente: o século XX*. Porto: Edições Afrontamento, 1991.
- CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando F. da. A produção teórica brasileira sobre Educação Física/Ginástica publicada no século XIX: autores, mercado e questões de gênero. In: FERREIRA NETO, Amarílio (org.). *Pesquisa Histórica na Educação Física - Volume 3*. Aracruz: Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, 1998.
- D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: In: PIORE, Mary Del (org.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997
- DUBY, Georges e PERROT, Michelle. *Imagens da mulher*. Porto: Edições Afrontamento, 1992.
- DUNCAN, Isadora. *Isadora: fragmentos autobiográficos*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1981.
- ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: PIORE, Mary Del (org.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editoras UNESP, 1993.
- GÓIS JUNIOR, Edivaldo. *A Revista Educação Physica (1932-1945): relatos e discussões*. (monografia). Presidente Prudente, UNESP, 1997.
- GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, s.d.
- GUBH, Albrecht K. V. e RIEFENSTAHL, Leni. *Leni Riefenstahl: a memoir*. New York: St. Martin's Press, 1992
- HAHNER, June. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Editora brasiliense, 1981.

- HASSE, Manuela. *O divertimento do corpo: corpo, lazer e desporto na transição do séc. XIX para o séc. XX em Portugal*. Lisboa: FMH, 1993 (tese de doutorado).
- HÉBERT, Georges. *L'Éducation Physique Féminine. Muscle et beauté plastique*. Paris: Librairie Vuibert, 1921.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 7ª edição.
- HOLLANDER, Anne. *O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- HOLMES, Judith. *Olimpíada - 1936. Glória do Reich de Hitler*. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1974.
- ISMÉRIO, Clarice. *Mulher: a moral e o imaginário (1889-1930)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- KEHL, Maria Rita. *A mínima diferença. Masculino e feminino na cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KEHL, Renato. *Porque sou eugenista*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1937.
- KRETZCHMAR, Lotte. *Cultura Physica Feminina*. Rio de Janeiro, 1932.
- LANCELOTTI, Sílvio. *Olimpíadas 100 Anos: história completa dos Jogos*. São Paulo: Círculo do Livro, 1996.
- LEAKE, Grace Cothcote. O que é feminidade? In: *Revista de Educação Physica do Exército*, nº 10, agosto de 1933.
- LENK, Maria. *Braçadas e Abraços*. Rio de Janeiro: Gráfica Bradesco, 1982.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MAGALHÃES, Marionilde B. de. *Pangermanismo e Nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESO, 1998.
- MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (org.) *História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MENEZES, Paulo. *A trama das imagens: Manifestos e Pinturas no Começo do Século XX*. São Paulo: EDUSP, 1997.

- NAZÁRIO, Luiz. Reflexões sobre a estética nazista. *Cultura Vozes*, Vol. 90, nº 3, maio-junho, 1996.
- NUNES, Silvia Alexim. A mulher, o masoquismo e a feminilidade. In: BRUSCHINI, Cristina e HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998.
- OLIVEIRA, Rosiska D. *Elogio da diferença: o feminino emergente*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- O'NEILL, Eileen. (Re) Presentações de Eros: explorando a atuação sexual feminina. In: JAGGAR, Alinson M. e BORDO, Susan R. *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.
- PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1994.
- PEDERNEIRAS, Raul. *Scenas da vida carioca*. Rio de Janeiro: Oficinas Graphicas do Jornal do Brasil, 1924.
- PENNA, Lucy. *Corpo sofrido e mal-amado: as experiências da mulher com o próprio corpo*. São Paulo: Summus, 1989.
- PERROT, Michelle. As mulheres e suas imagens ou o olhar das mulheres. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle. *Imagens da mulher*. Porto: Edições Afrontamento, 1992.
- PFISTER, Gertrud. Conflicting femininities: the discourse on the female body and the physical education of girls in the National Socialism. In: *Sport History Review*, nº 28, 1997.
- PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO. *O Desejo na Academia (1847-1916)*. São Paulo: PW Gráficos e Editores Associados, 1991.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar - Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 2ª ed. 210 pg.
- _____. *O prazer no casamento*. In: *Idéias*. Ano 2, nº 2, julho/dezembro 1995.
- QUARESIMA, Leonardo. *Leni Riefensthal*. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1985.
- RANGEL SOBRINHO, Orlando. *Educação Physica Feminina*. Rio de Janeiro: Typografica do Patronato, 1930
- RIEFENSTAHL, Leni. *Olympia*. New York: St. Martin's Press, 1994

- SANT'ANNA, Denise B. de. Cuidados de si e Embelezamento Feminino: Fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: SANT'ANNA, Denise B. de (org.) *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- _____. Corpo e História. In: NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISA DA SUBJETIVIDADE DO PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA DA PUC/SP. *Cadernos de Subjetividade*. Vol. 1, n.1, São Paulo, 1993.
- SCHPUN, Mônica Raisa. Códigos sexuais e vida urbana em São Paulo: as práticas esportivas da oligarquia nos anos vinte. IN: SCHPUN, Mônica Raisa (org.) *Gênero sem fronteiras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.
- _____. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Editora SENAC/Boitempo Editorial, 1999.
- SENNET, Richard. *Carne e pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SHOWALTER, Elaine. *Anarquia sexual: sexo e cultura no fim de siècle*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1990.
- SIMPSON, Amélia. *Xuxa: megamarketing do sexo, da raça e da modernidade*. São Paulo: Sumaré, 1994.
- SIMSON, Olga Rodrigues de M. von. Imagem e memória. In: SAMAIN, Etienne. *O Fotográfico: São Paulo:Hucitec, 1998*.
- SONTAG, Susan. *Sob o signo de Saturno*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.
- SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- TEJA, Angela. *Educazione Fisica al femminile*. Roma: Sicietà Stampa Sportiva, 1995.
- VALETA, Ana. *Metodo de gimnasia sueca y respitaroria*. Montevideo: Editorial Higiene y Salud, s.d.
- VASCONCELLOS, Maria da Penha C. (coord.). *Memórias da saúde pública: a fotografia como testemunho*. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora HUCITEC/ABRASCO, 1995.